



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

Castelo Novo de Évora: Análise e Interpretação Arquitetónica

Mestrando | Fábio André Mateus Dimas

Orientação | João Barros Matos

Mestrado em Arquitetura

Área de Especialização | Arquitetura

Dissertação

Évora, 2019

Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

Castelo Novo de Évora: Análise e Interpretação Arquitetónica

Mestrando | Fábio André Mateus Dimas

Orientação | João Barros Matos

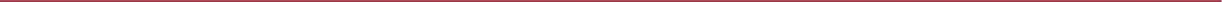
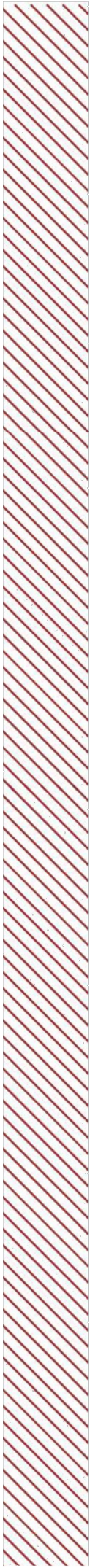
Mestrado em Arquitetura

Área de Especialização | Arquitetura

Dissertação

Évora, 2019

Esta dissertação inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri



JÚRI:
PRESIDENTE: Profª. Doutora Sofia Salema
ARGUENTE: Profª. Doutor João Soares
ORIENTADOR: Profª. Doutor João Matos

NOTAS / OBSERVAÇÕES:
A presente dissertação de mestrado segue as normas do novo acordo ortográfico.
A mesma assenta sobre uma narrativa teórico-histórica e surge no reconhecimento da observação do objeto de estudo através de uma vivência pessoal e profissional, balizada entre 2010 e 2016.
Para o seu melhor entendimento, foi produzida uma exposição em coautoria com o Arq. António Gabriel e em parceria com a Direção de História e Cultura Militar, em 2015 e 2016, intitulada de Fronteiras Temporais - Evolução Morfológica das Fortificações.
Os desenhos apresentados foram elaborados/reelaborados pelo autor, baseados em investigações e interpretações históricas e/ou cartográficas, mencionadas nas referências bibliográficas e iconográficas.
Estes foram produzidos para acompanhar a consulta do documento, sendo indispensáveis para a sua leitura e compreensão. A disposição de cada elemento gráfico, colateral à informação teórica, torna-o parte integrante do conjunto e não um anexo.

"TRABALHO ILVSTRE DVRO E ESCLARECIDO"

Divisa do **Comando de Instrução e Doutrina**, patrono **D. João IV**, Lição de Artilharia e Esquadria, 1641.

"Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empresa, qual a vós se deve,
Trabalho ilustre, duro e esclarecido,
O que eu sei que por mi vos será leve."-
Não sofri mais, mas logo: - "Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

Os Lusíadas, Canto Quarto, Estrofe 79, **Luís Vaz de Camões**, 1572.



Fig. 01 | Imagem Estereoscópica, Homens Apeados, Rossio de São Brás, Évora, 1920.

"Quando se ouviu aquele ruído, juntou-se muita gente e ficaram todos admirados, porque cada um deles os ouvia falar na sua própria língua."

Act 2, 6

um **OBRIGADO**

ao Professor e Arquiteto João Barros Matos, orientador desta dissertação, que prontamente apoiou e defendeu a sua pertinência, fazendo-me assim ter o alento necessário para encarar a sua realização,

aos Camaradas e a instituição que é o Exército Português, por toda a disponibilidade na consulta e na transmissão de conhecimento ao longo desta etapa e do meu percurso académico,

aos Colegas e amigos que de forma direta e indireta participaram na construção da minha formação, David Pinto, António Gabriel, Gonçalo Mendes, Tiago Saraiva, João Bilou, Cláudio Velez, Rui Silvestre, Marco Martins,

por último, mas não em último, à minha família no geral, à minha MÃE em particular, pilar mestre da minha educação, alicerce fundamental de todas as etapas da minha vida.

ÍNDICE

0.0

- p 018 | Resumo
- p 019 | Abstract
- p 020 | Objeto
- p 021 | Objetivos
- p 022 | Metodologias
- p 023 | Estado da arte

1.0

- p 025 | Enquadramento
 - 1.1 p 027 | Geográfico
 - 1.2 p 029 | Temático

2.0

- p 037 | Evolução Histórico-Morfológica
 - 2.1 p 043 | Evolução Urbana de Évora
 - 2.2 p 049 | Outeiro da Vila Nova

3.0

- p 065 | Caso de Estudo
 - 3.1 p 065 | Castelo Novo séc. XVI
 - 3.2 p 073 | Castelo Novo séc. XVIII
 - 3.3 p 085 | Castelo Novo séc. XXI

4.0

- p 106 | Considerações Finais
- p 108 | Glossário
- p 110 | Referência Bibliográficas
- p 120 | Complemento

CASTELO NOVO DE ÉVORA:
ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO ARQUITETÓNICA.

RESUMO

O Castelo Novo de Évora surge implantado a SE da cerca nova de Évora, numa pequena elevação topográfica que marca o perfil da cidade, chamado de Outeiro da Vila Nova. Construído no século XVI a mando de D. Manuel I, sob traça arquitetónica do mestre das obras do Alentejo, Diogo de Arruda, foi alvo de grande transformação no século XVIII comandada pelo Engenheiro Miguel Luís Jacob, adquirindo então a traça que conhecemos nos dias de hoje. Pretende-se com a investigação desenvolvida compreender a evolução morfológica e o carácter *sui generis* do Castelo Novo de Évora.

PALAVRAS-CHAVE: CASTELO NOVO DE ÉVORA; ARQUITETURA MILITAR; PATRIMÓNIO; FORTIFICAÇÃO; PIROBALÍSTICA.

CASTELO NOVO OF ÉVORA:
ARCHITECTURAL ANALYSIS AND INTERPRETATION.

ABSTRACT

The Castelo Novo of Évora is implanted in the SE of the new Wall of Évora, in a small topographic elevation that marks the profile of the city, called Outeiro da Vila Nova. Built in the 16th century by command of D. Manuel I, under the architectonic traces of the master of the Alentejo's works, Diogo de Arruda, was a major transformation in the eighteenth century led by the Engineer Miguel Luís Jacob, acquiring the form that we know these days. It is intended with the research developed to understand the morphological evolution and the *sui generis* character of Castelo Novo of Évora.

KEYWORDS: CASTELO NOVO OF ÉVORA; MILITARY ARCHITECTURE; PATRIMONY; FORTIFICATION; PYROBALLISTICS.

OBJETO

O objeto de estudo do trabalho é o Castelo Novo de Évora.

Urbano, localizado a SE da cerca nova na cidade de Évora, sobre uma pequena elevação topográfica que marca a silhueta do perfil da cidade, chamado de Outeiro da Vila Nova.

Monumento notável, de elevada qualidade espacial, elemento singular, de fortes relações com o território, urbano-rural, ganha grande expressão no domínio do espaço envolvente.

Classificado pelo IPPAR como Imóvel de Interesse Público, em 2004, é por proposta do DRCAlentejo que lhe é atribuído, em 2012, pelo IGESPAR a classificação de Monumento Nacional, fazendo parte integrante na Lista de Património Mundial da UNESCO do Centro Histórico de Évora.

OBJETIVOS

A investigação desenvolvida pretende aprofundar o conhecimento sobre o objeto de estudo. Tanto nos aspetos históricos, as motivações políticas e ação dos intervenientes que estiveram na sua origem e processo de construção, assim como de transformação, os aspetos arquitetónicos, estratégicos, territoriais, de desenho e construtivos, pretendendo com tal contribuir para a clarificação do seu passado e evolução construtiva, e em consequência para a sua salvaguarda com a produção de um documento com conteúdos teóricos e gráficos.

São os gerais caraterizar o enquadramento global que precedeu à construção do Castelo Novo de Évora, traçando um contexto histórico e arquitetónico alargado, indagando nas respetivas ramificações com o intuito de estabelecer paralelismos com tratados de arquitetura e outros, estabelecendo também comparações formais com outros exemplos posteriores e da época, na tentativa de identificar e definir formas de atuação sobre o território, contribuindo assim para perceber qual o seu lugar numa época de transformação e afirmação para a arquitetura militar.

Salvaguarda-se a pertinência do tema no período balizado, com o estudo deste objeto, pela sua importância como um caso ilustrativo e basilar na evolução da Arquitetura Militar em Portugal, afirmando-se no seu momento de construção como um exemplo de modernidade, modelo raro, erudito. Sendo como tal um dos primeiros numa nova linguagem formal, desenhado e construído de raiz.

Acresce o facto de ao longo do tempo se ter descorado o seu estudo, apesar de inegável valor dos seus predicados, o que bem se poderia atribuir à mistificação criada em torno de sua autoria.

Em falta está com certeza, a análise e estudo desta construção sob o olhar e com ferramentas próprias da Arquitetura, que se espera resulte na criação de um documento que não ajude apenas a clarificar o seu passado e evolução até ao presente, mas que também como base de trabalho possa contribuir no apoio a futuras intervenções.

METODOLOGIA

A metodologia a aplicar de acordo com a pretensão na realização de uma dissertação de carácter histórico-arquitetónico assenta sobretudo na compilação da cartografia histórica, levantamento fotográfico e arquitetónico, análise e interpretação de documentação arquitetónica e histórica existente, elaboração de novos elementos gráficos, e na realização de maquetas.

ESTADO DA ARTE

Para uma completa compreensão do objeto de estudo em causa foi necessário uma análise cuidada de várias obras das mais diversas áreas, onde se destacam:

Arquitetura: CORREIA, Luís - (2010). *Castelos em Portugal retrato do seu perfil arquitectónico,1509-1949*, Coimbra.
Permite perceber como as fortificações se transformam e moldaram o território Português ao longo dos tempos.

História: BARROCA, Mário Jorge - (2003). *Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D.Manuel I (1495-1521)*. Portugalia, Nova Série, Vol. XXIV.
PEREIRA, Paulo - (1989). *Evoramonte: a Fortaleza*, Lisboa.
MOREIRA, Rafael - (1983). *Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento «Abre-se a Terra em Sons e Cores» As Descobertas e o Renascimento, Formas de Coincidência e de Cultura*, VXII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, Lisboa.
ESPANCA, Túlio - (1966). *Inventário Artístico de Portugal, Concelho de Évora*.

Planeamento: CONCEIÇÃO, Maria Teresa - (2011). *Os desenhos do engenheiro militar Miguel Luís Jacob e a cartografia das praças de guerra no século XVII*. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, IV Simpósio Luso Brasileiro de Cartografia Histórica.

Da interpretação de cartografia histórica destaca-se os desenhos Miguel Luiz Jacob de 1737-1760.

As investigações até hoje produzidas assentam sobretudo em documentação escrita sendo que a escassez de documentos gráficos dificulta bastante a nossa compreensão.



ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Évora, capital de distrito, ocupa uma zona central na sub-região do Alentejo central, localização estratégica que lhe conferiu ao longo da história importância económica e política no panorama nacional.

Em termos geomorfológicos, a cidade situa-se numa vasta peneplanície de ondulação muito suave onde a altitude média é de 240 metros, da qual ocupa uma área de maiores altitudes, que, no máximo, atingem os 310 metros.⁽¹⁾

Implanta-se numa elevação orográfica, coincidente com a confluência de três importantes bacias hidrográficas - Tejo, Guadiana e Sado.

Relativamente à geologia o concelho de Évora é constituído fundamentalmente por rochas ígneas e metamórficas afetadas pela orogenia hercínica. Afloram também alguns depósitos sedimentares do Terciário, embora sem grande expressão geográfica.⁽²⁾

O clima é do tipo mediterrânico (Csa) segundo a classificação de Köppen, e, chega a ser a capital de distrito mais quente. A sua temperatura média anual é de 15.8 ° ⁽³⁾

A sua paisagem, Ehora Cerealis como em tempos foi chamada, era predominantemente marcada pelo cultivo extensivo de cereais. Nos dias de hoje é em grande parte marcada pelo montado, onde reina a azinheira, o sobreiro e os carvalhos, sendo que, vem sofrendo uma alteração pelo desenvolvimento das tecnologias e conhecimentos ligados a agricultura na troca das culturas por produções intensivas e superintensivas.

Évora é a única cidade portuguesa membro da *Rede de Cidades Europeias mais Antigas*.

(1) Cf. Simplício, D.
(2) Cf. PDM (2017)
(3) Cf. IPAM

Fig.02 | Fotografia de Drone
Fig.03 | Província do Alentejo, Bartolomeu de Sousa, 1665.



CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Para olhar para o Castelo Novo de Évora e percebermos a sua importância como peça erudita à época e o seu carácter *sui generis*, é necessário fazer uma análise que nos permita ter uma ideia de como estas estruturas se adaptaram e evoluíram em cada época.

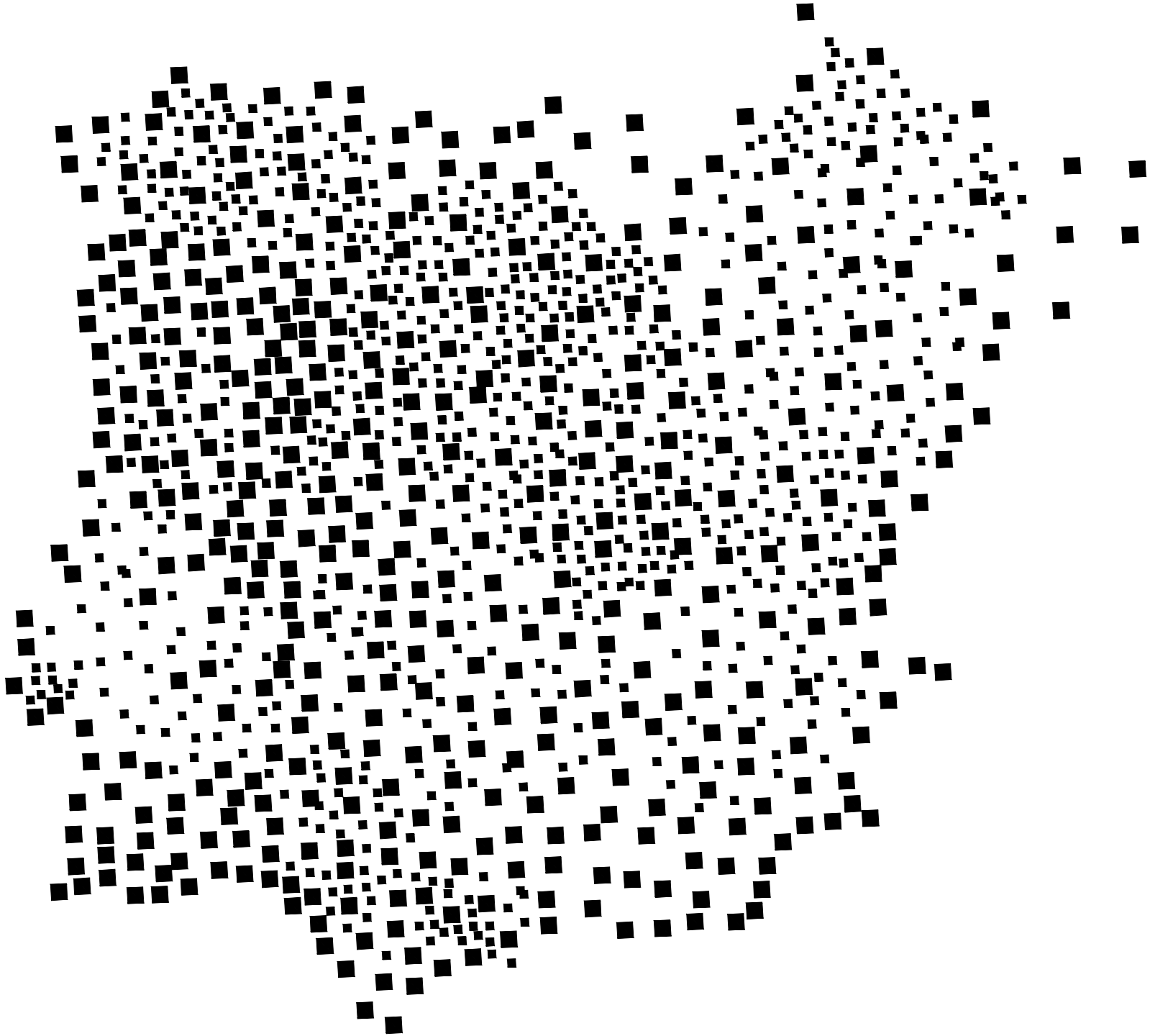
O conceito de soberania está intrinsecamente relacionado com o fortificado, que se assume e que se consubstancia como símbolo absoluto. Para entender o processo de transformação destas estruturas ao longo das diferentes fases de desenvolvimento da divisão de propriedade comunal, tribal, feudal, é fundamental perceber a origem e as suas transformações.^(*)

Desde o paleolítico que os grupos humanos, que mantiveram preocupações gregárias, manifestaram preocupações de defesa. Enquanto nómadas, deslocavam-se em grupo armados. Com a sedentarização aumentaram as suas preocupações defensivas. As aldeias surgiram e desenvolveram-se sempre procurando proteger as suas comunidades através de um conjunto de obras defensivas destinadas a dificultar a sua ocupação pelos inimigos. Estas obras na pré-história tinham como base as muralhas, baixas ou altas, simples, duplas ou triplas, com fossos intercalares.

A idade média acrescentou às muralhas o castelo ameado. O sistema de muralhas altas, nos cumes de grandes elevações, era a melhor segurança defensiva contra o tipo de armamento medieval e à sua utilização táctica. A situação alterou-se significativamente com o aparecimento da pólvora nas armas de fogo, e especialmente com a utilização da artilharia.

No final do século XV a fortificação medieval, devido ao aparecimento da artilharia pirobalística, começou a tornar-se ineficaz. As altas torres medievais tornaram-se alvos fáceis para as novas armas de fogo. A evolução tornou-se inevitável, sendo o Castelo progressivamente substituído pela Fortaleza.⁽⁴⁾

(4) Cf. Berger, J. P. (2013), Pp. 27 e 28
(*) Cf. Documento em anexo - Fronteiras Temporais | Evolução Morfológica das Fortificações.



"...mais assustadoras do que mortíferas."

Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV, Lisboa, 1987, A. H. Oliveira Marques, Pp. 340

TRANSIÇÃO

No século XIV assiste-se ao aparecimento da pólvora no contexto da guerra. O uso, apesar de inicialmente ser descurado da sua real potência, é introduzido de forma generalizada e progressiva na arte poliorcética. A sua utilização e eficácia não cessou de aumentar o que leva a uma tremenda e profunda transformação das estruturas defensivas, que se tornam obsoletas perante a nova realidade de combate. Assim, em 1488, D. João II "...mandou prover, fortalecer e repartir todas as cidades, villas e castelos dos extremos de seus reynos, assim no reparo e defensam dos baluartes, cavas, muros e torres, como em artilharias, pólvora, salitre, armas, almazéns, e todas as outras cousas necessarias."^(*)(5)

Iniciasse então o processo que fica conhecido com o nome de Transição nas estruturas militares. A lógica medieval adaptada para uma resposta a neurobalística fica completamente ultrapassada e passa a ser urgente proceder-se a adaptação para esta nova realidade que é a pirobalística, ainda que desconhecida na sua totalidade e eficácia.

Na transformação das estruturas medievais, para ir de encontro às necessidades apresentadas com o surgimento da pólvora na arte de combate. Identificam-se duas fases: numa primeira fase, compreendida durante todo o reinado de D. João II (1481-1495) e a primeira metade do reinado de D. Manuel I (1508-1510), onde a estrutura medieval existente adquire, ainda que pontualmente, beneficiações que permitam a instalação de armas de fogo; e numa segunda fase, correspondendo à segunda metade do reinado de D. Manuel I, e, prolongando-se no reinado de D. João III, repensam-se o que devem ser estas estruturas, surgindo plantas extremamente interessantes, erguendo de raiz obras que ficariam como exemplos isolados.⁽⁶⁾

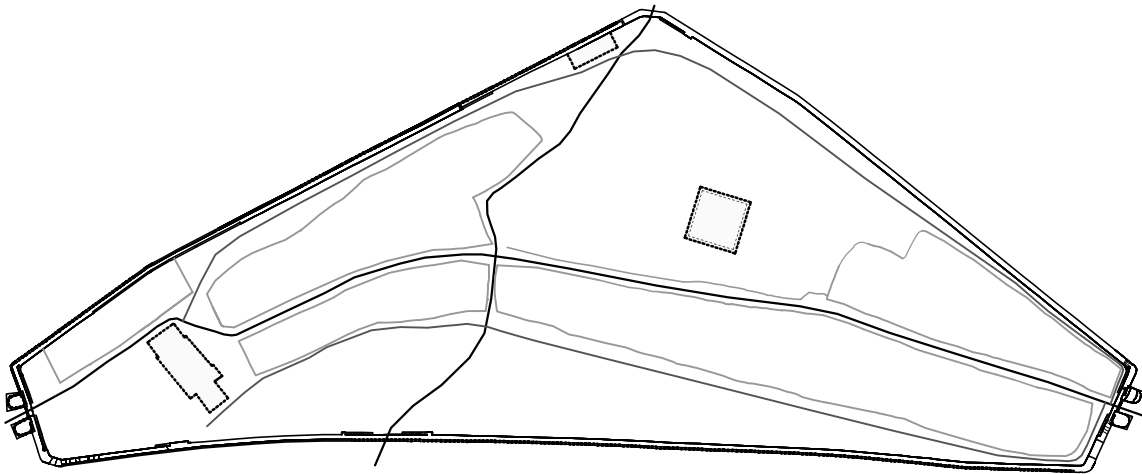
Embora muitos autores apresentem este período separado por duas fases, estes, ocorrem em simultâneo e não correspondem a uma sequência temporal linear. Foram inúmeras as estruturas que sofreram beneficiações durante esta primeira fase, sendo a mais expressiva e a considerar a de Évora Monte. Entre as primeiras experiências (em Portel, 1510) e as derradeiras (Évora Monte, 1525), estas canhoeriras passam de tímidas aberturas para generosos vãos, facilitando a orientação das bocas de fogo e revelando a crescente confiança que os arquitetos militares iam depositando nestes organismos de tiro.⁽⁷⁾

Falamos de beneficiações, no caso, quando nos referimos aos torreões, cinco, que se implantam ao longo do pano de muralha. Estas canhoeriras revelam implantações criteriosas permitindo, no nível intermédio, tiro flanqueado, que corria paralelo ao pano de muralha.⁽⁸⁾

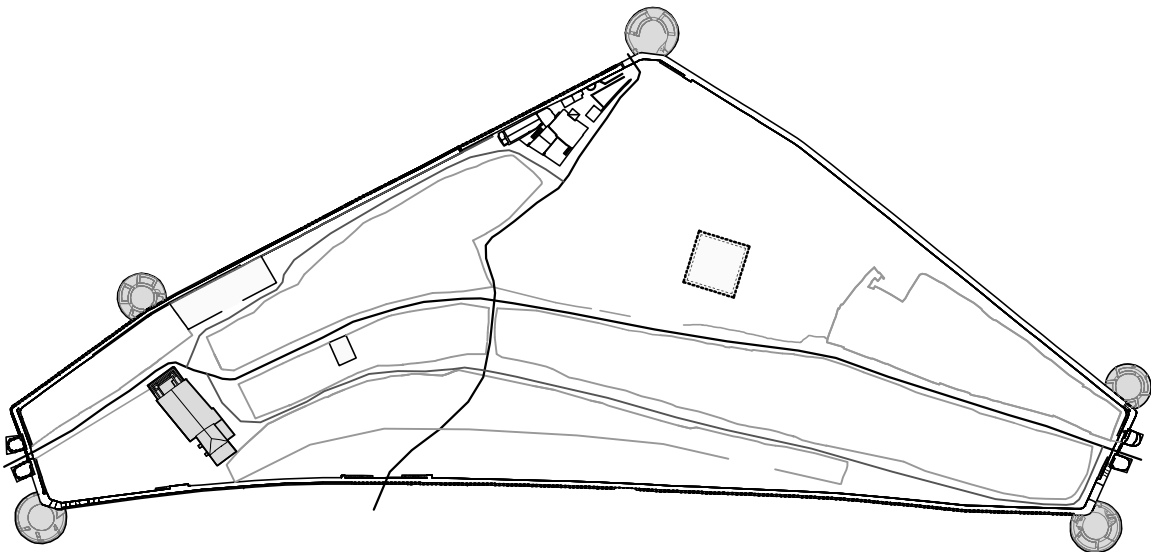
(*) Cf. Resende, G. (1798), Pp. 102 e 103
(5) Cf. Barroca, M. (2003), Pp. 96
(6) Cf. Barroca, M. (2003), Pp. 97 e 98
(7) Cf. Barroca, M. (2003), Pp. 103
(8) Cf. Barroca, M. (2003), Pp. 103



Fig.04 | Fotografia de Drone, Évora Monte, 2018
Fig.05 | Torreões do perímetro amuralhado de Évora Monte



Época Medieval
séc. XIII - XV



Construção dos
Torreões (1525)

Na chamada segunda fase de transição assistimos a estruturas construídas de raiz, que viriam a ser as primeiras experiências do edificado em resposta a problemática da pirobalística.

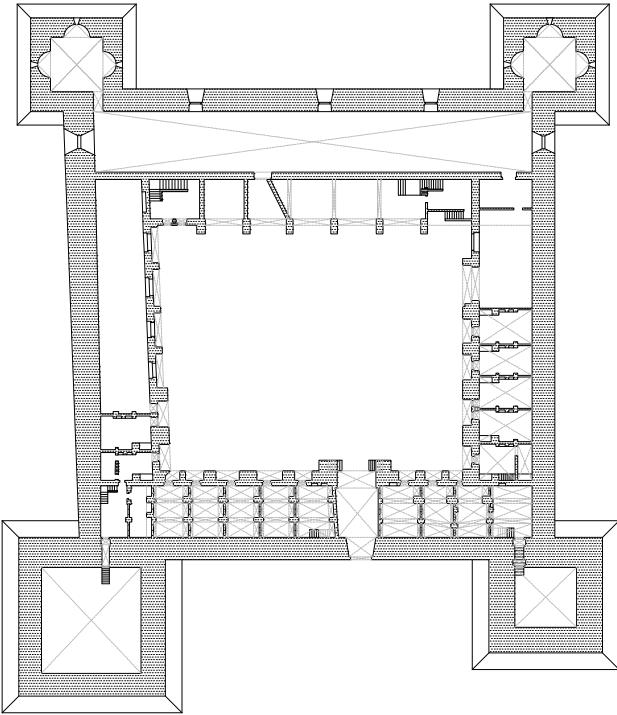
Estas obras denotam a resistência das formas tradicionais às inovações da pirobalística e, ao mesmo tempo, as várias facetas do compromisso empírico da construção castrense, ficando assim como casos isolados no panorama das fortificações.

Não conhecendo com eficácia a potencialidade das funções patentes na pólvora, estas estruturas viriam a resultar em estruturas de carácter misto, eruditas e de grande influência nas escolas italianas.

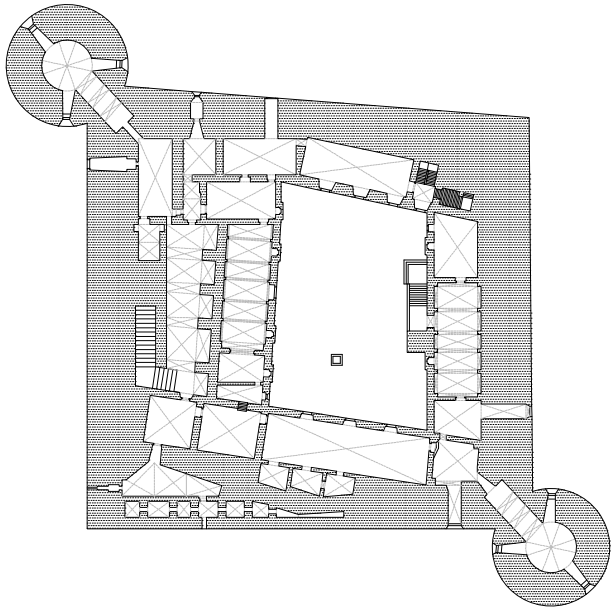
Resulta daqui, como nos diz Mário Barroca, o aparecimento de plantas extremamente interessantes, que acabariam por ficar como exemplos isolados. Quatro experiencias merecem destaque. Referimo-nos à Torre de Belém, ao Castelo Novo de Évora, ao Castelo Roqueiro de Vila Viçosa e à Torre de Évora Monte.⁽⁹⁾

Olhando para os três últimos casos enunciados, inseridos no mesmo contexto territorial, denotamos a engenhosidade e os avanços que foram feitos no período. Sabemos no entanto que os irmãos Arruda muito fizeram nas terras ultramarinas, contudo, o avanço que nos é demonstrado aqui é explícito.

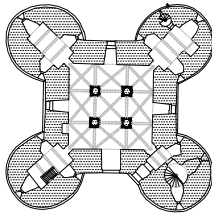
(9) Cf. Barroca, M. (2003), Pp. 104



1518 | ÉVORA



1525 | VILA VIÇOSA



1531 | ÉVORA MONTE



Fig.06 | Brasão da Cidade, Évora, Séc.XIV. Geraldo Sem Pavor, Alto Relevo na Sé de Évora.

"Vem d´aquella cidade antiga e nobre
Emula um tempo da soberba Roma
Que do grande Sertorio as cinzas cobre
Que n´ella assento contra a pátria toma:
Por divisa das armas que descobre
Um cavaleiro armado em branco assoma
Que uma cabeças arrastra que cortada
Foi dos fios cruéis da sua espada."

Evora gloriosa, Roma, 1728. Epílogo dos 4 tomos da Evora Illustrada.
P.e Francisco da Fonseca

"Indagações históricas rigorosas são difíceis; insta separar o trigo do joio, despir a verdade das lendas e fantasias originadas ou na boa fé, ou pela mania de ampliar, não raro pela vanglória. É prolóquio popular: “que conta um conto acrescenta um ponto”; temos na história portuguesa muitos exemplos, e, sem deixar o assunto, vou citar um. A crónica dos godos, mencionando a tomada de Évora, diz que a cidade foi conquistada por Giraldo sem pavor com os seus companheiros...”

Estudos Eborenses, Edições Nazareth, 1 Vol, 1947, Évora, Pp. 285
Gabriel Pereira

EVOLUÇÃO URBANA DE ÉVORA

Gabriel Pereira fala-nos da conquista de Évora por Geraldo Geraldês em 1165, Geraldo Sem Pavor como assim ficou lendário.

As origens deste caudilho são no mínimo obscuras e altamente especulativas: a narrativa de André de Resende, já no século XVI, segundo a qual Geraldo era um vassalo nobre de Afonso Henriques caído em desgraça por um crime misterioso, enquadra-se na construção renascentista da História da cidade de Évora e não parece ter base em facto algum.⁽¹⁰⁾

Conquistada pelos cristãos ainda no reinado de D.Afonso Henriques e obtendo o primeiro foral no ano seguinte os mouros e judeus que viviam intramuros viram-se dali apartados. Sendo expulsos para fora do perímetro amuralhado deram início aquela que fora a expansão da cidade. A malha urbana intramuros estava bastante consolidada até a data.

Fala-se de um castelo já na altura e a sua alcaidaria aparece no tempo promessa a muitos.⁽¹¹⁾

(10) Cf. José (2018)
(11) Cf. Barata, A. (1909), Pp. 81 e 82

CERCA VELHA
CASTELO ANTIGO



0 50 100 250m

CERCA VELHA
(Desenho elaborado pelo autor, executado com
base na cartografia, fornecida pela
Direção de Infraestruturas do Exército.)

N

A renascença foi sem dúvida um período de ouro na cidade de Évora. Falamos da cidade que fora corte dos reis D. João II e D. Manuel, na pátria de muitos homens importantes nas letras e nas armas.⁽¹²⁾ A cidade esteve sempre ligada aos principais acontecimentos da vida de Portugal, desde a crise dinástica de 1383-1385 ao advento da nova dinastia, à reunião de numerosas cortes, ao esplendor cultural da época da fundação da Universidade, à guerra da Restauração, às invenções francesas e às lutas liberais. Em 1501 obtém um novo Foral por parte de D. Manuel, retratado com a iluminura da cidade que se atribui a autoria a Duarte d’Armas (Fig.07), fiel escudeiro da casa real que vai posteriormente realizar um levantamento exaustivo de um grande número de praças acasteladas no reino em 1509-10. A cidade estava intrinsecamente relacionada com o clero, exemplos comprovantes disso são sem dúvida os numerosos exemplares de conventos que há por toda a cidade, já na iluminura podemos ver retratado com grande expressão aquela que é a cidadela do paço real que se acoplava ao convento de S. Francisco. No século XVI são realizadas obras de grande vulto por toda a cidade e é aqui que nasce o novo castelo. Castelo que a cidade se via desprovida desde os tumultos da revolta popular em 1384.⁽¹³⁾

(12) Cf. Barata, A. (1923), Pp. 03
(13) Cf. Espanca, T. (1959), Pp. 02





Fig.07 | Iluminura do Foral de Évora (1501)

OUTEIRO DA VILA NOVA 1518 | 25

O Castelo Novo de Évora foi construído no Outeiro/bairro de Vila Nova, ao sul da muralha da cidade, a mando de D.Manuel I sob a traça do arquiteto Diogo de Arruda.⁽¹⁴⁾

Muito pouco sabemos sobre esta parte da cidade nos anos em que se deu a sua construção, dificultando-nos assim uma leitura clara dos predicados que permitam fazer um enquadramento e perceber a sua real motivação.

Até ao século XIV, a cidade confinou-se no interior da cerca primitiva, ainda de fundação romana, sendo que logo após a sua tomada em 1166, mouros e judeus, viveram em bairros próprios fora das muralhas até ao tempo de D.Manuel.⁽¹⁵⁾

Estamos em Évora, na Corte dos Reis D. João II e D. Manuel, na Pátria de muitos homens importantes nas letras e nas armas.⁽¹⁶⁾

A cidade atravessava um período próspero no século XVI. Aqui se fundaram igrejas, conventos, colégios, palácios, solares, um Paço Real e um hospital.

A sua implantação responde assim a uma premissa em voga destas estruturas no século XVI, local periurbano que beneficiava de uma elevação topográfica no perímetro amuralhado como a sua própria toponímia nos indica.

Chegam aos dias de hoje os troços de muralha visíveis e os dissipados nas construções como é o caso da Porta da Mesquita que ficou dissimulada na construção da Igreja da Pobreza (Fig. 08).

Junto da mesma podemos ainda observar o poço que em 1521 é doado pelo Conde de Tentúgal.⁽¹⁷⁾



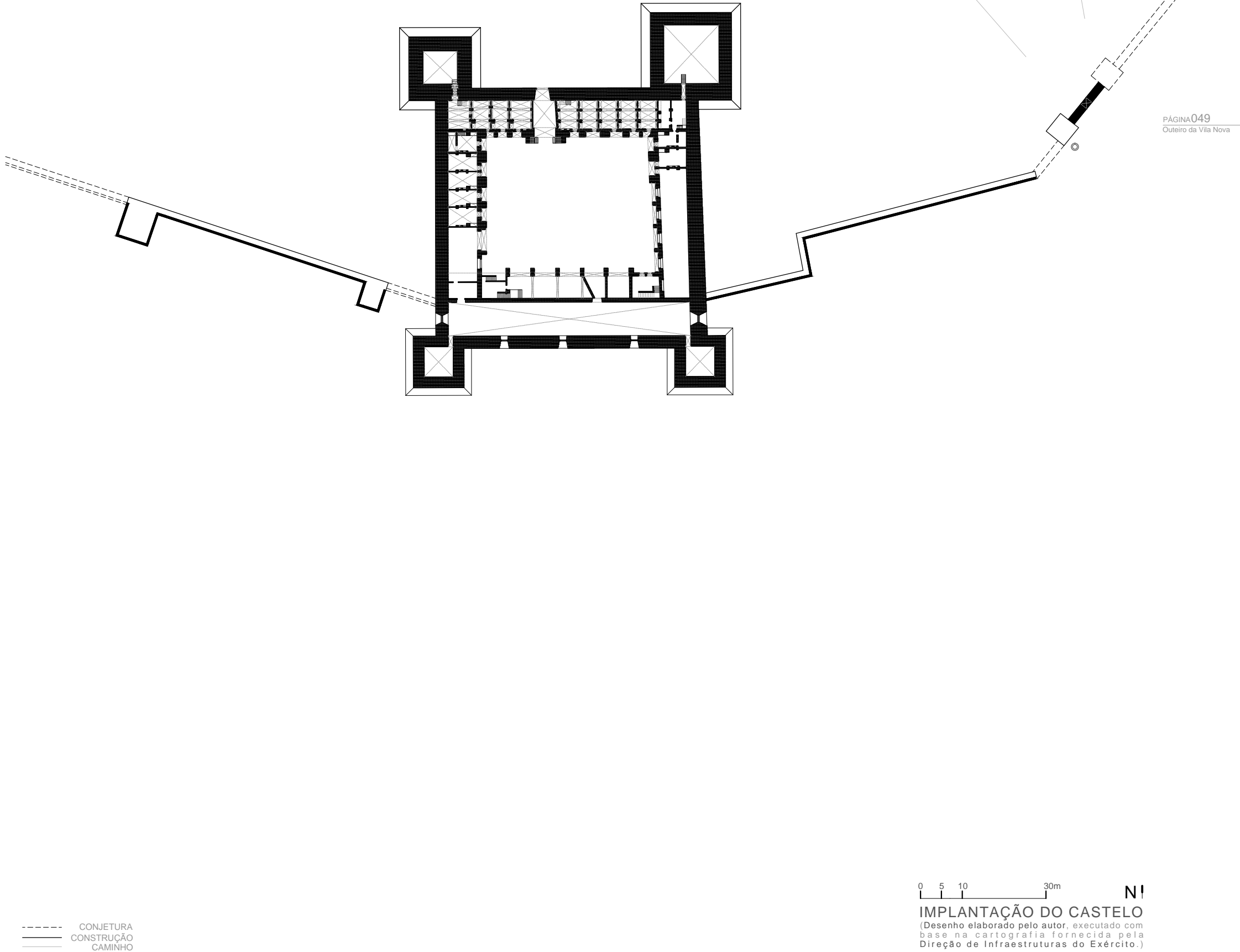
Fig.08/09/10 | Antiga Porta da Mesquita

(14) Cf. Espanca, T. (1966), Pp. 15

(15) Cf. Barata, A. (1909), Pp. 182

(16) Cf. Barata, A. (1923), Pp. 03

(17) Cf. Barata, A. (1909), Pp. 196



OUTEIRO DA VILA NOVA 1525 | 1600

Apesar da sua conclusão estar referenciada por diversos autores ao ano de 1525 com prova nas cartas de quitação dos vedores, os cavaleiros Jorge de Paiva e Pero Álvares de Faria.⁽¹⁸⁾

Sabemos porém, que, em 1529, o mesmo ainda não se encontrara concluído e sendo de promessa a sua alcaidaria a D. Luís da Silveira por parte da Coroa.⁽¹⁹⁾

Temos conhecimento que ainda nesta centúria o mesmo adquire um outro uso com a criação do Celeiro Comum, no reinado de D. Sebastião, o edifício passou, simultaneamente, a depósito do novo estabelecimento agrícola, pelo que sofreu beneficiações importantes nos anos de 1577-79, 1580-82 e 1639-40, dirigidas pelos oficiais de pedraria Mateus Neto, mestre do Cano da Água de Prata, Brás Godinho, Francisco Gil e Luís Gomes.

Nesta zona existiram, comprovados por documentos municipais, em 1536 e 1591, as casas nobres de D. Isabel de Castro e de D. Garcia de Meneses, referimo-nos ao Solar dos Condes de Sabugal. Este D. Garcia de Meneses, casado com D. Maria de Castro, e seu filho único D. Duarte de Meneses, morreram na Batalha de Alcácer-Quibir: c.ª de 1565, com licença do arcebispo D. João de Melo, haviam inaugurado, no solar, uma capelinha edificada sobre uma torre da cerca nova, que delimitava a propriedade, para a banda oriental e que ainda existe, ao presente profanada.

A casa, nos fins do século passado, já pertencente ao Estado, serviu de Padaria Militar e atualmente, ocupada pelo Comando do 2.º Batalhão da Guarda Fiscal, sofreu obras de certo vulto que muito a valorizaram, sobretudo na década de 1950.

Conserva a estrutura primitiva em grande extensão, sobretudo na parte térrea e, exteriormente, para o lado da campanha meridional, subsistem duas torres quadrangulares flanqueando o corpo habitacional, apoiado e sobrepujante ao adarve, com poucas aberturas, na muralha quatrocentista, que oferece aquele vetusto e patinado ar assimétrico e pitoresco que as velhas construções nos legaram do passado.⁽²⁰⁾

Junto da Porta da Mesquita existia ainda uma ermida com o nome de N.ª S.ª do Amparo, fundada pelos crentes sob padroado da Câmara da cidade pelos anos de 1585-87.⁽²¹⁾

Da mesma resta-nos a sua porta que se encontra na empena do pátio ligado a igreja da Pobreza (Fig. 11).

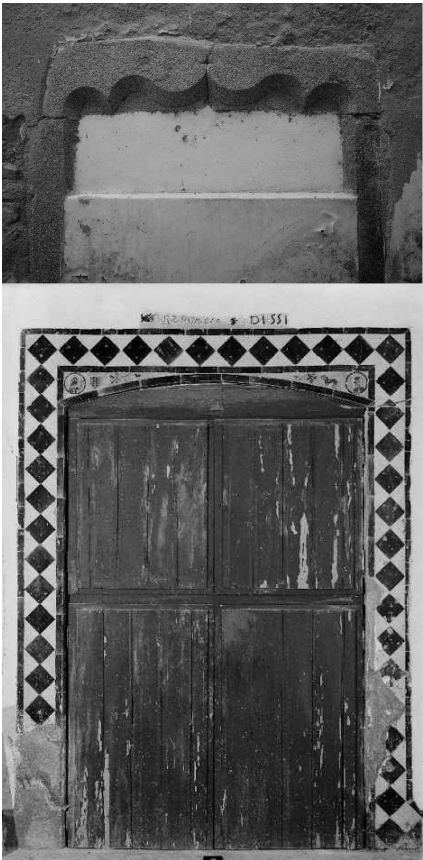
(18) Cf. Espanca, T. (1966), Pp. 15

(19) Cf. Bilou, F. (2016), Pp. 04

(20) Cf. Espanca, T. (1966), Pp. 231

(21) Cf. Espanca, T. (1966), Pp. 77

Fig.11 | Antiga Porta da Ermida de N.ªS.ª do Amparo
Fig.12 | Porta do Solar dos Condes de Sabugal



----- CONJETURA
———— CONSTRUÇÃO
———— CAMINHO

0 5 10 30m
N!
IMPLANTAÇÃO DO CASTELO
(Desenho elaborado pelo autor, executado com base na cartografia fornecida pela Direção de Infraestruturas do Exército.)

OUTEIRO DA VILA NOVA 1600 | 1700

Ficou no entanto por precisar, a data da construção da fonte dos castelos, na centúria anterior por escassez de desenhos e bibliografia referente, contudo ela aparece já construída na carta do início século, 1806, por António José de Santana Carneiro. (Fig.13)

A construção do aqueduto da Água de Prata aparece balizada nos anos de 1531 a 1537, quando se dá a inauguração da chegada da água a fonte da praça do Giraldo. A estrutura é obra do arquiteto Francisco de Arruda irmão de Diogo de Arruda autor do Castelo Novo. São poucos os documentos que retratam a fonte dos castelos, como é o caso da Antiga planta da canalização das águas sertorianas intramuros da cidade d’Évora nos finais do século XIX (Fig.14), assim como da fotografia/gravura do início do século XX (Fig.15). Porem, sabemos que a mesma foi transferida nos anos de 1970 para a praça da república no Redondo (Fig.16).

Neste século viveu-se um período conturbado em Portugal, no geral, e para a cidade de Évora em particular, vivia-se sob o domínio espanhol, de 1580 até 1640 aquando se dá o começo da guerra da restauração que dura quase três décadas. Antes de 1640 Évora já havia sido precursora deste desfecho, quando em 1637 faz aquele que fica conhecido como a revolta do Manelinho.

Permita-se-nos uma ligeira digressão para contar alguns episódios eborenses deste tempo. Elvas era o centro das operações de guerra na fronteira, Évora o arsenal, o armazém, a administração, o laboratório; durante meses aqui esteve El-rei e grande parte do pessoal superior do Governo. As levas de voluntários e auxiliares, os corpos estrangeiros (franceses e holandeses ou flamengos), aqui se organizavam, armavam e recebiam a precisa instrução...⁽²²⁾

Urge uma refuncionalização daquele que é o aparelho militar de defesa da cidade, completamente obsoleto e ao abandono.

Vários são os engenheiros militares que dataram as suas construções aqui tais como Charles Lassart e Jean Gillot, em 1642, Nicolau de Langres, em 1648-60, Simão Joquet e Jean Brivois, em 1660, e, ainda, o artista Allain Manesson Mallet, 1666, sob proteção do Mestre de Campo General Conde de Schomberg.

O Baluarte do Castelo, também chamado de Baluarte do Picadeiro, apresentava em 1637 apenas as movimentações das terras. Este pertence ao plano do Eng. Diogo Pardo de Osório discípulo do cosmógrafo-mor Luís Serrão Pimentel e ficaria pronto no ano de 1680. Tendo como principal função a defesa do Solar dos Condes de Sabugal e do Castelo Novo.⁽²³⁾

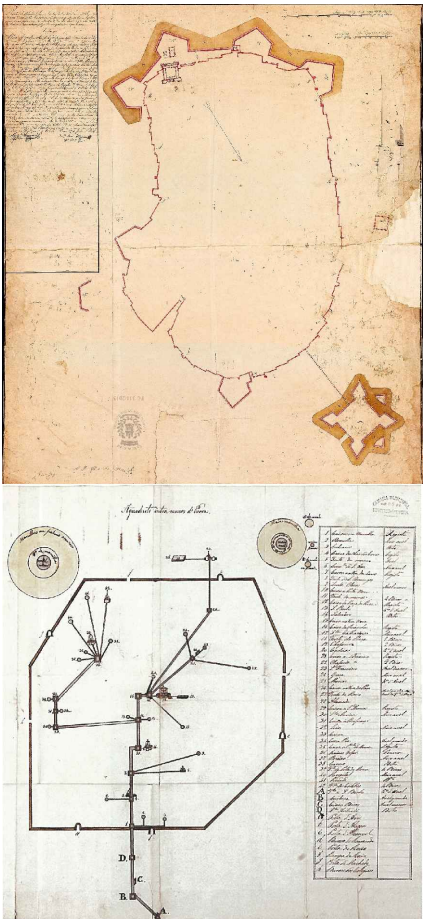
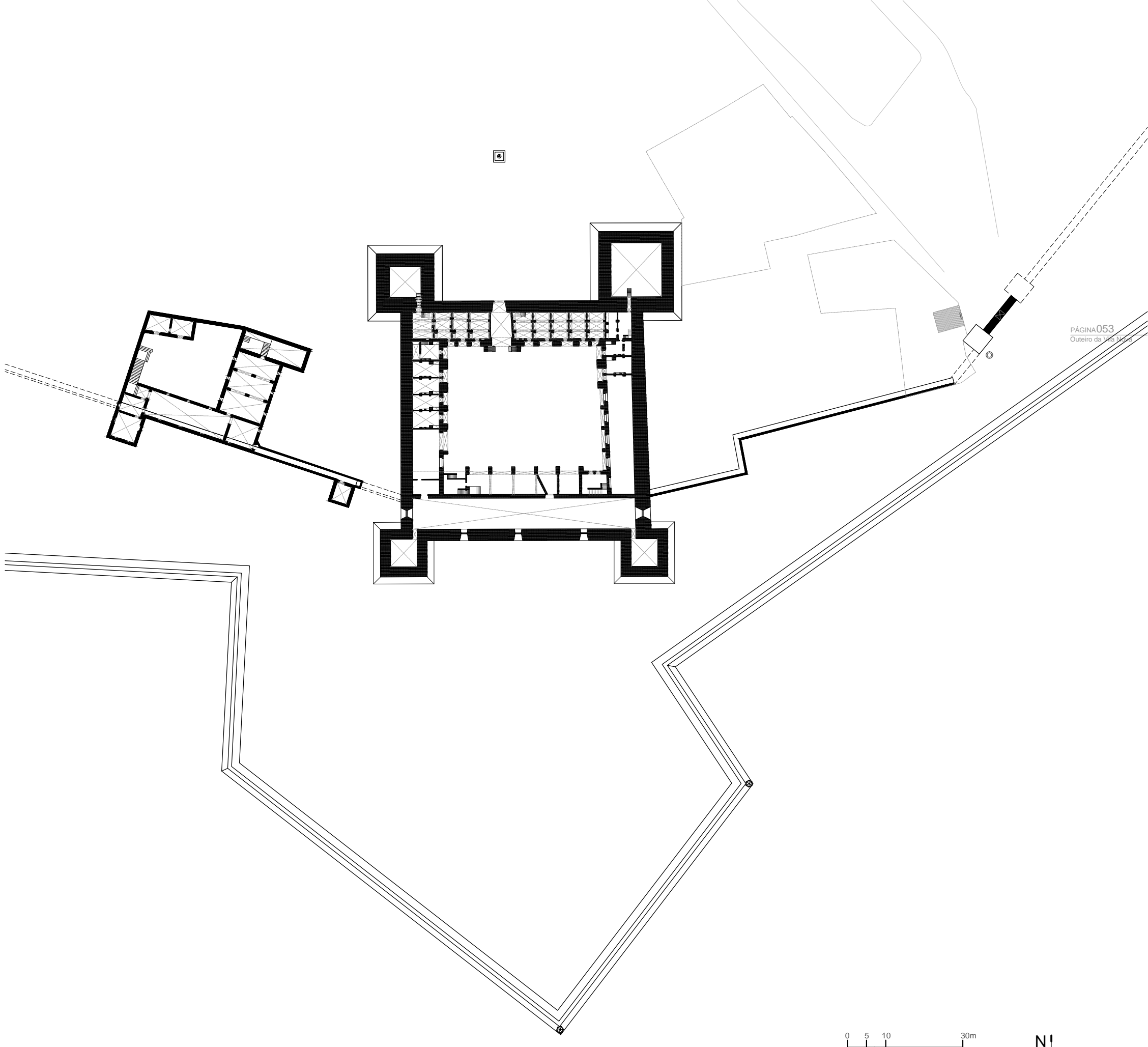
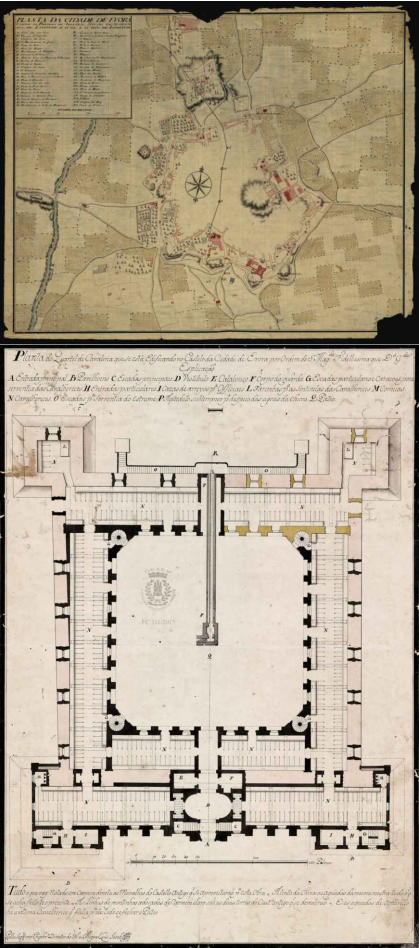


Fig.13 | Planta da cintura amuralhada/fortificação
Fig.14 | Planta do traçado do aqueduto
Fig.15 | Alçado Frontal do Quartel de Cavalaria Nº5
Fig.16 | Redondo - Fonte da praça da República
(antiga fonte do Largo dos Castelos, de Évora.)



(22) Cf. Pereira, G. (1948), Pp. 380

(23) Cf. Espanca, T. (1966), Pp. 16 e 17



OUTEIRO DA VILA NOVA 1700 | 1800

É neste período que se dá a grande reformulação da estrutura do Castelo Novo.

D. João V insistiu em Évora, por alvará de 8 de Janeiro de 1736, o Regimento de Dragões, sob comando do Conde de Soure, sendo governador das armas da província o Conde de Atalaia e logo se pensou no castelo novo para instalação da unidade. O capitão engenheiro Miguel Luis Jacob foi autor do projeto de adaptação que (Fig.18), com ligeiras modificações sugeridas no reinado de D. José I previa o aproveitamento de grande parte da fortaleza manuelina, plano que se aplicou integralmente. Em 1759 as obras das escadas principais corriam com celeridade sob direção do técnico responsável, sendo o comandante do regimento o coronel Conde de Lumiares.

A guerra contra Espanha provocou a suspensão dos trabalhos, que recomeçaram, todavia, ainda em tempos do Marechal Conde de Lippe Buckburg. Estando em 1772 já as cavaliariças do edifício prontas.

No ano de 1795 o tenente-coronel de engenharia Tomaz de Vila Nova Sequeira recebeu a incumbência da corte de D. Maria I para terminar a vultuosa construção, pelo que a tesouraria geral das tropas da província abriu um elevado crédito para o efeito. Oficialmente esta empreitada terminou em 1803, mas os acabamentos interiores prosseguiram até 1807.⁽²⁴⁾

A estrutura que nos chega aos dias de hoje teve como base o projeto do engenheiro Miguel Luis Jacob sofrendo alterações pontuais que iremos ver mais a frente.

Ainda, em 1729, é lançada a primeira pedra para a construção da Igreja da Pobreza. Construída sobre a antiga ermida de fundação quinhentista e a Porta da Mesquita, sabemos, no entanto, que o terreno em volta era ocupado por um recolhimento destinado a meninas órfãs a que se deu a crismação de N.ª S.ª da Piedade, em terreno arrumado ao muro militar e a casas antigas que adquiriu junto dos Condes Barões de Alvito. Em 1695 é beneficiado pelo arcebispo D. Fr. Luís Teles da Silva, casarão utilitário com seus anexos transformados sucessivamente após a extinção e no seu terreiro privado que termina na muralha da cerca nova, nada subsiste de curiosidade arqueológica.⁽²⁵⁾

Neste terreno é possível observar aquilo que seria as bases do torreão do projeto original de Diogo de Arruda e que havia sido demolido no projeto de Miguel Luis Jacob (Fig.19).

A planta do século XVIII (Fig.17) mostra-nos um parcelamento cadastral, nas imediações do Castelo Novo, idêntico ao edificado nos dias de hoje, o que faz com que possamos depreender e assumamos a configuração da malha urbana atual já na altura.

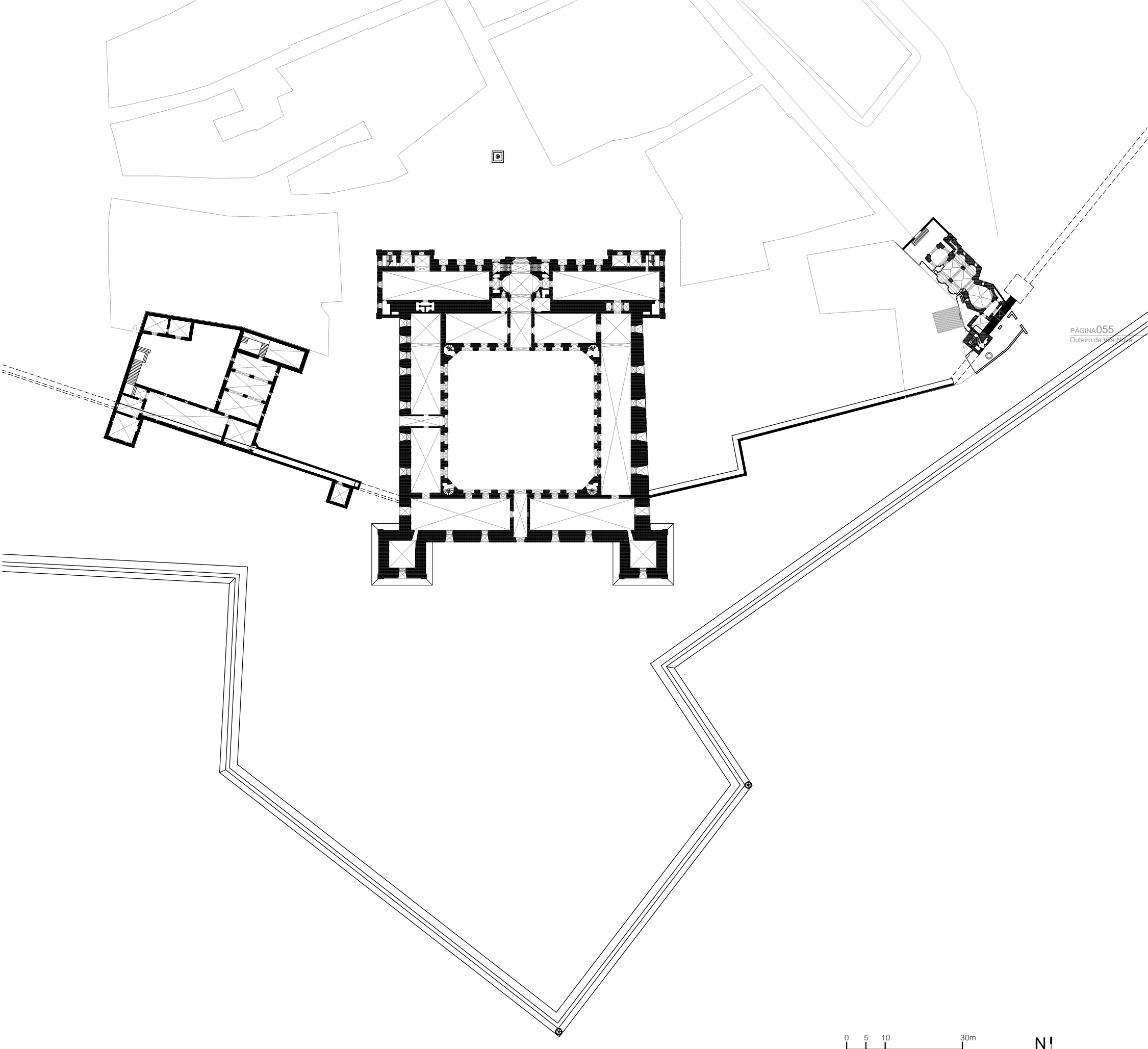
(24) Cf. Espanca, T. (1966), Pp. 15

(25) Cf. Espanca, T. (1966), Pp. 77

Fig.17 | Planta da Cidade de Évora no século XVIII

Fig.18 | Planta do Engenheiro Miguel Luis Jacob

Fig.19 | Confronto entre torreão norte e habitação contigua



----- CONJETURA
———— CONSTRUÇÃO
===== CAMINHO

0 5 10 30m

IMPLANTAÇÃO DO CASTELO
(Desenho elaborado pelo autor, executado com base na cartografia fornecida pela Direção de Infraestruturas do Exército.)

N

OUTEIRO DA VILA NOVA 1800 | 1900

O Picadeiro, nome pelo qual ficou apelidado mais tarde o baluarte do castelo, ergue-se nos seus terrenos do lado sul-ocidente, a sua construção foi morosa, iniciada em 1808, tem logo em seguida seus trabalhos interrompidos por conta da Guerra Peninsular e de todas as questões político-sociais do liberalismo que decorriam neste período. Tendo no ano de 1874-76 o Ministério do Exército determinado o seu o acabamento.⁽²⁶⁾

As datas não parecem no entanto acertadas quando observado os desenhos dos seus intervenientes, nomeadamente os do engenheiro Sargento-mor António José de Santana Carneiro, em 1806, que ao fazer o levantamento do perímetro amuralhado já o desenha com a morfologia idêntica as posteriores (Fig.13), do engenheiro Major Carlos de Barcelos Machado Evangelho em 1862 (Fig.20), e, em 1873, pelo engenheiro Capitão Tomás de Aquino de Sousa Júnior (Fig.21), que realiza uma sucessão de estudo da cobertura, sendo que nenhuma destas desenhadas pelo mesmo é a que encontramos nos dias de hoje. Parece que esta era a problemática de sua conclusão estando na atualidade resolvida com uma grande abobada apoiada em arcarias de betão armado, intervenção claramente já do século XX. Contudo, parece-nos mais importante referir como elemento transformador da área contígua ao Castelo os rasgos feitos nos panos de muralha, pela rua da Rampa de um lado e por outro na rua da Mesquita, estes acontecem em dois momentos diferentes, quase com um século de diferença. Em 1806 temos a planta do engenheiro Sargento-mor António José de Santana Carneiro (Fig.13), que nos mostra o atravessamento da rua da Rampa aos panos de muralha na altura. Sabemos também que o Solar dos Condes de Sabugal era agora património alienado ao Ministério da Guerra e que servia como padaria militar, assim como as suas traseiras voltadas ao Castelo serviam de Horta.

A abertura do troço na rua da Mesquita acontece em 1874-75, estrada real nº20 Évora a Mourão, como podemos ver na carta de Augusto de Mesquita Cabral de Almeida (Fig.22), porém, existiu em tempos uma rua, chamada de Rua do Picadeiro, que unia a rua da Rampa a Rua da Mesquita, atravessando o Picadeiro como nos mostra os desenhos, em 1867, do engenheiro Capitão Tomás de Aquino de Sousa Júnior (Fig.23), e, do Capitão Manuel Belchior Nunes (Fig.24), em 1909. Este gesto de abrir um atravessamento público entre as dependências do conjunto, Castelo-Picadeiro/Baluarte, faz com que haja ao mesmo tempo um encerramento das mesmas para o espaço, que no caso aparece solucionado na data com muretes (Fig.23).

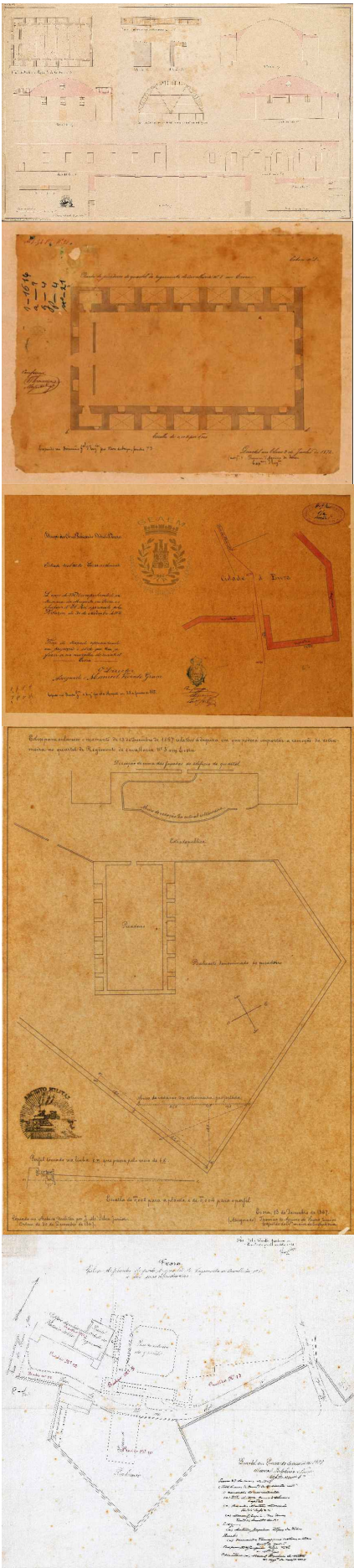
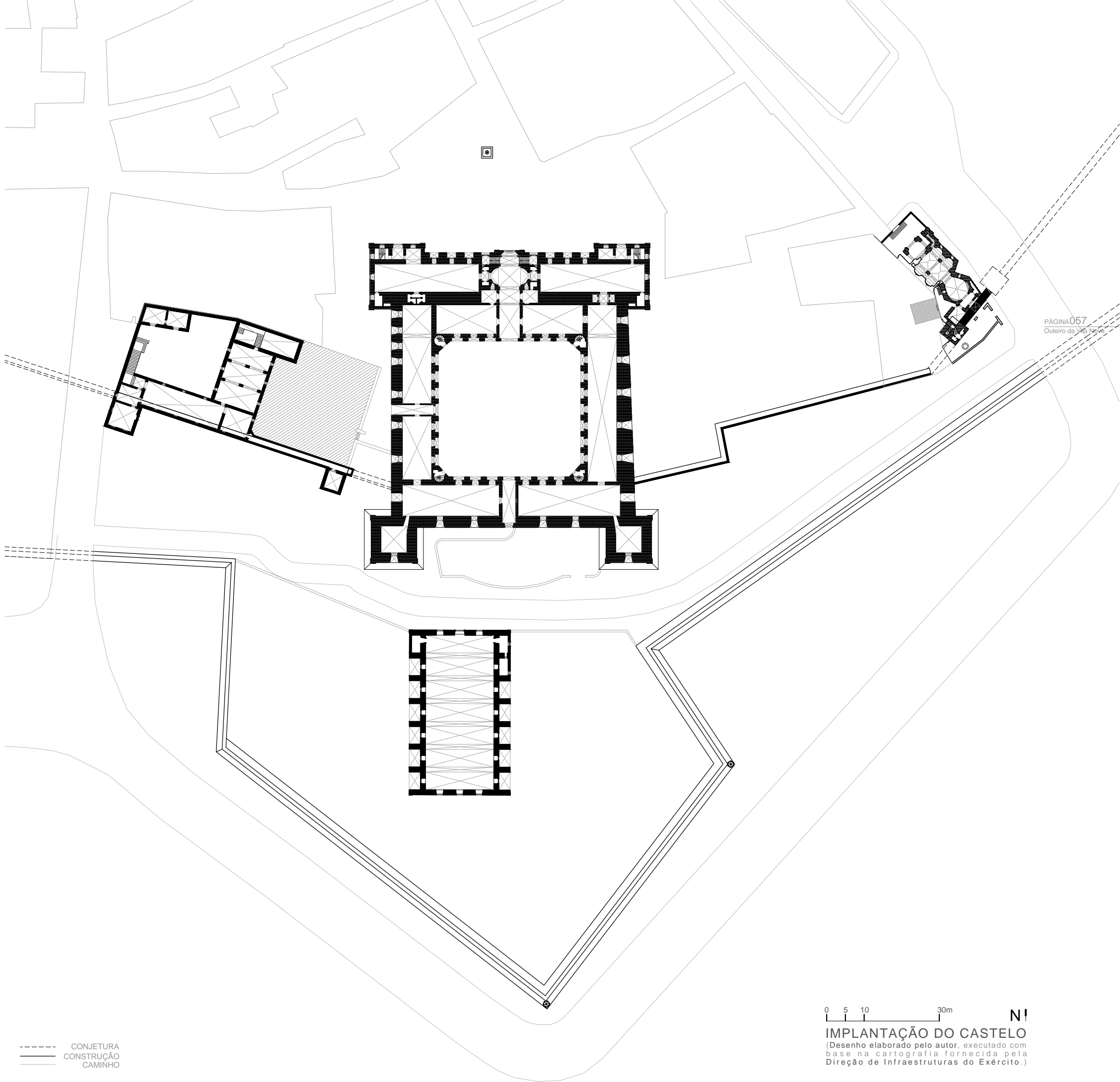
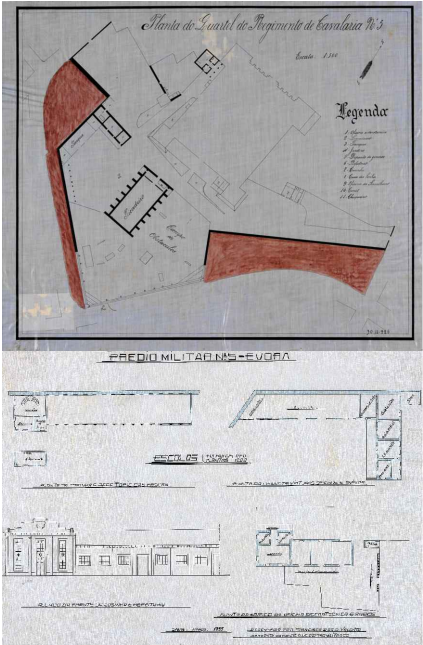


Fig.20 | Desenho do Picadeiro, 1862
Fig.21 | Desenho do Picadeiro, 1873
Fig.22 | Estrada Real, Évora Mourão, 1875
Fig.23 | Estrada Pública do Picadeiro, 1867
Fig.24 | Área Contígua ao Castelo Novo, 1909

(26) Cf. Espanca, T. (1966), Pp. 16





OUTEIRO DA VILA NOVA 1900-2000

Com a malha urbana preenchida na totalidade em seu redor, como conhecemos hoje, assiste-se no primeiro quarto da centúria ao encerramento/delimitação das áreas adjacentes ao Castelo Novo. A estrada do picadeiro passa a ser de acesso restrito e exclusivo dos militares, assim como, toda a área envolvente entre muros, cerca medieval e moderna. Por consequente e como resposta as necessidades logísticas é criado uma sucessão de anexos que, em alguns casos, persistem até aos dias de hoje (Fig.25).

O Castelo Novo, que até então, utilizava somente esta área para despejo da estrumeira das cavaliças da unidade que o ocupava, começa a apropriar-se do espaço, talvez por efetivamente ter-se consumado a conclusão das obras do picadeiro. Há então um redesenhar desta ligação, que passa por vencer a cota de acesso na ligação do nível superior ao inferior e, no lado do Solar dos Condes de Sabugal, terreno que outrora fora horta, aparece uma estrutura com uma enfermaria veterinária, oficina de siderotecnia, arrumo de arreios e zona própria de lavagem dos mesmos (Fig.26).

Pouco tempo depois, em 1940, o Regimento de Cavalaria passa para Estremoz e as suas dependências são ocupadas pelo Regimento de Infantaria 16, Arma do Exército destinta, que vem aqui a preparar muitas das companhias/pelotões para as guerras ultramarinas. Os anexos projetados inicialmente para a arma de Cavalaria são reaproveitados. Contudo, em 1950, o edifício do Solar dos Condes de Sabugal passa a albergar o corpo da Brigada Fiscal da Guarda Nacional Republicana, sofrendo beneficiações consideráveis, apropria-se do espaço que fora horta e era de limpeza e arrumos do anterior corpo do Exército que por ali passou e é construído um novo volume que encerra esta ligação entre o Solar e o Castelo.

A canalização chega ao Castelo Novo no início do século e nos finais do século passado, porém só com a candidatura da cidade a Património Mundial aparece a preocupação com a retirada das Latrinas, corpos verticais que se podem observar nas fotografias do David Freitas (Fig.27) e nos desenhos de Francisco dos Santos Valente em 1926 (Fig.28), que estavam acoplados nas empenas laterais do edifício, assim como, a casa da guarda, os dois volumes no topo da rampa junto a saída sul do edifício. Com o programa POLIS e a requalificação do troço das muralhas da cidade é também feita a limpeza/recuperação e a retirada dos telheiros que serviam de Parque-Auto.

O Regimento de Infantaria 16 sessou funções ali em 1975 com o fim da guerra colonial. O edifício passou posteriormente a absorver os Serviços de Apoio ao Quartel General da Região Militar Sul e em 2006 o Comando de Instrução e Doutrina, até 2015. Atualmente é Direção de Formação.

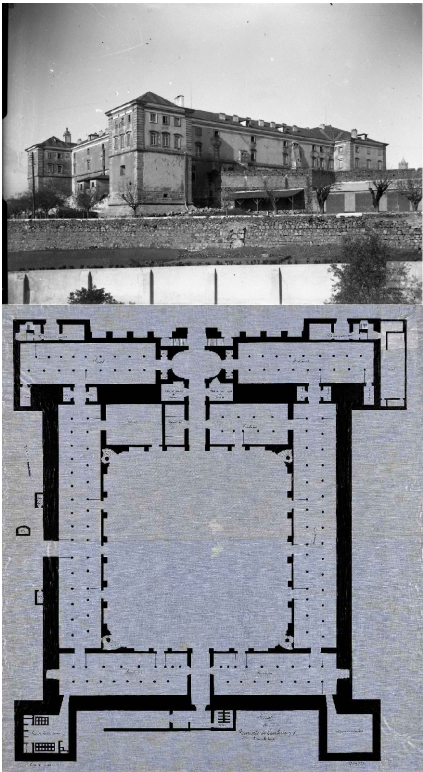
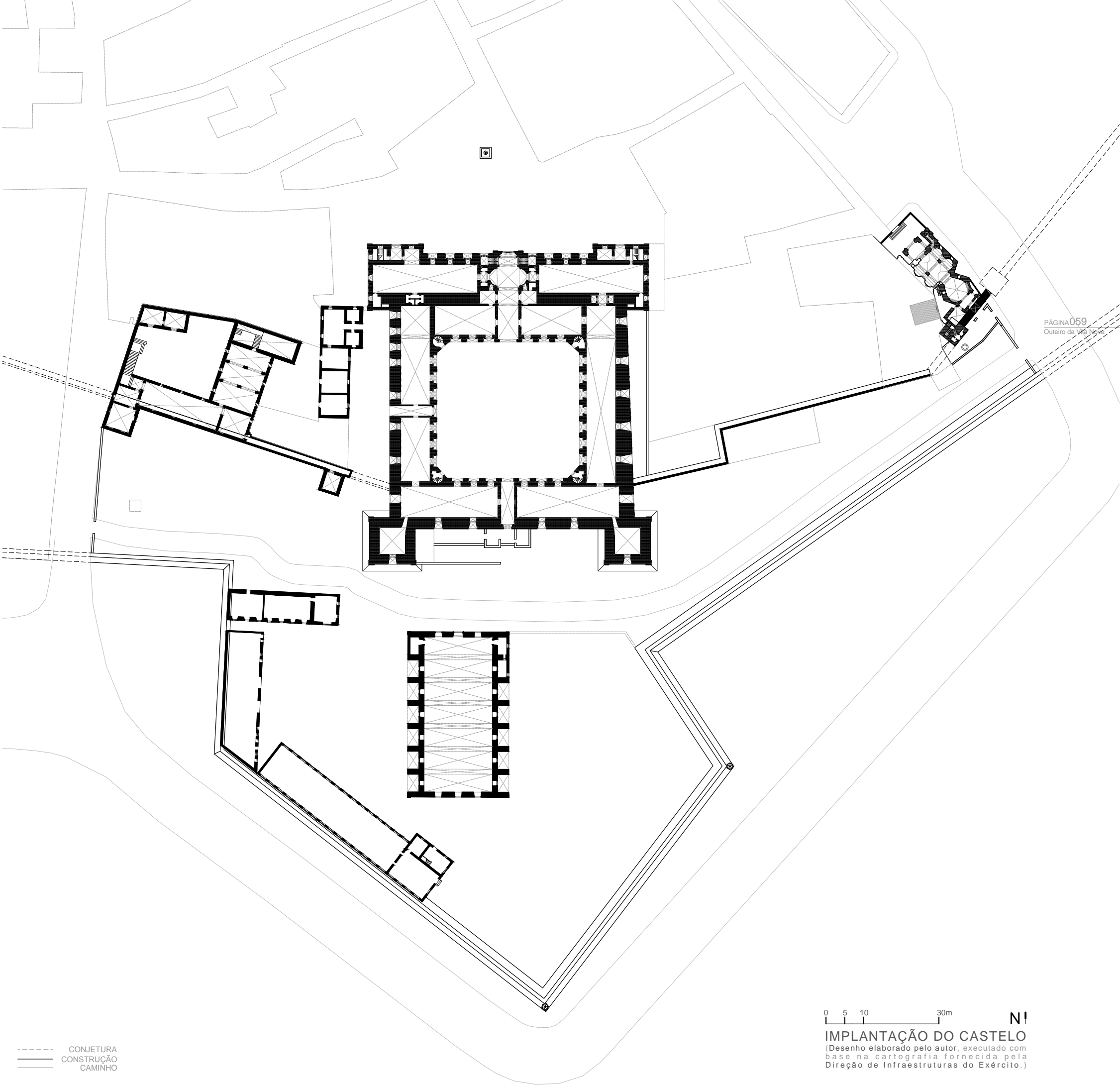


Fig.25 | Área Contígua ao Castelo Novo, 1926
Fig.26 | Desenho dos Anexos, 1935
Fig.27 | Fotografia de David Freitas, 1950-65
Fig.28 | Planta do piso térreo, 1926



0 5 10 30m
N
IMPLANTAÇÃO DO CASTELO
(Desenho elaborado pelo autor, executado com base na cartografia fornecida pela Direção de Infraestruturas do Exército.)

OUTEIRO DA VILA NOVA - 2018

Com a malha urbana completamente consolidada, anexando desde logo na sua origem construções, fica difícil perceber a sua real importância como peça no contexto. A leitura, hoje, é entorpecida pelas mesmas, que não permitem um olhar claro sobre o Castelo Novo, aliado a isso, as grandes transformações que sofrera no século XVIII, assim como, a construção do Baluarte no século XVII e o posterior encerramento daquela que foi a rua do picadeiro.

Trata-se de uma estrutura enigmática em todos os momentos, esquecida e sem glória, carecendo de contextualização e reconhecimento como monumento.

----- CONJETURA
===== CONSTRUÇÃO
===== CAMINHO

0 5 10 30m

IMPLANTAÇÃO DO CASTELO
(Desenho elaborado pelo autor, executado com
base na cartografia fornecida pela
Direção de Infraestruturas do Exército.)

N

CRONOLOGIA

1518 - INICIO DAS CONSTRUÇÕES
1577-79/80-82/1639-40 - BENEFICIAÇÕES ENQUANTO CELEIRO
1680 - BALUARTE DO PICADEIRO
1736 - TRANSFORMAÇÃO DA ESTRUTURA POR ENG MIGUEL LUIS JACOB
(D.João V insistiu em Évora, por alvará de 8 de Janeiro de 1736)
1759 - ESCADAS PRINCIPAIS
(Suspensão dos trabalhos - Guerra dos 7 anos)
(Recomeço no tempo do Conde de Lippe)
1772 - CAVALARIÇAS
1795 - DETERMINAÇÃO PARA O ACABAR
(Reinado de D. Maria I), dado ao TCor Eng Tomás de Vila Nova e Sequeira.
1803 - FIM OFICIAL DA EMPREITADA
1807 - FIM DOS ACABAMENTOS INTERIORES
1980/82 - BENEFICIAÇÕES
(Retirada das latrinas nas empenas laterais e do corpo da casa da guarda na entrada sul)
1991-93 - BENEFICIAÇÕES

QUARTEL DOS DRAGÕES

OCUPAÇÃO PELO REGIMENTO DOS DRAGÕES (PELA REFORMA DE BERESFORD, EM 1806, PASSOU UM DESIGNAR-SE REGIMENTO DE CAVALARIA 5)
26MAI1834 - Convenção de Évora-Monte - Extinção o RC 5
21JUL1834 - Criado Novo Regimento com a mesma designação - Regimento de Cavalaria 5
24OUT1939 - (Dec. Lei) Extingue o RC 5 e Integra-o não RC 3

OCUPAÇÕES MAIS RECENTES

Regimento de Infantaria 16 - Até 1975
Regimento de Infantaria de Évora - Até 1976
Unidade dos Serviços de Apoio do Quartel General da Região Militar do Sul - Até Abril de 1992
Comando e Quartel General da Região Militar do Sul - Até 15JUL2006
Comando da Instrução e Doutrina do Exército - Desde 15JUL2006 até 01JUL2015
Direção de Formação - Desde 01JUL2015 até a data.

Fig.29 | Fotografia aérea tirada com drone



CASTELO NOVO AO ANO DE 1737

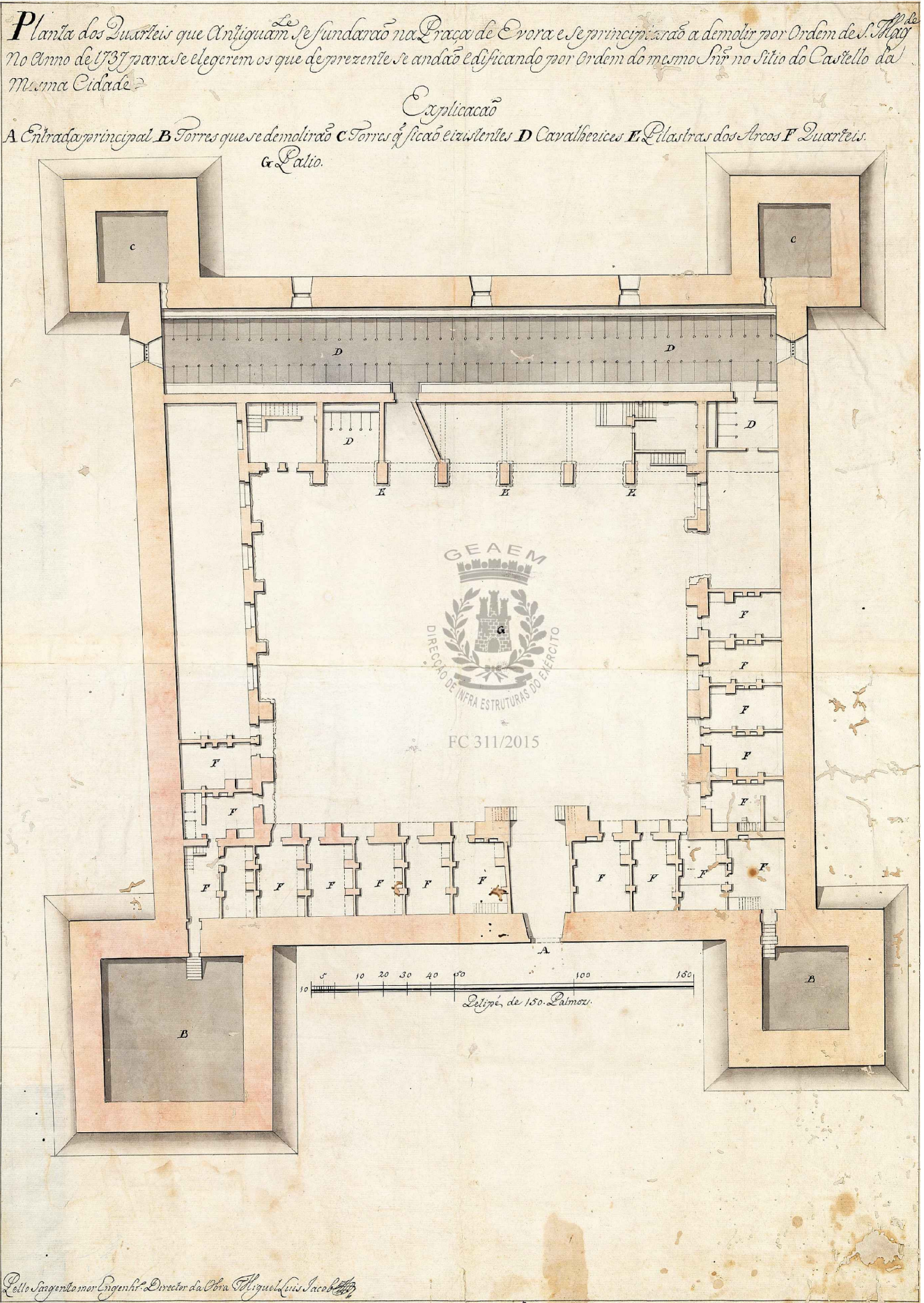
Planta dos quartéis que antiguam^{te} se fundarão na Praça de Evora e se principiarão a demolir por ordem de S. Mag^{de} no anno de 1737 para se elegerem os que de presente se andarão edificando por ordem do mesmo Snr no sitio do Castello da mesma cidade.

Explicação

A.Entrada principal B.Torres que se demoloirão C.Torres q ficão eizistentes
D.Cavalherices E.Pilastras dos Arcos F.Quarteis G.Patio

Pello Sargento Mor Engenheiro Director da Obra Miguel Luiz Jacob

Fig.30 | Planta de levantamento efetuado por Miguel Luis Jacob em 1737



CASTELO NOVO AO ANO DE 1737

O levantamento que nos chega por Miguel Luís Jacob da estrutura em 1737 é o estado de como se encontrava o Castelo à data. Sabemos que, para além da estrutura primitiva, esta informação corresponde também ao conjunto das sucessivas intervenções que sofrera para adaptação como Celeiro Comum em 1577 e 1579, de 1580 a 1582 e em 1639 e 1640, trabalhando aqui os oficiais de pedraria Mateus Neto, mestre do cano da Água de Prata, Brás Godinho, Francisco Gil e Luís Gomes.⁽²⁷⁾

O desenho da estrutura chega-nos anteriormente através dos levantamentos/projeto do reforço defensivo da cidade nos séculos XVII e XVIII, porém, numa escala afastada que não nos permite fazer qualquer leitura da mesma.

Sabemos no entanto, que à data, do projeto de Diogo de Arruda, conhecemos aquela que é a estrutura basilar e que vem a servir de alicerce à fundação do projeto de Miguel Luís Jacob.

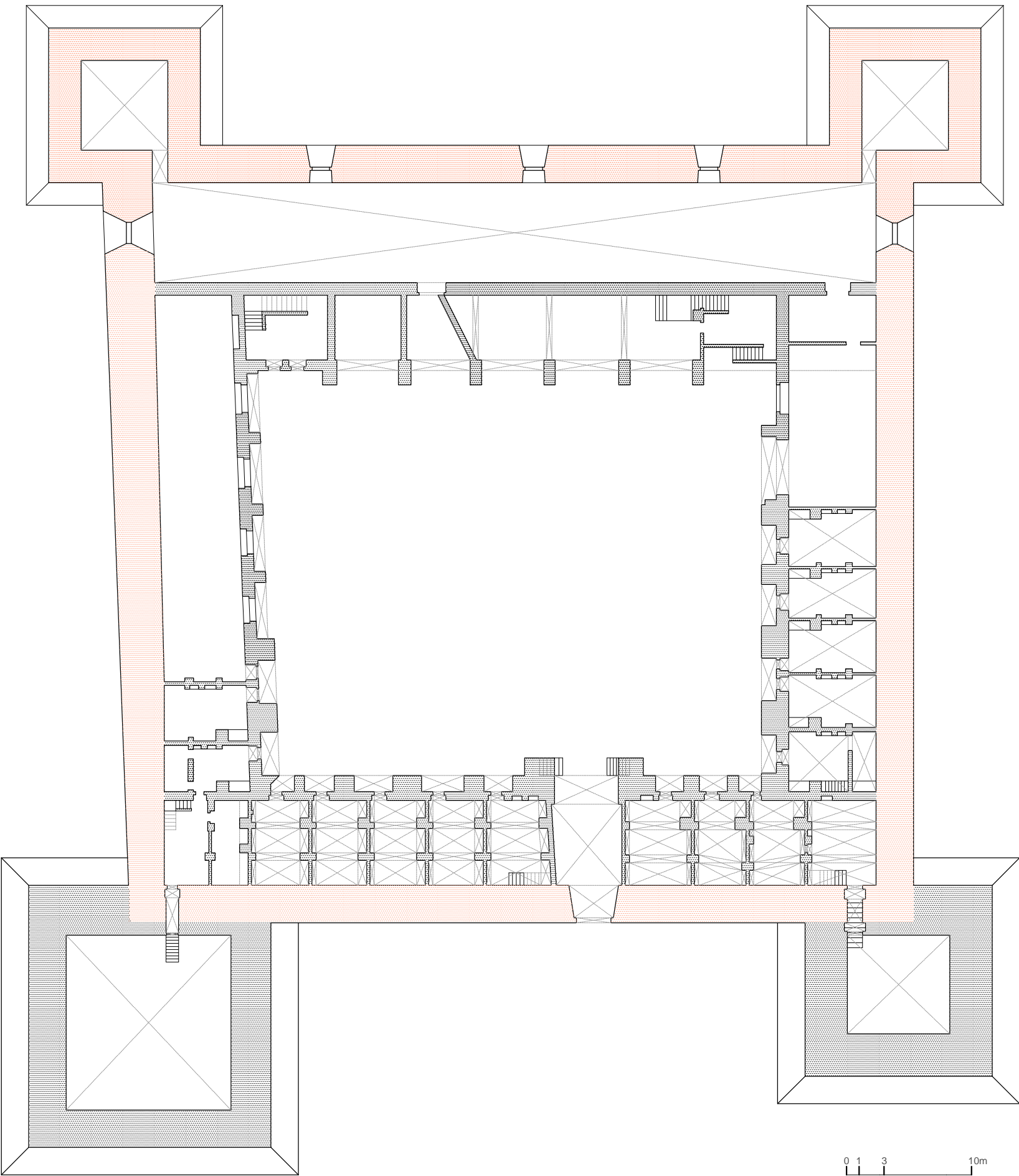
A data de conclusão do Castelo levanta dúvidas o que faz com que acreditemos que nunca tenha chegado a ser concluído como tal. Correspondendo as cartas de quitação de 1525, a que muitos autores atribuem o fim dos trabalhos, ao fim de uma primeira fase, ou, aos trabalhos realizados até então. As sucessivas beneficiações descritas, algumas delas como avultadas, remetem-nos para o imaginário de uma estrutura inacabada. Carecendo de condições básicas para abrigo do novo programa enquanto Celeiro.

Se, por um lado, não conseguimos atribuir uma motivação coeva comprovativa que taxativamente indique o seu erguer, também, não nos é fácil apontar os reais motivos deste abandono, que vem a fazer com que fique perdido no tempo.

Do conjunto imponente de planta quadrada restam-nos as suas paredes exteriores e os dois torreões a Sul que conservam o cordão manuelino e as respetivas canhoiras cujo interior está soterrado.

Estrutura completamente erudita à época, seguindo os cânones do Renascimento, apresenta-se sob planta quadrangular que se desenvolve em torno de um pátio também ele quadrangular com quatro torreões nos vértices, sendo os dois a Norte de tamanho assimétrico.

(27) Cf. Espanca, T. (1966), Pp.15

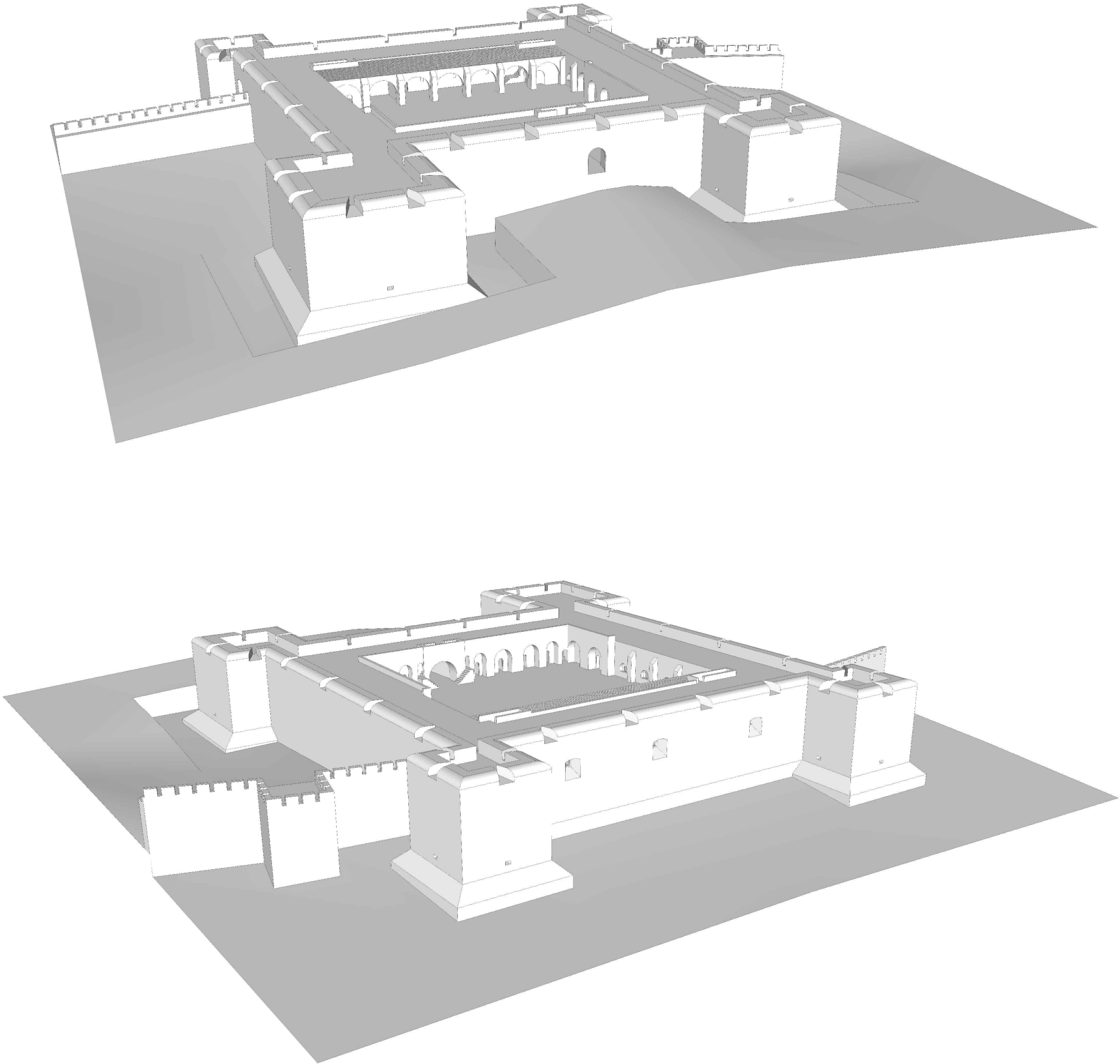


CASTELO NOVO AO ANO DE 1737

São poucas as premissas a que podemos dar seguimento na leitura, para além das já enunciadas, resta-nos fazer uma leitura dos elementos representados por Miguel Luís Jacob, como as escadas nos torreões frontais/Norte, onde cada lance é representado com a projecção de sombra, remetendo-nos para profundidade, ou, até mesmo pela tonalidade usada no pavimento. Com nove degraus, cada lance, venceríamos uma altura compreendida entre dois metros e meio a três metros, colocando-nos assim na cota a que se encontram as canhoeirias nos torreões sul, o que nos levaria a ponderar a existência de um fosso, mesmo sem saber se estes eram dotados de canhoeirias nas suas bases.

No lado do Solar dos Condes de Sabugal, Oeste, não conseguimos precisar a data a que foi aberto o troço de muralha em falta que tocaria a lateral do edifício e o seu motivo, já do lado contrario, o troço de muralha mantem-se intacto. Apesar das cotas do terreno estarem nos dias de hoje muito adulteradas, os terrenos laterais, preservam ainda a cota que julgamos original, sendo esta inferior a do terreno na frente do Castelo, principalmente no terreno compreendido entre o Castelo e a Igreja da Pobreza onde acreditamos ser possível vislumbrar ainda aquela que é a base do torreão que foi demolido.

Para esta ideia de fosso o melhor exemplar que poderíamos tomar seria o do Castelo Artilheiro de Vila Viçosa, projetado nos anos seguintes, sendo concluído e mantido em bom estado de conservação até aos dias de hoje. Serviria como exemplo, ainda, ao nível da cobertura, para percebermos como esta deveria ter sido, acreditando que nunca chegou a ser concluída.



CASTELO NOVO AO ANO DE 1737

Da leitura dos indícios *in loco* podemos observar o aparelho dos silhares nos torreões sul ao nível do cordão intermédio, que mostra de forma clara a diferença entre a estrutura primitiva do século XVI e o adicionado no século XVIII, (Fig.32 e 33). Esta diferença é visível também através da espessura nas paredes exteriores dos pisos superiores em relação ao térreo.

Da estrutura primitiva do Castelo pouco subsiste, sendo os torreões a sul o único elemento que resta com as respetivas canhoeirás que se encontram ao momento soterradas.

As canhoeirás são de aberturas tímidas, com dimensões bastantes reduzidas, remetem-nos para um período inicial no estudo destas intervenções (Fig.34). Com dimensões, 90cm x 54cm por 34cm x 34cm, saída e janela respetivamente, orientação de tiro mergulhante, coloca-nos para o uso de peças de artilharia de curto alcance, e, talvez, mais de caracter/uso pessoal, como os Mosquetes, ou mesmo um Trom. Sabemos porém que o engenho a utilizar seria um pouco avançado para a época, pois teria de ser dotado de mecanismo que permitisse inclinar a arma para baixo sem que o projétil deslizesse, sistema de que sabemos a Bombarda ou o Arcabuz não serem dotados.

A estrutura do Castelo Novo erudito em desenho podemos crer que tenha sido anacrónico em soluções, prova disso seria a sua ocupação enquanto Celeiro Comum nos anos seguintes. Olhemos para as bases dos torreões em que é resolvido o problema da junção do embasamento com o corpo numa espécie de Alambor quando nos casos seguintes o sistema adotado é o Telescópico. O próprio cordão manuelino que envolve toda a base além do seu aspeto ornamental teria o efeito de anular um angulo na estrutura, servindo de almofada para os projeteis e dissipar as suas forças. Este último exemplo repete-se na torre de Évora Monte.

Procurámos fazer uma interpretação daquilo que julgamos ser possível com os indícios que restam, a fim de perceber como seria a estrutura.

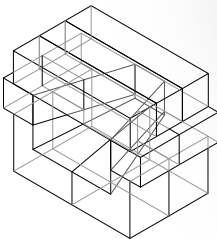
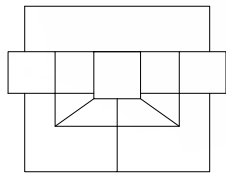
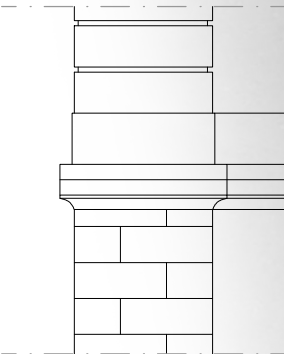
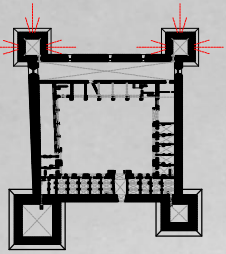


Fig.32 | Fotografia dos Torreões Sul
Fig.33 | Pormenor do aparelho dos silhares no encontro dos dois projetos
Fig.34 | Desenho da Canhoeira dos Torreões Sul do Castelo Novo de Évora

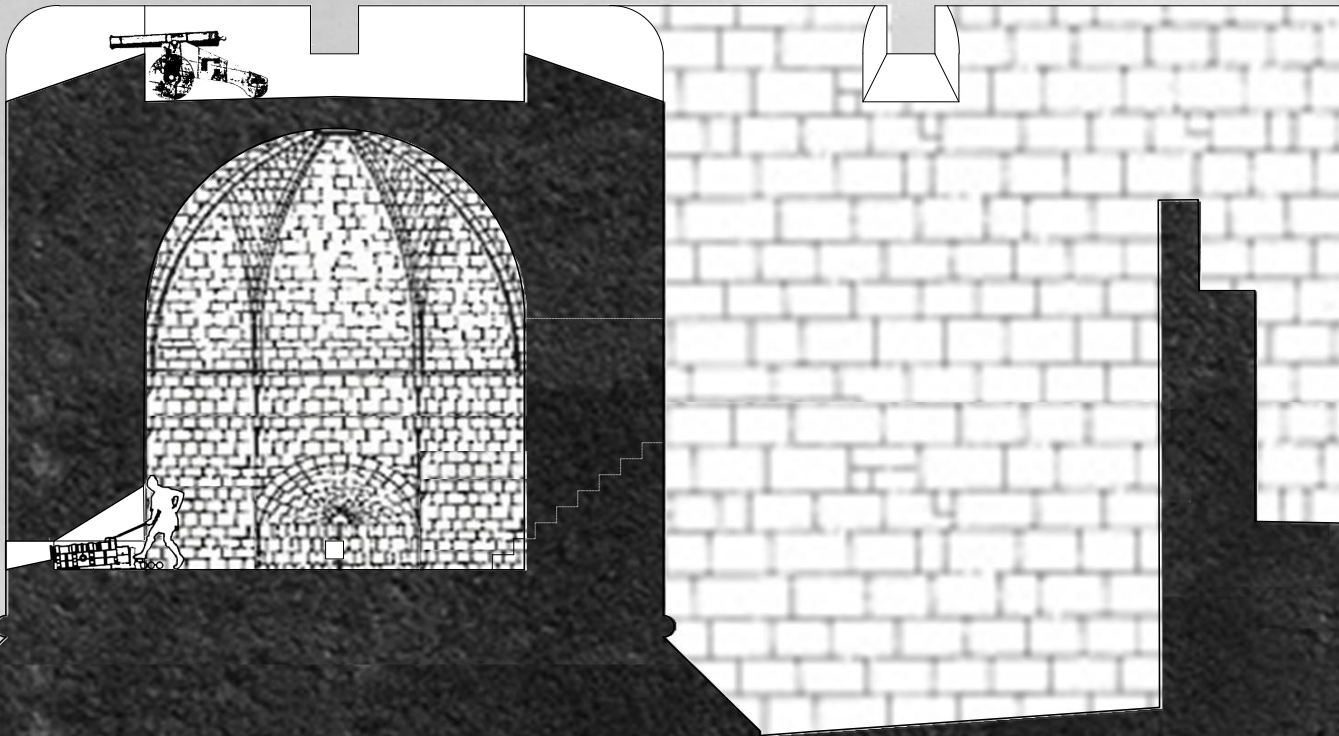


Ângulo de tiro a partir das canhoeirás

Cota do cordão intermédio

Cota do pátio

Canhoeirás que subsistem



0 1 3 8m
CORTE TORREÃO SUL
(Desenho elaborado pelo autor, com base na cartografia produzida por Eng. Miguel Luís Jacob, fornecida pela Direção de Infraestruturas do Exército.)

CASTELO NOVO AO ANO DE 1760

Planta do Quartel de Cavalaria que se esta Edificando no Castelo da Cidade de Evora por Ordem de S. Mag^{de} Fidellissima de D^a G^{de}

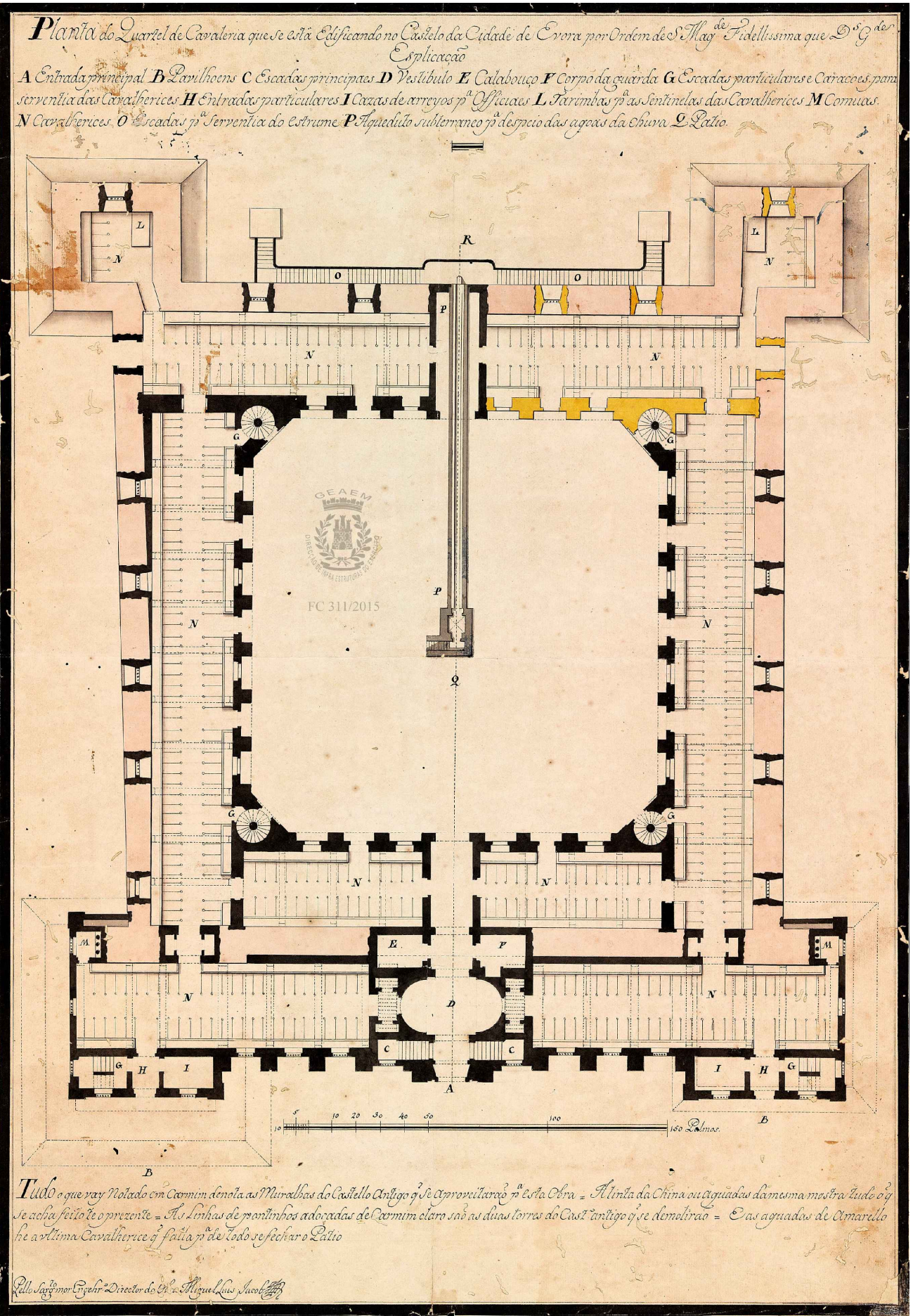
Explicação

A.Entrada principal B.Pavilhoens C.Escadas principaes D.Vestibulo E.Calabouço F.Corpo da guarda G.Escadas particulares e caracoes para serventia das cavalherices H.Entradas particulares I.Cazas de arreyos p^a Officiaes L.Tarimbas p^a as Sentinelas das Cavalherices M.Comuas N.Cavalherices O.Escadas p^a Serventia do estrume P.Aqueduto subterrâneo p^a despejo das agoas da chuva P.Patio

Tudo o que vay notado em carmim denota as muralhas do castello antigo q se aproveitarão p^a esta obra. A tinta da china ou aguadas da mesma mostra tudo o q se acha feito te o prezente. As linhas de pontinhos adoradas de carmim claro são as duas torres do Cast. Antigo q se demolirão. E as aguadas de amarello he a ultima cavalherice q falta p^a de todo se fechar o pátio.

Pello Sargento Mor Engenheiro Director da Obra Miguel Luiz Jacob

Fig.35 | Planta do projeto de Miguel Luis Jacob em 1760



CASTELO NOVO AO ANO DE 1760

Planta do primº Pavimº dos quartéis pª Officiaes e soldados dos Dragoens da Cidade de Evora em sitio do Castello.

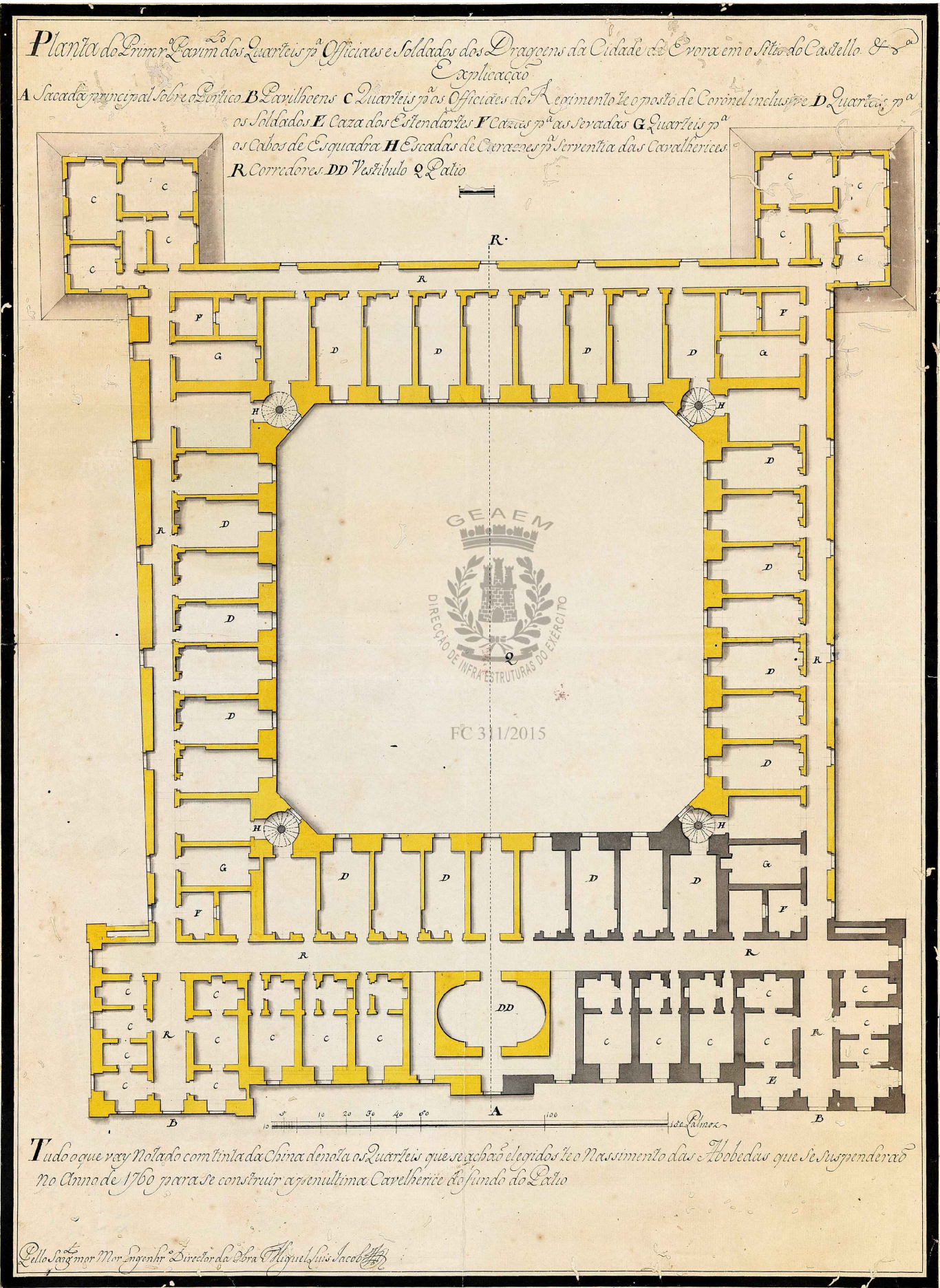
Explicação

A. Sacada principal sobre o Portico B. Pavilhoens C. Quartéis pa os. Officiaes do Regimento e o posto de Coronel Inclusive D. Quartéis pª os Soldados E. Caza dos Estendartes F. Cazas pª as Sevadas G. Quartéis pª os cabos de Esquadra H. Escadas de caracoes pª serventia das cavalherices R. Corredores DD. Vestibulo 2. Patio

Tudo o que vay notado com tinta da china denota os quartéis que se achão elegidos te o nascimento das Abobedas que se suspenderão no anno de 1760 para se construis a penultima Cavalherice do fundo do Patio.

Pello Sargento Mor Engenheiro Director da Obra Miguel Luiz Jacob

Fig.36 | Planta do projeto de Miguel Luis Jacob em 1760



CASTELO NOVO AO ANO DE 1760
Perfil Elevação do Quartel da Cavalaria de Evora cortado sobre a linha **AR** da planta fundamental de todo o edificio.

A. Entrada Principal **C.** Escadas principaes **D.** Vestibulo **E.** Calabouço **G.** Escadas particulares e caracoos **N.** Portas das cavalherices **P.** Aqueduto subterrâneo **R.** Corredores **S.** Vestibulo **T.** Quartos de Officiaes

Elevação exterior da Frontr.^a

H. Entradas particulares
A. Entrada Principal

Advertencia

O que vay notado de pontinhos tanto no Perfil como no Alçado mostra o q esta feito atte o prezente, e tudo o mais he o q esta poa fazer.
O Petipé he algum tanto mayor que os das planta p.^a q. as suas partes se fação mais intelligíveis.

Pello Sargento Mor Engenheiro Director da Obra Miguel Luiz Jacob

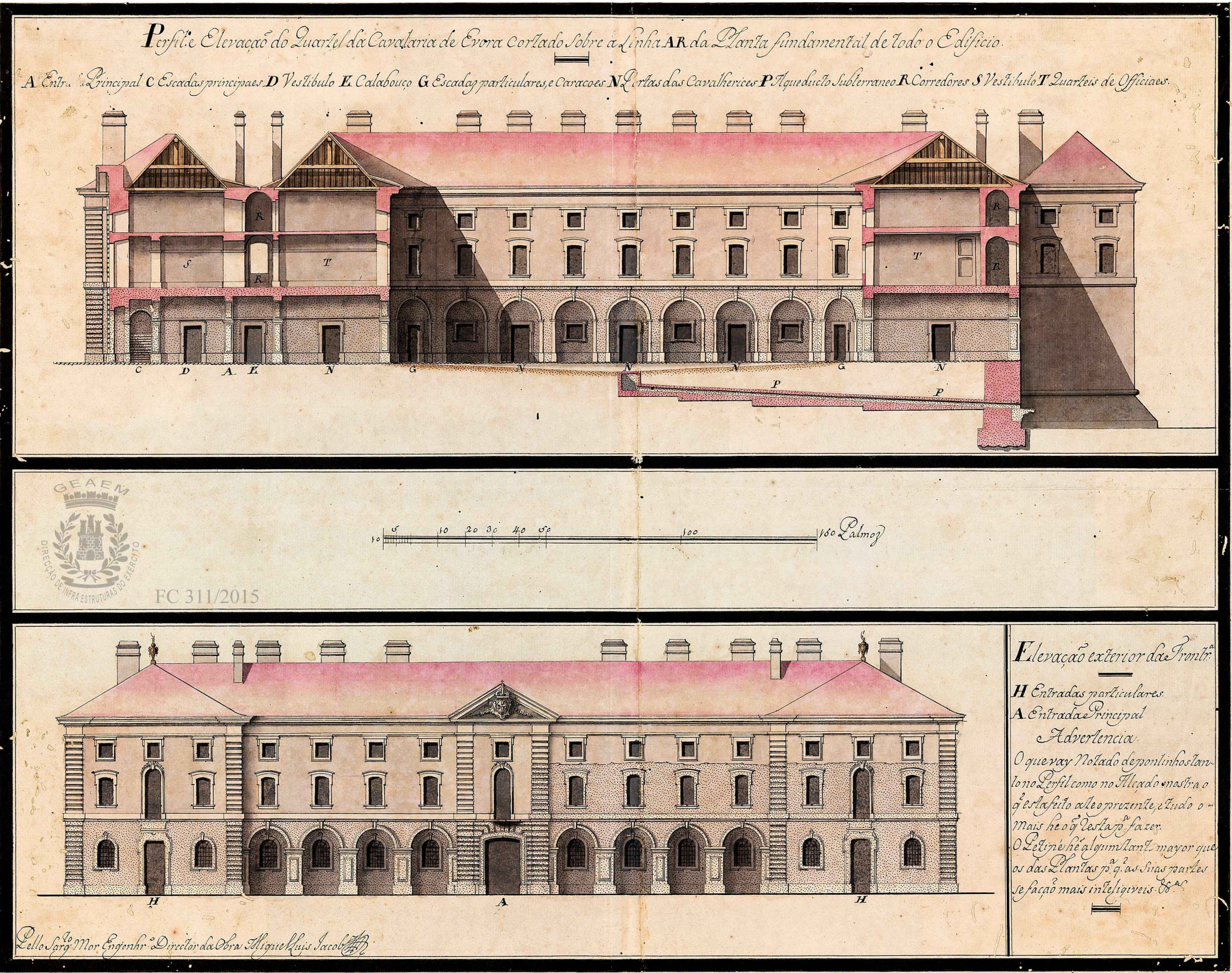


Fig.37 | Perfil/Corte transversal e Alçado do projeto de Miguel Luis Jacob em 1760

"Quartel de Cavallaria

Este espaçoso e magnífico edifício, conhecido pela denominação de Castellos, em razão de ficar no lugar onde existira o castello da antiga cinta de muralhas, com que o formoso mas tão infeliz D. Fernando I cercou Evora, é talvez o melhor desta natureza, que temos no reino.

Começado a construir pelo anno de 1744, estando á frente da governação militar da provincia o conde de Atalaya, só em 1807 foi concluído.

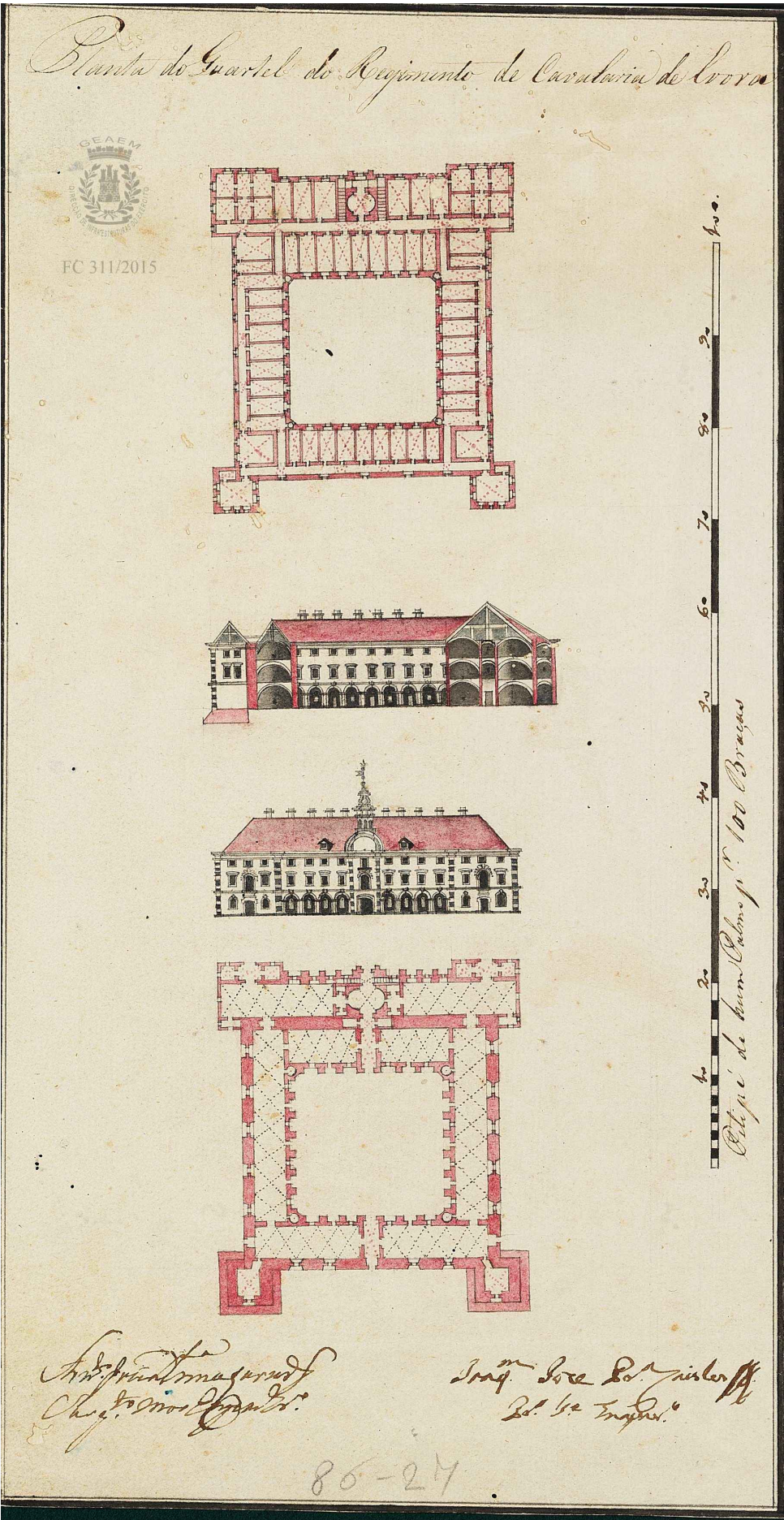
Campeia ao sul da cidade, perto do rocio de S. Braz, desfronfrontado de qualquer edificações que lhe desafiem a competência, ou amesquinhem as proporções, e apresenta a forma rectangular, com um bastião avançado em cada angulo. A fachada principal, feita com certa elegância, olha ao norte, e tem no centro por cima da cimalha um tropheo marmóreo em alto relevo.

As escadarias, porta e esquinas de granito bem aparelhado, os compridos corredores, as vastas arrecadações e cavalariças, etc., tomam-o capaz de dar aquartelamento a um avultado numero de tropas, assim de infantaria como de cavallaria, e merecedor de ser visto e admirado.

Ao presente é occupado pelo regimento de cavallaria n.º 5."

Roteiro da cidade de Évora e breve notícia dos seus principaes monumentos,
Evora, 1871, António F. Barata, Pp. 23 e 24.

Fig.38 | Planta do Quartel do Regimento de Cavalaria de Evora por António José de Santana Carneiro em 1806



Se, para a condição anterior do Castelo as informações são raras, o mesmo não poderemos dizer quanto ao projeto executado no século XVIII. Vários são os autores que a ela se referem, uns mais pormenorizadamente que outros, mas em tudo concordantes.

Quem, para nós, melhor faz a sua descrição é Túlio Espanca e quem passamos a citar.

"D. João V instituiu em Évora, por alvará de 8 de Janeiro de 1736, o Regimento de Dragões, sob comando do Conde de Soure, sendo governador das armas da provincia o Conde de Atalaia e logo se pensou no castelo novo para instalação da unidade. O Capitão engenheiro Miguel Luís Jacob foi autor do projecto de adaptação que, com ligeiras modificações sugeridas no reinado de D. José I previa o aproveitamento de grande parte da fortaleza manuelina, plano que se aplicou integralmente. Em 1759 as obras das escadas principais corriam com celeridade sob direcção do técnico responsável, sendo comandante do regimento o coronel Conde de Lumiães.

A guerra contra Espanha provocou a suspensão do trabalhos, que recomeçaram, todavia, ainda em tempos do Marechal Conde de Lippe Buckburg. Em 1772 já as cavalações do edifício se encontravam prontas.

No ano de 1795 o tenente-coronel de engenharia Tomaz de Vila Nova e Sequeira recebeu incumbência da corte de D. Maria I para terminar a vultuosa construção, pelo que a tesouraria geral das tropas da provincia abriu um elevado crédito para o efeito. Oficialmente esta empreitada terminou em 1803, mas os acabamentos interiores prosseguiram até 1807.

O aquartelamento, construído expressamente para os dragões da cidade, que depois da reforma de Beresford passou a ter o número 5 de Cavalaria, foi ocupado até Novembro de 1940 por esta unidade. Alojava comodamente, além da oficialidade, 350 praças e 250 cavalos.

Actualmente é sede do Regimento de Infantaria n.º 16.

O edifício é de planta quadrada rematado por quatro imponentes torres de alvenaria angularmente revestidas de pilastras de grandes lages almofadadas, de granito. O aspecto de conjunto mantém o plano directriz do renascimento, modelado no sistema regular da fortaleza à italiana, quiçá um dos primeiros tipos do género introduzido no país nos alvores do quinhentismo. A frontaria, voltada ao lado Setentrional, tem proporções e linhas majestosas, com corpo central recuado assente em oito arcadas falsas de vãos redondos e janelas semicirculares, ornatas no fecho, enobrecido por pórtico apilastrado de cantaria trabalhada. Sobrepujante, vultuoso frontão circular composto pelas armas reais de Portugal, coroadas e de alto relevo de mármore branco de Estremoz, com paquife e troféus bélicos. Aberturas de três tipos dos estilos D. José e D. Maria I, correspondentes aos pavimentos do grandioso edifício, acompanham todas as fachadas, com exclusão dos corpos baixos dos dois torreões, também quadrados, do lado sul, muito mais robustos, de aparelho quinhentista, que repousam numa fortíssima sapata de plano inclinado ornamentada pelo cordão da época manuelina. São os restos subsistentes do castelo novo de Diogo de Arruda, com as troneiras coetâneas. Da mesma obra existe todo o paramento da torre oriental, com várias fiadas de blocos graníticos de cerda de quatro metros de altura, assim como

parte dos alçados laterais da construção, servindo de paredes mestras das cavalações. Nos prospecto do andar principal (que é todo envolvido por friso de pedra), sobranceiro ao Batalhão da Guarda Fiscal, aberto na alvenaria, vê-se a data de 1803 sotoposta a uma cruz.

A entrada principal, em rotunda de planta ovoide, ligada a corredor de abóbada de berço e de arcos apilastrados, de aduelas graníticas, dá acesso às salas de armas, vastas dependências rectangulares cobertas por tectos de meio canhão, iluminadas directamente por janelas da frente Norte. Cómodas escadas destinadas aos oficiais, de degraus de pedra, comunicam aos corpos nobres do quartel e corredores que em ângulos rectos abraçam todo o imóvel.

A parada, de planta quadrada, típica construção da 2.º metade do séc. XVIII, tem as quatro fachadas assentes em arcada falsa de sete vãos de volta redonda por banda, com molduras e pilastras singelas e dois andares decorados por janelas de sacada e de peito, com ombreiras e dintéis de granito regional. Quatro escadas cocleadas, de serviço das praças rompem do pátio, na nasçença de arcos idênticos, com acesso ao labirinto de casernas: conservam rodapé de azulejos azuis e brancos, geométricos e de fabricação industrial dos começos de oitocentos.

As escadas da face norte, rompentes aos telhados terminam em torres cilíndricas com fogaréus; a fachada meridional está composta por nicho de mármore branco e azul, na correspondência do segundo andar, agora preenchido por uma moderna efígie do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, padroeiro da arma de infantaria(1). Sobrepujante ao beirado, campanário de alvenaria terminado por uma ornamental, sem sino. O relógio sotoposto é posterior.

Vasta sala de planta quadrangular e cobertura cupuliforme aberta em lanternim circular no corpo interior e hexagonal no externo, de remate piriforme, compõe o eixo do 2.º piso. Era a sala do Conselho Regimental. Está decorada na abóbada por tabelas não-clássicas, murais, de temas bélicos e triunfas, envolvidas por ornatos, sanefas e grinaldas presas e querubins. Nas cimalthas e nos alçados vislumbra-se composições semelhantes, que a falta de sensibilidades e respeito pela criação artística ocultou sob recentes camadas de cal. É obra anónima de c.ª1800.”(28)

O projeto de Jacob iniciado em 1736 vê os seus trabalhos interrompidos pela guerra dos sete anos e, em 1760, o mesmo produz os desenhos que conhecemos explicando o que até então havia sido feito. O projeto foi de execução morosa, setenta anos até ao seu término, e, em 1771 Jacob falece, anos mais tarde, em 1795, no reinado de D. Maria I é dada a ordem para o término das obras, ficando a cargo do Tcor Eng. Tomás de Vila Nova e Sequeira. O projeto de Jacob é no entanto seguido na integra, salva exceção da referida vasta sala de planta quadrangular e cobertura cupuliforme aberta em lanternim circular no segundo piso, assim com, o frontão semicircular de arco abatido e a cobertura do corpo principal da entrada. Não sabemos a autoria destas alterações sendo que em 1806 aparecem já representadas no desenho de Antônio José de Santana Carneiro.

(28) Cf. Espanca, T. (1966), Pp.15 e 16

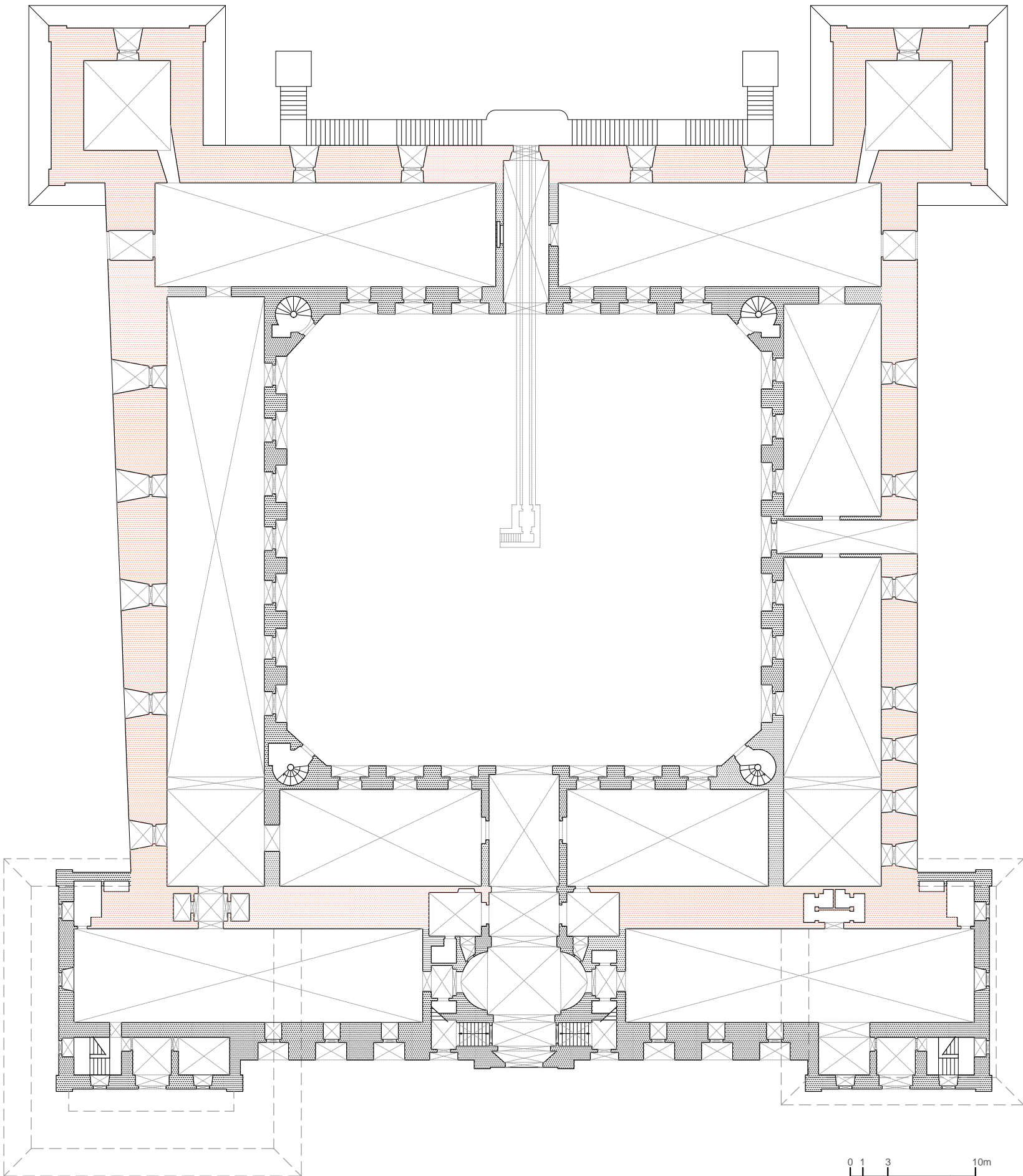
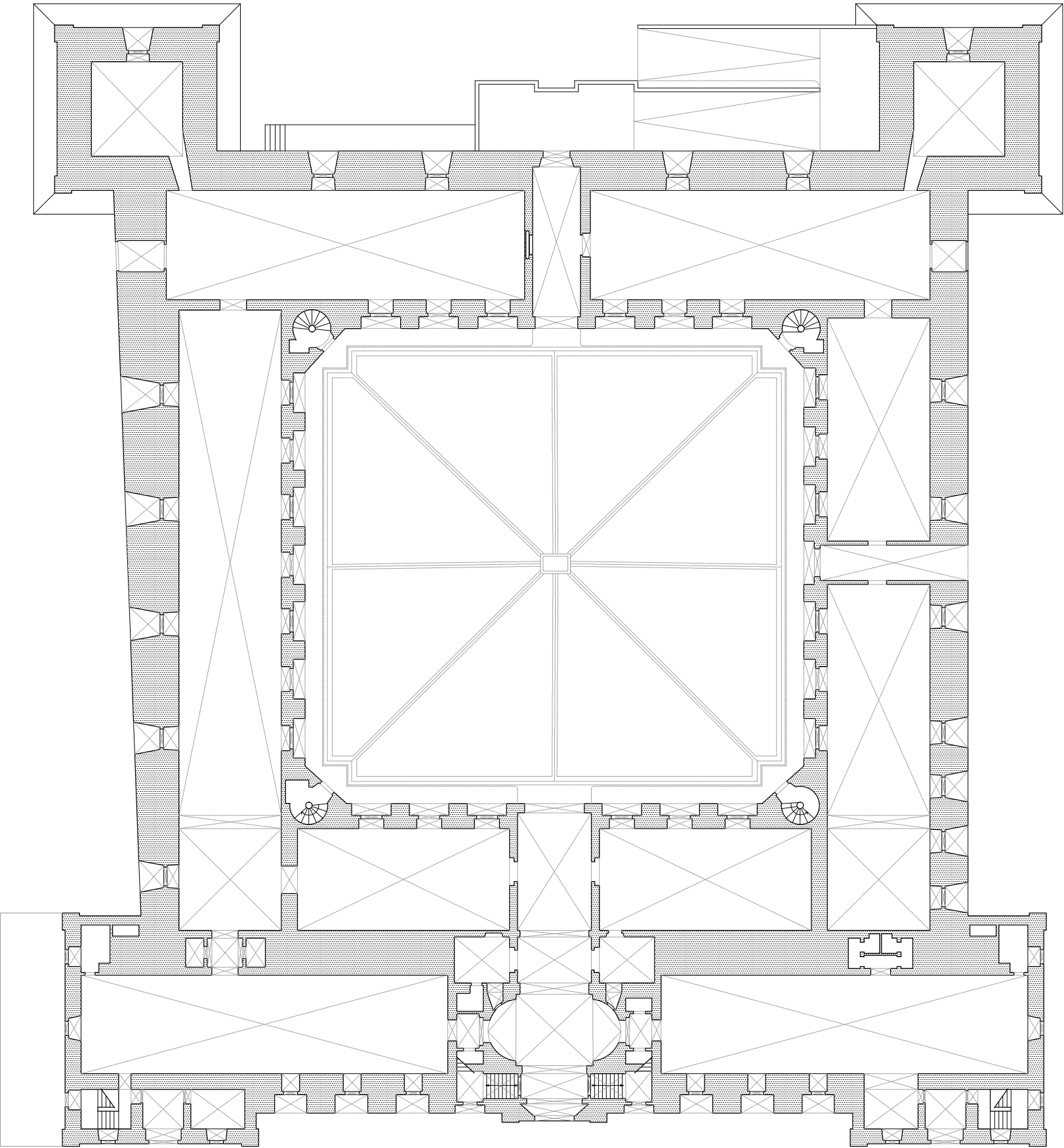




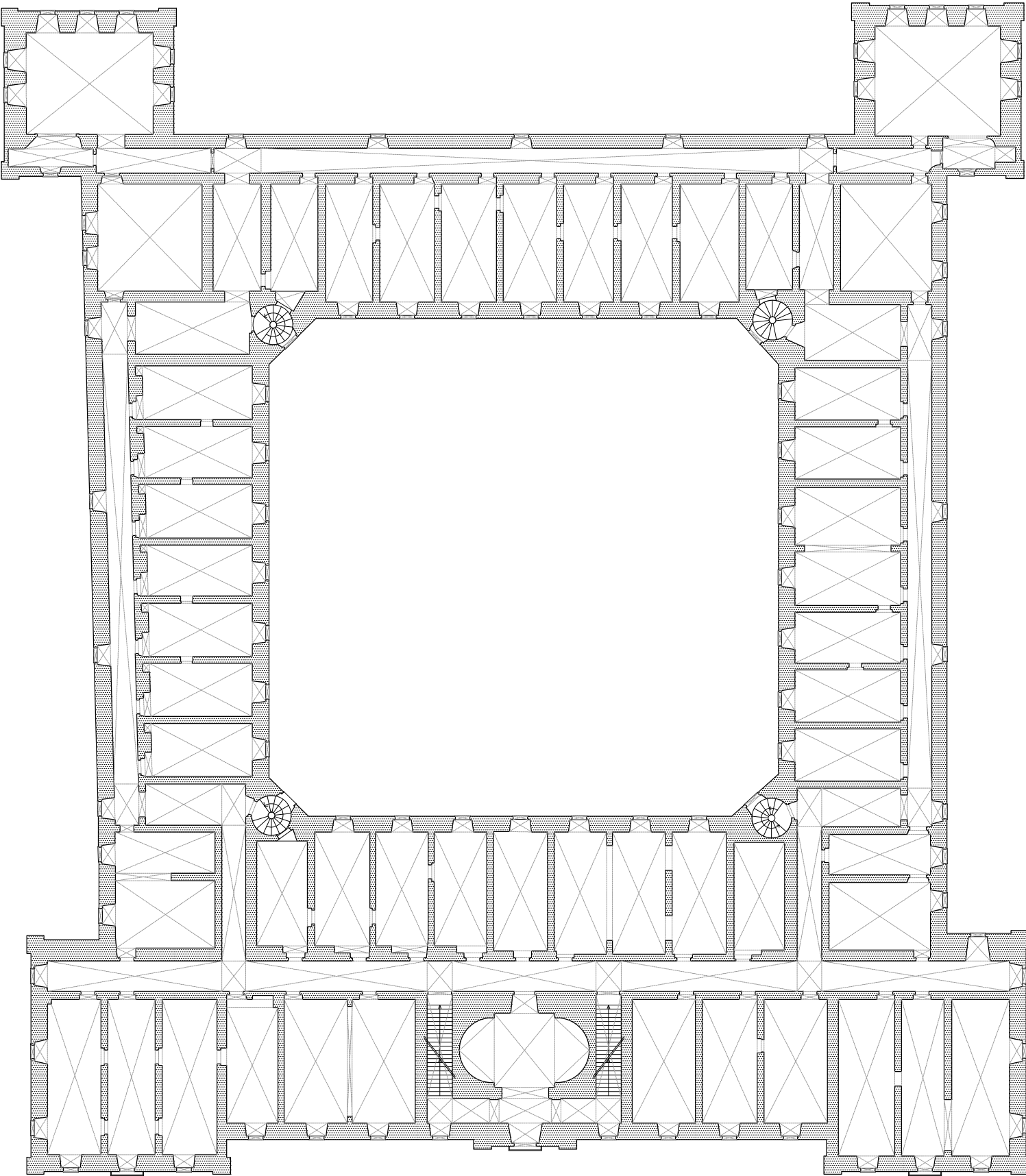
Fig.39 | Fotomontagem realizada pelo autor através das peças produzidas por David Freitas em 1950-69 do arquivo fotográfico municipal de Évora (DFT7249 + DFT7251 + DFT7258).



0 1 3 10m

N

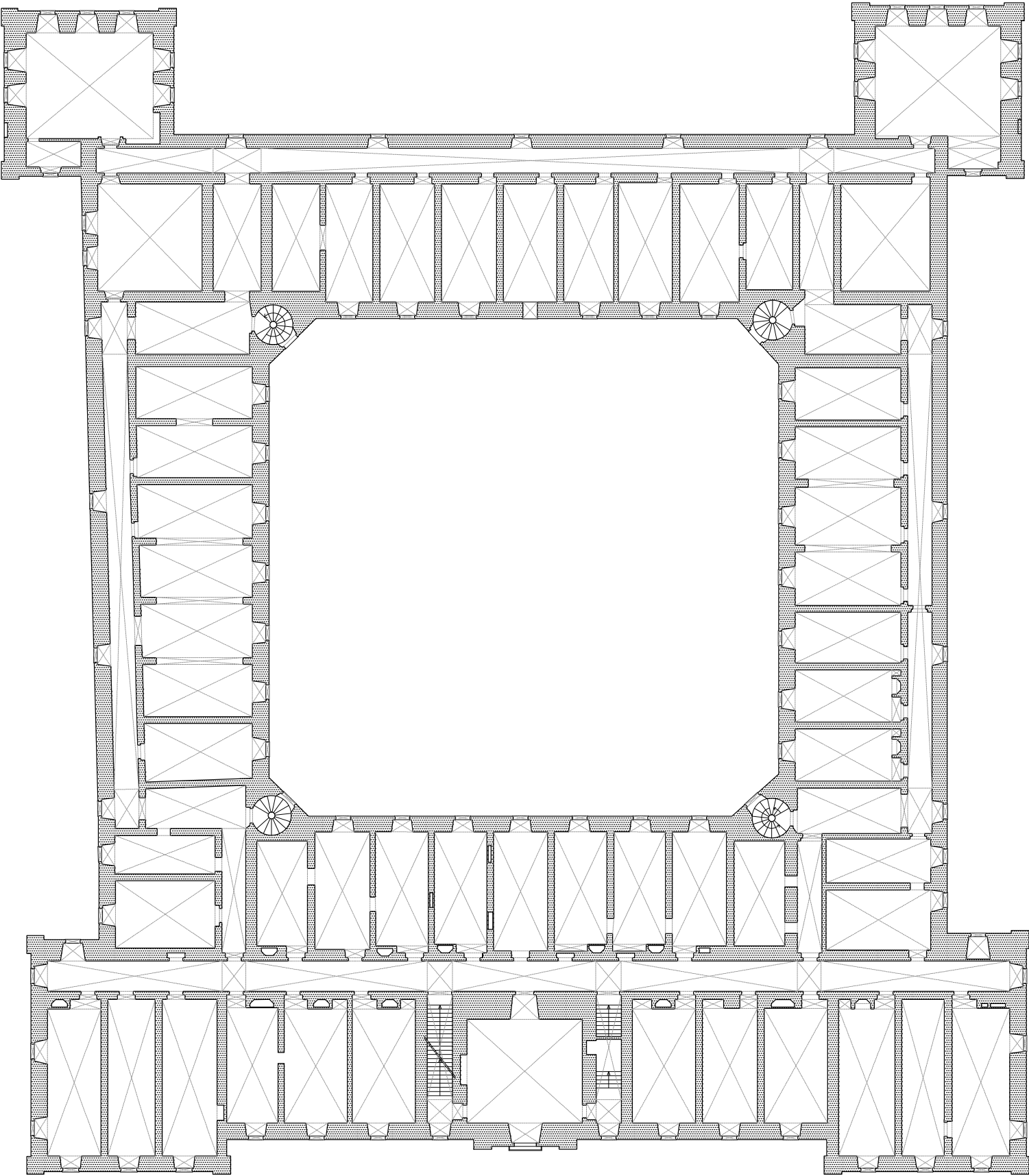
PLANTA DO PISO TÉRREO
(Desenho elaborado pelo autor, com base na cartografia
produzida por Eng. Miguel Luís Jacob, fornecida pela
Direção de Infraestruturas do Exército.)



0 1 3 10m

PLANTA DO PRIMEIRO PISO
(Desenho elaborado pelo autor, com base na cartografia
produzida por Eng. Miguel Luís Jacob, fornecida pela
Direção de Infraestruturas do Exército.)

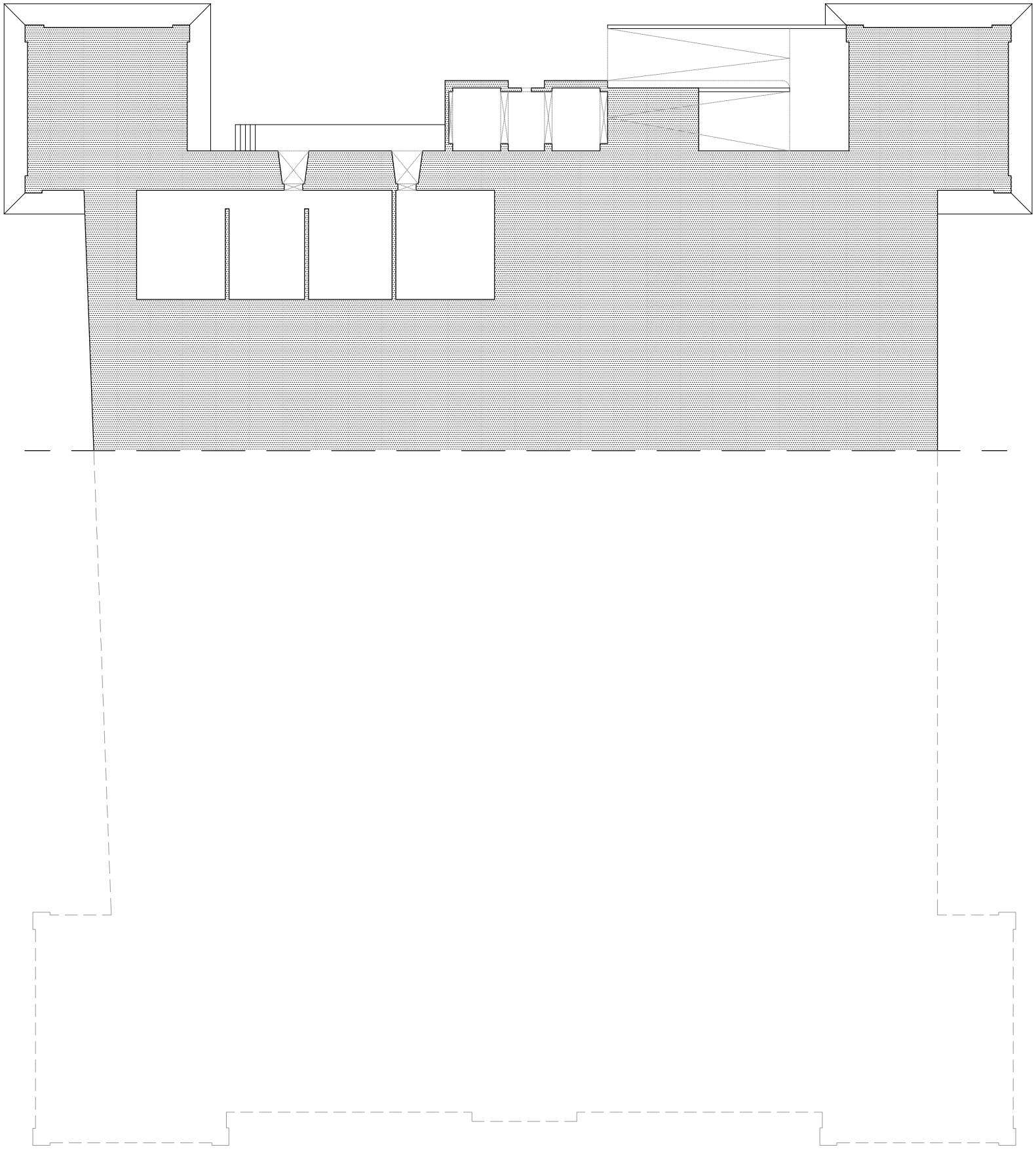
N



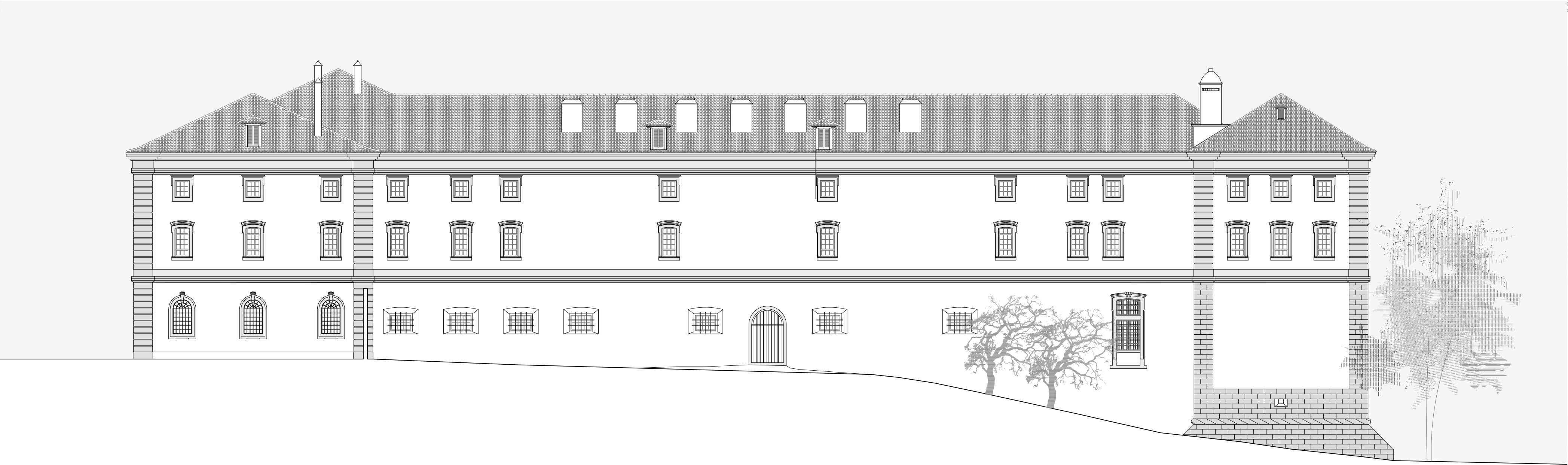
0 1 3 10m

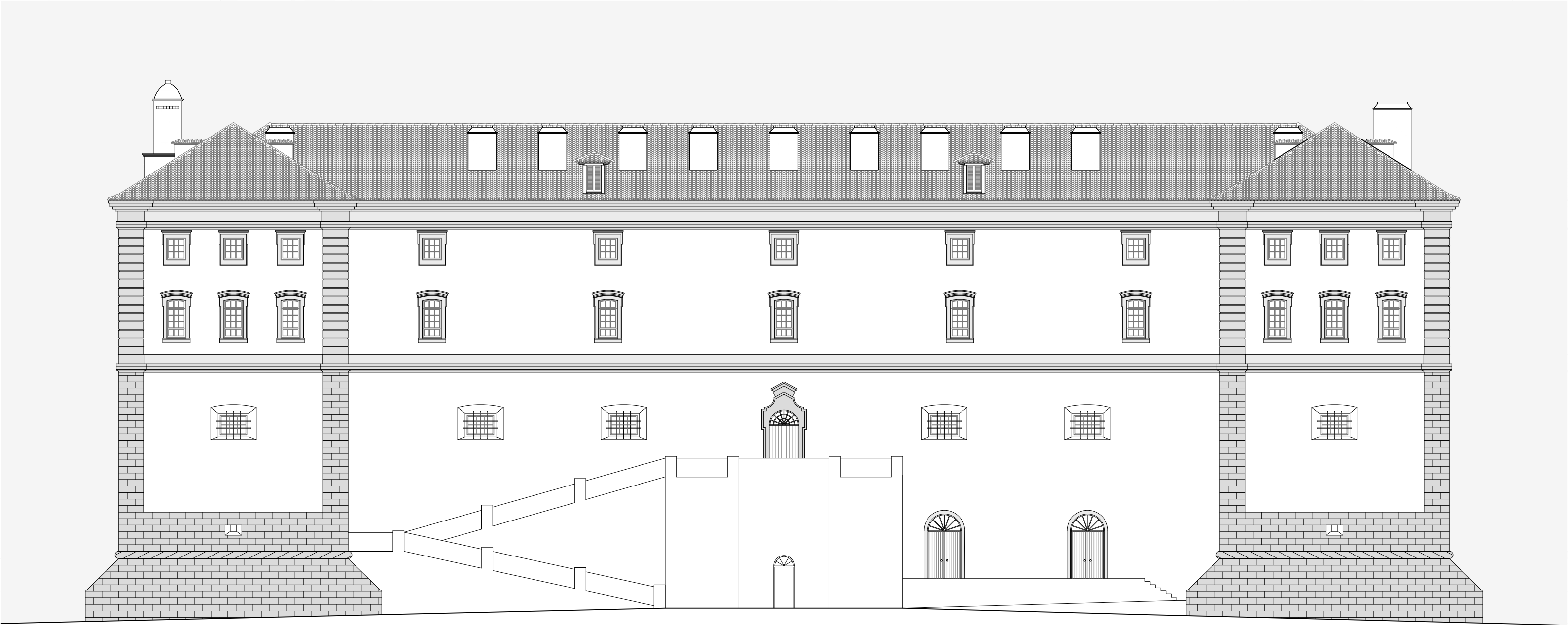
PLANTA DO SEGUNDO PISO
(Desenho elaborado pelo autor, com base na cartografia
produzida por Eng. Miguel Luís Jacob, fornecida pela
Direção de Infraestruturas do Exército.)

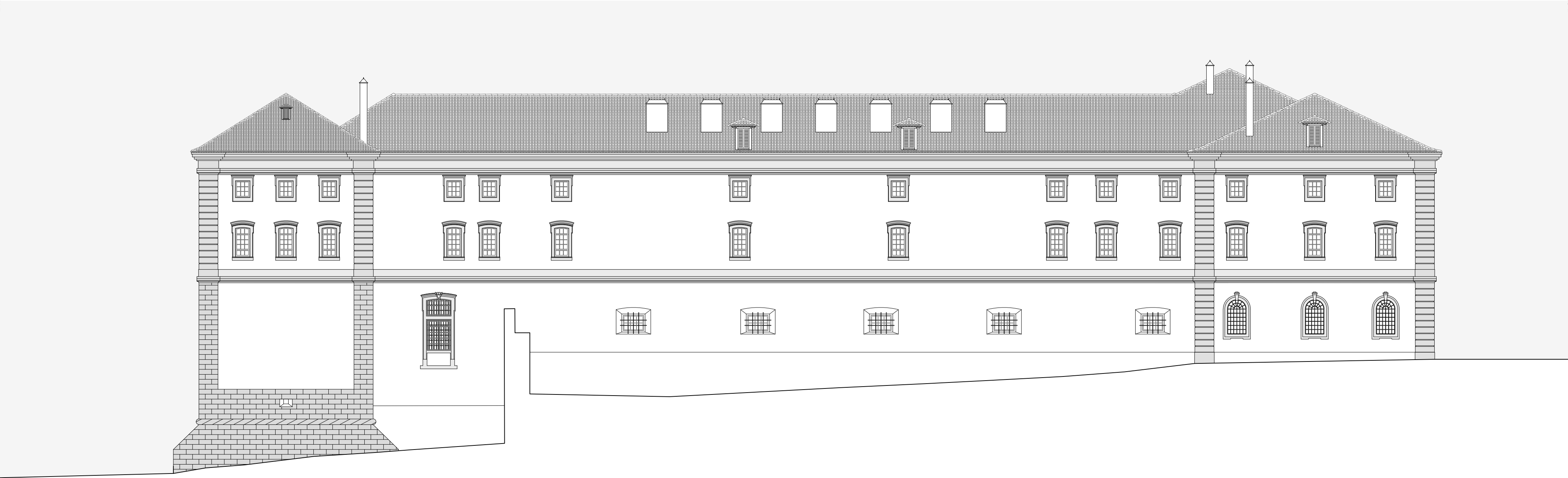
N

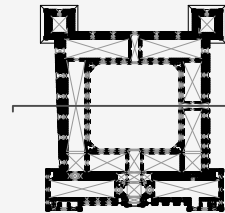
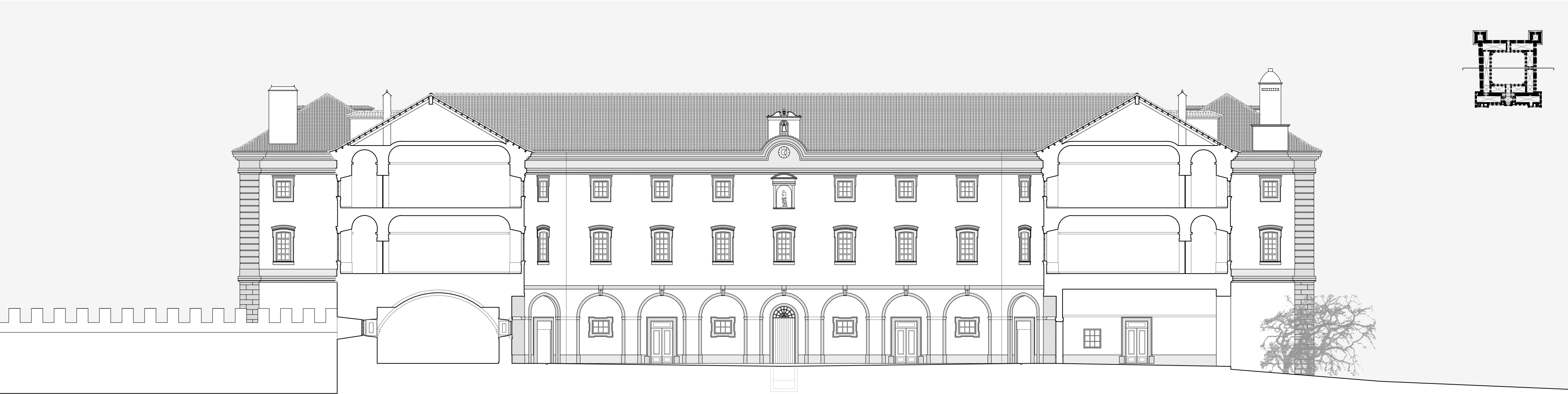














ESTADO DE CONSERVAÇÃO

O estado de conservação atual do edifício é resultado das sucessivas beneficiações que tem sofrido ao logo do tempo. A utilização continuada do mesmo por parte do Exército tem sido um ponto favorável, permitindo a salvaguarda da sua estrutura. O mesmo tem sido alvo de obras, reparos, ao longo do tempo por parte da Instituição, onde a Direção dos Serviços de Engenharia do Exército realizou nas últimas décadas para a adaptação dos diferentes serviços que o edifício ao longo do tempo tem abrigado. A rotatividade de funções desde o extinto Regimento de Infantaria 16, em 1975, Regimento de Infantaria de Évora, 1976, Unidade dos Serviços de Apoio do Quartel General da Região Militar do Sul, 1992, Comando e Quartel General da Região Militar do Sul, 2006, Comando da Instrução e Doutrina do Exército, 2015, e sendo Direção de Formação até a data, têm proporcionado a vida necessária e permitindo com ela a boa manutenção do edificado.

Fig.1 | Fotomontagem realizada pelo autor através das peças produzidas por David Freitas em 1950-69 do arquivo fotográfico municipal de Évora (DFT7255 + DFT7252).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como principal objetivo aprofundar o conhecimento sobre o Castelo Novo de Évora, desde a sua génese à atualidade. A escassa literatura acerca do caso de estudo veio a reforçar a sua importância e pertinência enquanto documento caracterizador do edificado, não apenas o de clarificar o seu passado e evolução até ao presente, mas, também, que se possa assumir como base de trabalho e contribuir no apoio a futuras intervenções/investigações.

Mais do que documentar gráfica e historicamente o Castelo Novo de Évora enquanto património, peça exemplar de modernidade e caso ilustrativo basilar da evolução da Arquitetura Militar em Portugal, é, intenção, a de valorizar e reafirmar a importância do edificado enquanto património. Enigmático durante toda a sua existência, erudito/anacrónico, o seu estudo tem sido descurado ao longo do tempo. Mais recente, e demonstrativo do seu afastamento enquanto património, é a sua classificação como Monumento Nacional que acontece por este estar inserido no centro histórico de Évora, elencando o conjunto de imóveis abrangidos na Lista do Património Mundial da UNESCO, e não por ser reconhecidas as suas devidas qualidades.

Referimo-nos a meio milénio de história e que, apesar de inegável o valor dos seus predicados, desenho, escala, propósitos bélicos que evoca, como peça precursora, e, sendo como tal um dos primeiros numa nova linguagem formal, desenhado e construído de raiz acaba esquecido, sem brilho nem glória.

Facto que ocorre derivado das grandes transformações que sofrera no séc. XVIII, assim como, o estrangulamento sucessivo da malha urbana, a construção e posterior privação do Baluarte do Picadeiro, que limita, afasta e entorpece a grandiosidade da peça.

O desempenho de funções militares, desde a sua reconfiguração, ao serviço das Forças Armadas, tem possibilitado a sua sobrevivência e o bom estado de conservação em que se encontra.

Fig.1 | Interior de uma das cavalariças, Fotografia de David Freitas em 1950-69 do arquivo fotográfico municipal de Évora.



NOTA: Este glossário foi elaborado a partir do *Dicionário de Arquitetura Militar*, de António Lopes Pires Nunes, (2006), e pelo *GUIA DE INVENTÁRIO - Fortificações Medievais e Modernas*, do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, (2014).

GLOSSÁRIO

Adarve - Ou caminho de ronda. Caminho existente na parte superior da muralha.

Alambor- Alambor, ou talude, é um elemento introduzido pelos Templários e consiste no reforço da parte inferior das muralhas e das torres na fortificação medieval ou da escarpa nas fortificações modernas, de forte inclinação, com o objetivo de aumentar a estabilidade construtiva, manter afastado os engenhos de assalto e os assaltantes.

Alcaide- Senhor e governador de um castelo medieval e comandante da sua guarnição.

Ameia- Elemento maciço disposto sobre o parapeito que rematava os edifícios e estruturas da fortificação medieval, servindo de proteção aos defensores colocados nos adarves, ou diretamente sobre o remate de edifícios de outra tipologia, com caráter defensivo.

Ângulo Flanqueado - Ângulo definido pelas duas faces do baluarte/torre.

Ângulo Mergulhante - Vão que permite o lançamento de projéteis com trajetória "mergulhante", ou seja, o lançamento de projéteis de modo a alcançarem o melhor compromisso entre a altura e o alcance, como setas a cerca de 45°. A trajetória "mergulhante" possui componente vertical superior à componente horizontal.

Arcabuz - Antiga arma de fogo portátil do séc. XV.

Artilharia - Arte de atirar. Diretamente relacionado com as armas utilizadas em defesa e no ataque. Uso de pirobalística.

Atalaia - O torre de vigia.

Baluarte- Elemento caraterizante da fortificação abaluartada. Planta pentagonal irregular que se destaca nos ângulos de duas cortinas. É composto por três partes: a gola, os flancos e as faces.

Boca de fogo- Expressão utilizada na designação de armas não portáteis, cujo serviço exige a cooperação de um certo número de homens, e o emprego da pólvora.

Bombarda -Era um primitivo disparador de projéteis pesados que surgiu no século XIV

Canhoeira- Designação dada à *troneira* de formato retangular construída no corpo das estruturas e edifícios da *fortificação de transição* e ao espaço de intervalo entre os *merlões* do *parapeito* de uma *fortificação abaluartada*, onde eram colocadas as bocas de fogo.

Canhoeira Frontal- Vão que permite o tiro direto ao assalto na base da fortificação ligado ainda a um pensamento que deriva da neurobalística.

Casamata- Praça coberta, de estrutura abobadada situada nos muros e, muitas vezes, nos flancos dos baluartes, para alojar peças de artilharia.

Caserna- Espaço de dormir existente no interior de um quartel.

Castelo- Construção medieval fortificada que integra vários edifícios defendidos por muralhas, torreões, fossos e outros elementos de defesa. Normalmente localiza-se em pontos altos, protegendo as populações próximas, em tempo de perigo.

Cidadela- Fortaleza de planta pentagonal ou hexagonal, cercada por um fosso, situada normalmente na parte dominante de uma fortificação abaluartada, ou junto desta.

Cimalha- É o nome que se dá, em arquitetura, à parte superior da cornija. Também pode ser usada como sinónimo de: entabulamento, arquitrave e epistílio. Faixa horizontal que se destaca na parede, com finalidade de acentuar as nervuras nela empregadas, assim como o conjunto de molduras salientes que servem de arremate superior de edifícios. Serve ainda para proteção contra as águas pluviais.

Cisterna- Depósito de água, com resguardo, localizado normalmente dentro do recinto de uma fortaleza, para onde se recolhiam as águas pluviais, através de vários sistemas de encanamento.

Cortina- Troço do reparo entre dois baluartes. Corresponde à muralha medieval.

Defesa Ativa- Designio consequente da evolução das técnicas de combate. Defesa que joga no ataque. A muralha deixa de ter um papel somente protetor e passa a ser palco para replicar.

Defesa Passiva- Nome que se dá ao ato de defender passivamente, isto é, protegendo-se apenas.

Fortaleza- Obra fortificada poderosa destinada a alojar uma guarnição e a defender uma povoação e seus contornos.

Forte- Pequena fortificação isolada que podendo ser autónoma, depende muitas vezes, de uma praça principal.

Fortificação- Expressão geral que designa todos os trabalhos e obras de defesa militar, de uma determinada área.

Fosso- Escavação em todo o perímetro da fortaleza ou só nas partes mais expostas, que dificultava o acesso às entradas e a aproximação às muralhas. Podia ser seca ou cheia de água, conforme as possibilidades e o tipo de fortaleza.

Governador de praça- Comandante militar da praça e suas dependências. Cargo equivalente ao alcaide nos castelos medievais.

Guarita- Pequena construção que se destaca dos ângulos das cortinas e baluartes, de forma cilíndrica ou prismática, para abrigo e defesa das sentinelas.

Guarnição- Conjunto de soldados existentes no interior de uma fortificação.

Merlão- Cada uma das partes maciças do parapeito de uma fortaleza abaluartada, separadas umas das outras pelo intervalo da canhoeira. O merlão correspondia, na fortificação à ameia da fortificação medieval.

Mosquete- É uma das primeiras armas de fogo usadas pela infantaria entre os séculos XVI e XVIII. Evolução do Arcabuz.

Muralha- Muro construído normalmente de pedra, ladrilho ou taipa, que constituía a defesa de uma fortaleza ou de uma povoação. Pela sua altura, espessura e disposição destinava-se a evitar o seu escalamento.

Muro- O mesmo que muralha.

Neurobalística- Engenhos que utilizavam como elementos propulsores a força resultante da flexão ou torção. São disto exemplo o arco, ou besta, a catapulta...

Paiol- Local destinado ao armazenamento de pólvora ou outro tipo de explosivos. Pode estar á superfície de um terreno, semienterrado ou enterrado.

Paliçada- Defesa exterior formada por estacas cravadas verticalmente no terreno, muito próximas umas das outras e ligadas entre si para constituírem uma estrutura firme.

Parapeito- Muro que se levanta no topo do reparo, para proteger os defensores do tiro inimigo e com declive conveniente para que se visse a linha da contraescarpa.

Picadeiro- Local onde se ensinam ou amestram os cavalos fazendo-lhes fazer exercícios e onde aprendem a arte ou se exercem os cavaleiros.

Pilastra- Pilar fixo que dispõe de quatro faces. Uma delas pode estar ou não adossada a uma parede.

Pirobalística- utilização da pólvora como força propulsora.

Poliorcética- Arte de sitiar e atacar as povoações fortificadas. Arte do combate.

Ponte levadiça- Plataforma de madeira colocada em frente á entrada da fortaleza, que permite passar o fosso. Era manuseado no interior por um dispositivo mecânico.

Porta da vila- Porta de entrada principal da cerca da vila, normalmente associada a um ou dois torreões.

Praça- Parte mais ampla de uma fortaleza abaluartada envolvente da povoação e exterior à cidadela, tendo como limite exterior o caminho coberto. No caso de não haver cidadela definida, a expressão refere-se a toda a fortaleza.

Praça de armas- Lugar de reunião dos defensores.

Reduto- Pequeno elemento defensivo construído no interior de outra fortificação.

Reparo- Maciço de terra volumoso levantado à volta da praça. Normalmente é constituído por escarpa interior, terrapleno, parapeito, cordão e escarpa exterior. Pode também ser a peça de apoio de um engenho de artilharia.

Revelim- Obra exterior destinada a cobrir portas e cortinas, de forma triangular, podendo, contudo, ter flancos. A gola do revelim normalmente era a contraescarpa.

Sentinela- Soldado que estava de vigia.

Siderotecnia- Metalurgia, arte de trabalhar o ferro, ofício do ferrador.

Silhar- Pedra aparelhada ou lavrada, geralmente de forma quadrangulas, para revestimento de parede.

Tambor/Torreão - Torre redonda ou ultra-semicircular, larga, oca e enterrada no fosso que a cercundava, rasgada por canhoneiras e normalmente terminada em merlões e canhoneiras para a artilharia, característica da fortificação de transição e de inspiração italiana. Corresponde ao rondelle francês ou ao torrioni italiano, que, erroneamente, levou à sua denominação como torreão.

Través- Obra de proteção perpendicular a um parapeito.

Terrapleno- Plataforma rasgada longitudinalmente no reparo e protegida pelo parapeito, destinado à manobra das bocas de fogo e ao movimento dos homens.

Torre de Menagem - A torre mais importante e normalmente a mais dominante de um castelo, constituindo o seu último reduto, visto estar preparada para resistir até à chegada de reforço e alvejar o interior do castelo, se este fosse tomado pelo inimigo.

Trom - Arma de artilharia pirobalística feita com barras de ferro forjado, colocadas como aduelas de pipas, ligadas por caldeamento umas às outras e reforçadas por cintas igualmente de ferro forjado, que, a partir do final do século XIV, substituiu progressivamente os engenhos neurobalísticos de assédio e defesa.

Troneira- Vão redondo e largo rasgado nas *muralhas das fortificações medievais*, ao nível inferior do *parapeito*, sob as *abertas (entre ameias)*, no corpo do muro ou simultaneamente em ambos os níveis, e de diâmetro apropriado ao calibre dos *trons*. As troneiras começaram a surgir nas *fortificações* em finais do século XV e desenvolveram-se ao longo da centúria seguinte. Inicialmente rasgava-se apenas o buraco, mas, posteriormente, esse passou a ser encimado por fenda vertical, para facilitar a observação do tiro e a utilização de outro tipo de armamento mais ligeiro.

BIBLIOGRAFIA

AAVV, *Fortificação do Território. A segurança e defesa de Portugal do século XVII ao século XIX*, Museu da Presidência da República, Exército Português, Câmara Municipal de Elvas, 2013.

ALMEIDA, J., *O Livro das Fortalezas de Duarte de Armas*, edição anotada, Lisboa, 1943.

ALMEIDA, J., *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, Lisboa, 1948.

BARATA, A. Francisco, *Roteiro da cidade de Évora e breve notícia dos seus principaes monumentos*, Évora, 1871.

BARATA, A. Francisco, *O Manuelinho de Évora*, Coimbra, 1873.

BARATA, A. Francisco, *Évora Antiga*, Évora, 1909.

BALESTEROS, Carmen e MIRA, Élia, *As Murallas de Évora*, Separata de “A Cidade - Jornadas Inter e Pluridisciplinares, Actas I, Universidade Aberta - 1993, 1994.

BARROCA, Mário Jorge, *Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I*, PORTVGALIA, , vol. XXIV, pp. 95-112, Porto, 2003.

BEIRANTE, Ângela, *Évora na Idade Média*, Lisboa: FCG e JNICT, 1995.

BILOU, Francisco, *As fortificações de Évora. Para uma síntese histórica e uma visão de conjunto*, Évora, 2018.

BORGES, António, *Évora. Da Reconquista ao Século XVI*, Trabalho apresentado em Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Universidade de Évora, 1988.

CAMPOS, João dos Santos de Sousa, *Arquitectura Militar Portuguesa no Golfo Pérsico - Ormuz, Keshm e Larak*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbras, 2008.

CARITA, Rui, *Aproximação à fortificação manuelina e joanina em Évora*, Castelos, imagens (re)encontradas, Colóquio no Convento dos Remédios, Évora, 2015.

CARVALHO, Afonso de, *DA TOPOMINIA DE ÉvORA: DOS MEADOS DO SÉC. XII A FINAIS DO SÉC. XIV*, Vol. I, Edição: Colibri, 2004

CARVALHO, Afonso de, *DA TOPONÍMIA DE ÉvORA SÉCULO XV*, Vol. II, Edição: Colibri, 2004

CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da, *Os desenhos do engenheiro militar Miguel Luís Jacob e a cartografia das praças de guerra no século XVIII*, com *IV Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica*, Porto, 2011.

CORREIA, Luís, *Castelos em Portugal - Retrato do seu perfil Arquitectónico-1509-1949*, Coimbra, 2010.

ESPANCA, Túlio, *O Solar dos Condes de Sabugal*, A Cidade de Évora, Évora, 1943.

ESPANCA, Túlio, *Fortificações e Alcaldarias de Évora*, A Cidade de Évora, nº 9-10, Évora, 1945;

ESPANCA, Túlio, *Encontro com a Cidade - Évora Revistada*, nº 38, Évora, 1945.

ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal - Concelho de Évora*, Vol.7, Lisboa, 1966.

ESPANCA, Túlio, *Évora, Arte e História*, Câmara Municipal de Évora, 1987.

FONSECA, Padre Francisco da, *Évora gloriosa*, 1728.

GABRIEL, António, *UM OLHAR SOBRE O CASTELO DE NOUDAR, Do Castelo Medieval à Ruína, Proposta de Valorização do Lugar*, Dissertação de Mestrado em Arquitetura, Universidade de Évora, 2015.

LIMA, Miguel Pedroso de, *O Recinto Amuralhado de Évora*, 1996.

MATOS, João Barros, *Do mar contra terra: Mazagão, Ceuta e Diu, as primeiras fortalezas abaluartadas da expansão portuguesa, estudo arquitectónico*, Tese de Doutoramento, teoria e prática de reabilitação arquitectónica e urbana, Universidade de Sevilla, Julho de 2012.

MATOS, João Barros, *A Fortaleza de Mazagão-bases para uma proposta de recuperação e valorização*, Dissertação de Mestrado em recuperação do património arquitectónico e paisagístico, Universidade de Évora, Março de 2001.

MOREIRA, Rafael, *Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento «Abre-se a Terra em Sons e Cores» As Descobertas e o Renascimento, Formas de Coincidência e de Cultura*, VXII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, Pp. 319-321, Lisboa, 1983.

MOREIRA, Rafael, *Os grandes sistemas fortificados*, A arquitectura militar na expansão Portuguesa, Porto: CNCDP, 1994

OLIVEIRA MARQUES, António Henrique, *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV*, Lisboa, 1987.

PEREIRA, Gabriel, *Estudos Eborenses*, Edições Nazareth, Vol. I, Évora, 1947.

PEREIRA, Gabriel, *Estudos Eborenses*, Edições Nazareth, Vol. II, Évora, 1948.

PEREIRA, Paulo, *Evoramonte: a Fortaleza*, Lisboa, 1989.

RESENDE, Garcia, *Crónica de Dom João II e Miscelânea*, Lisboa, INCM, 1973.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *O Castelo de Vila Viçosa*, Fundação da Casa de Bragança, Lisboa, 1961.

SIMPLÍCIO, Maria Domingas V. M., *O espaço urbano de Évora. Contributo para melhor conhecimento do sector intramuros*, Évora, Universidade de Évora, 1991.

SIMPLÍCIO, Maria Domingas V. M., *Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval*, Universidade de Évora - Departamento de Geociências, s/d.

SIPA, *Dossiê: Centro Histórico de Évora*, Monumentos - 26, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, Abril 2007.

SIPA, *Guia de Inventário - Fortificações Medievais e Modernas*, Documento provisório, Guia de Inventário Arquitetónico, Dezembro 2015.

WEBGRAFIA

http://antt.dglab.gov.pt

http://bdalentejo.net/

http://bibliotecas.defesa.pt

http://bnportugal.gov.pt/

http://cm-evora.pt

https://facebook.com/RepensandoMedievo/

http://monumentos.gov.pt

https://portugaldelesales.pt/um-passeio-por-redondo/

ICONOGRAFIA

TÍTULO: ESTEREOSCOPIA
AUTOR: Inácio Caldeira
FONTE: Arquivo Fotográfico da Camara Municipal de Évora - CME0371
DATA: 1920
NOTA: Imagem combinada pelo autor através de programa virtual



TÍTULO: VISTA AÉREA DO CASTELO NOVO DE ÉVORA
AUTOR: Rui Silvestre
DATA: 2017
NOTA: Editada pelo autor da dissertação (ajustes a nível de cores)
PÁGINA: 024/025



TÍTULO: PROVINCIA DO ALENTEJO
AUTOR: Bartolomeu de Sousa
FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército
DATA: 1665
PÁGINA: 027



TÍTULO: VISTA AÉREA DE ÉVORA MONTE
AUTOR: Rui Silvestre
DATA: 2018
NOTA: Editada pelo autor da dissertação (ajustes a nível de cores)
PÁGINA: 032



TÍTULO: TORREÕES DA CERCA DE ÉVORA MONTE
AUTOR: Fábio Dimas
DATA: 2018
PÁGINA: 032



TÍTULO: GERALDO SEM PAVOR
AUTOR: Fábio Dimas
DATA: 2016
PÁGINA: 037



TÍTULO: ILUMINURIA DO FORAL DE ÉVORA DE 1501
AUTOR: Duarte de Armas (?)
FONTE: Camara Municipal de Évora
DATA: 1501
PÁGINA: 047



TÍTULO: PORTA DA MESQUITA
AUTOR: Fábio Dimas
DATA: 2016
PÁGINA: 048



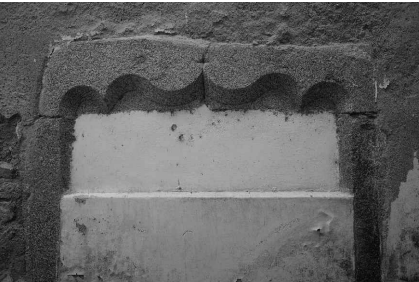
TÍTULO: PORTA DA MESQUITA
AUTOR: Fábio Dimas
DATA: 2016
PÁGINA: 048



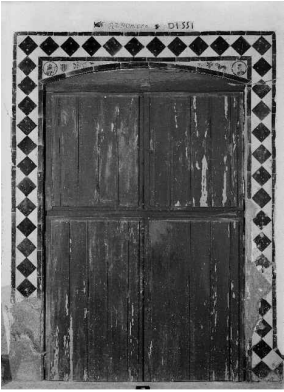
TÍTULO: PORTA DA MESQUITA
AUTOR: Fábio Dimas
DATA: 2016
PÁGINA: 048



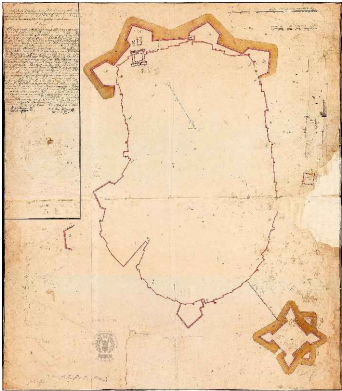
TÍTULO: PORTA DA MESQUITA
AUTOR: Fábio Dimas
DATA: 2016
PÁGINA: 050



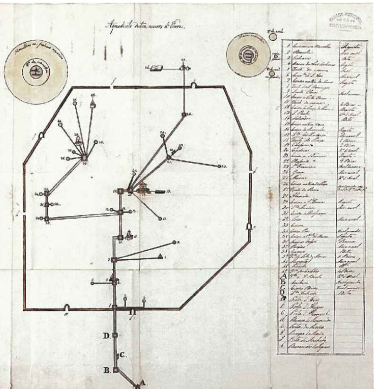
TÍTULO: PORTA SOLAR CONDES DE SABUGAL
AUTOR: David Freitas
FONTE: Arquivo Fotográfico da Camara Municipal de Évora
DATA: 1973
PÁGINA: 050



TÍTULO: PLANTA DA CIDADE DE ÉVORA
AUTOR: António José de Santana Carneiro
FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército
DATA: 1806
PÁGINA: 052



TÍTULO: PLANTA ANTIGA DA CANALIZAÇÃO DAS ÁGUAS SERTORIANAS INTRA-MUROS DA CIDADE DE ÉVORA
AUTOR: Anónimo
FONTE: Dossiê Monumentos - 26
DATA: Séc. XIX
PÁGINA: 052



TÍTULO: QUARTEL DE CAVALARIA Nº5
AUTOR: Anónimo
FONTE: Arquivo Fotográfico da Camara Municipal de Évora
DATA: 1910
PÁGINA: 052



CASTELO NOVO DE ÉVORA: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO ARQUITETÓNICA.

TÍTULO: FONTE - PRAÇA DA REPÚBLICA DO REDONDO

AUTOR: Anónimo

FONTE: <https://portugaldeleales.pt/um-passeio-por-redondo/>

DATA: s/d

NOTA: Editada pelo autor da dissertação (ajustes a nível de cores)

PÁGINA: 052



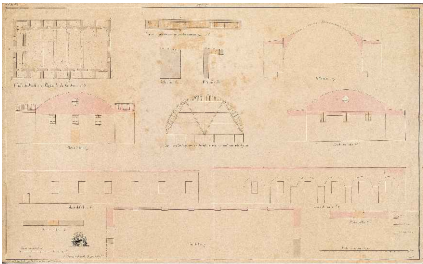
TÍTULO: PLANTA DO PICADEIRO DO REGIMENTO DE CAVALLARIA Nº 5

AUTOR: Carlos de Barcelos Machado Evangelho

FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército

DATA: 1862

PÁGINA: 058



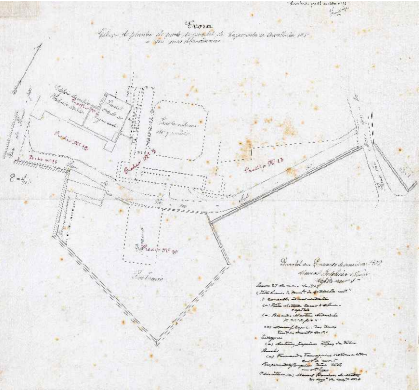
TÍTULO: PARTE DO QUARTEL DO REGIMENTO DE CAVALLARIA NO 5 E DAS SUAS DEPENDENCIAS

AUTOR: Manuel Belchior Nunes

FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército

DATA: 1909

PÁGINA: 058



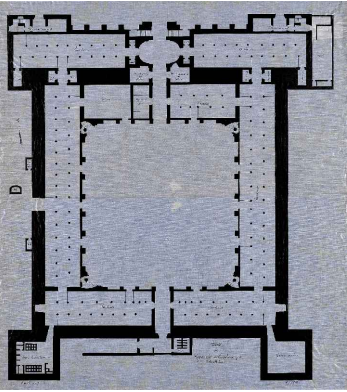
TÍTULO: QUARTEL DO REGIMENTO DE CAVALLARIA NO 5

AUTOR: Francisco dos Santos Valente

FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército

DATA: 1926

PÁGINA: 058



TÍTULO: PLANTA DA CIDADE DE ÉVORA

AUTOR: Anónimo

FONTE: Biblioteca Nacional (D-343-A)

DATA: 1750 - 1790

PÁGINA: 054



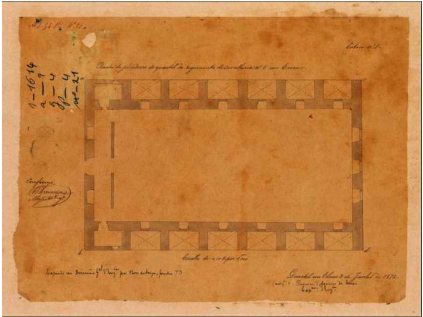
TÍTULO: PLANTA DO PICADEIRO DO REGIMENTO DE CAVALLARIA Nº 5

AUTOR: Tomás de Aquino de Sousa Júnior

FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército

DATA: 1873

PÁGINA: 058



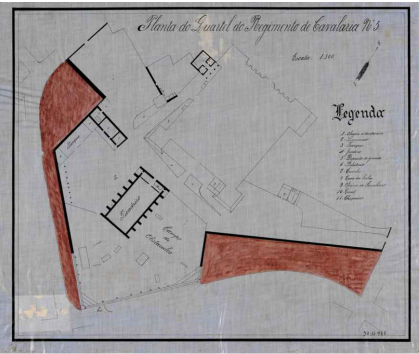
TÍTULO: PLANTA DO QUARTEL DO REGIMENTO DE CAVALARIA N5

AUTOR: Francisco dos Santos Valente

FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército

DATA: 1926

PÁGINA: 058



TÍTULO: VISTA AÉREA DO CASTELO NOVO DE ÉVORA

AUTOR: Rui Silvestre

DATA: 2017

NOTA: Editada pelo autor da dissertação (ajustes a nível de cores)

PÁGINA: 063



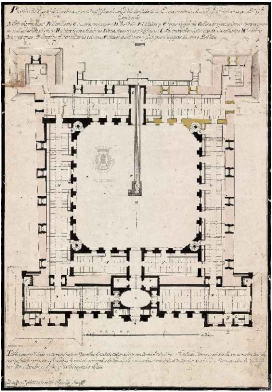
TÍTULO: PLANTA DO QUARTEL DE CAVALERIA QUE SE ESTÁ EDIFICANDO NO CASTELO DA CIDADE DE EVORA

AUTOR: Miguel Luis Jacob

FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército

DATA: 1760

PÁGINA: 054



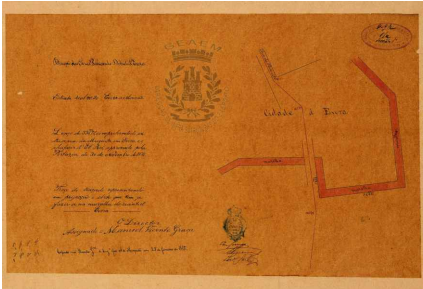
TÍTULO: ESTRADA REAL ÉVORA - MOURÃO

AUTOR: Augusto de Mesquita Cabral de Almeida

FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército

DATA: 1875

PÁGINA: 058



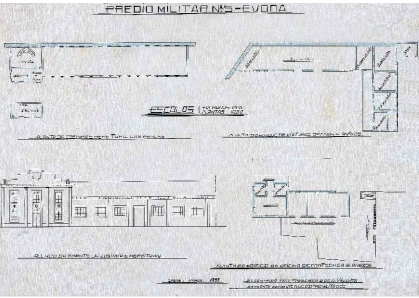
TÍTULO: PREDIO MILITAR NO 5

AUTOR: Francisco dos Santos Valente

FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército

DATA: 1935

PÁGINA: 058



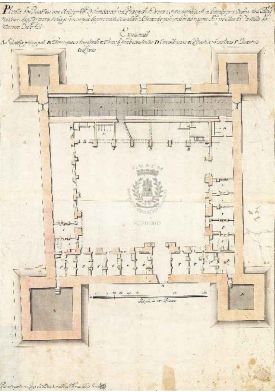
TÍTULO: PLANTA DOS QUARTEIS QUE ANTIGUAM.TE SE FUNDARÃO NA PRAÇA DE EVORA

AUTOR: Miguel Luis Jacob

FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército

DATA: 1737

PÁGINA: 064



TÍTULO: PORTA DA MESQUITA

AUTOR: Fábio Dimas

DATA: 2017

PÁGINA: 054



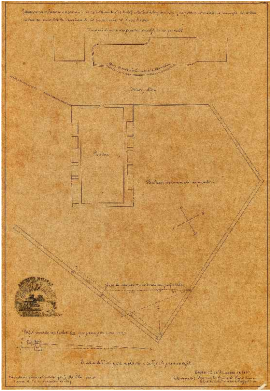
TÍTULO: ESBOÇO PARA ESCLARECER - REMOÇÃO DA ESTRUMEIRA

AUTOR: Tomás de Aquino de Sousa Júnior

FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército

DATA: 1867

PÁGINA: 058



TÍTULO: FOTOGRAFIA DO REGIMENTO DE INFANTARIA n16

AUTOR: David Freitas

FONTE: Arquivo Fotográfico da Camara Municipal de Évora

DATA: 1950-69

PÁGINA: 058

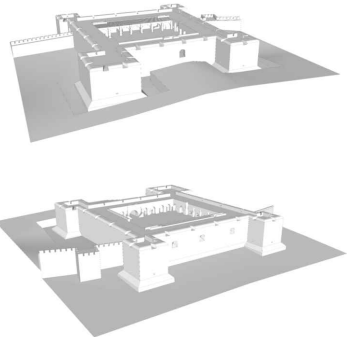


TÍTULO: MAQUETE VIRTUAL

AUTOR: Fábio Dimas

DATA: 2018

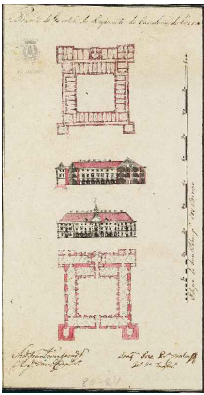
PÁGINA: 069



TÍTULO: TORREÕES SUL
AUTOR: Fábio Dimas
DATA: 2016
PÁGINA: 070



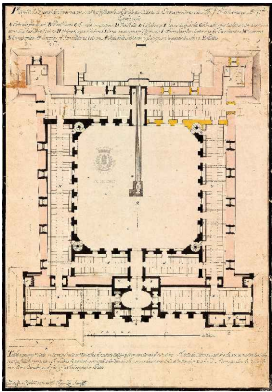
TÍTULO: PLANTA DO QUARTEL DO REGIMENTO DE CAVALARIA DE EVORA
AUTOR: António José de Santana Carneiro
FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército
DATA: 1806
PÁGINA: 079



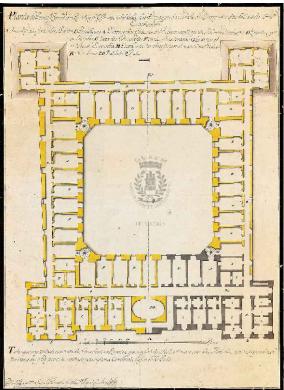
TÍTULO: FACHADA LATERAL OESTE
AUTOR: David Freitas
FONTE: Arquivo Fotográfico da Camara Municipal de Évora
DFT7246 + DFT7247
DATA: 1950 - 69
NOTA: Fotomontagem elaborada pelo autor através de programa virtual
PÁGINA: 118 e 119



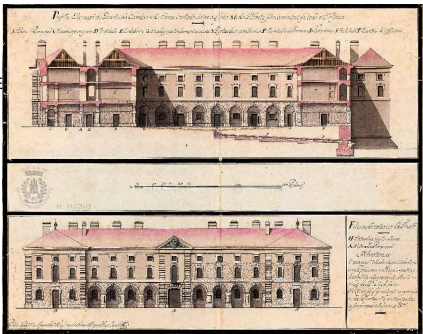
TÍTULO: PLANTA DO QUARTEL DE CAVALERIA QUE SE ESTA EDIFICANDO NO CASTELO DA CIDADE DE EVORA
AUTOR: Miguel Luis Jacob
FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército
DATA: 1760
PÁGINA: 073



TÍTULO: PLANTA DO PRIMRO PAVIMTO DOS QUARTEIS PA OFFICIAES E SOLDADOS DOS DRAGOENS DA CIDADE DE EVORA EM SITIO DO CASTELLO
AUTOR: Miguel Luis Jacob
FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército
DATA: 1760
PÁGINA: 075



TÍTULO: PERFIL ELEVACÃO DO QUARTEL DA CAVALARIA DE EVORA
AUTOR: Miguel Luis Jacob
FONTE: Arquivo Geral da Direção de Engenharia do Exército
DATA: 1760
PÁGINA: 077



TÍTULO: FACHADA DO QUARTE DE INFANTARIA n16
AUTOR: David Freitas
FONTE: Arquivo Fotográfico da Camara Municipal de Évora
DFT7249 + DFT7251 + DFT7258
DATA: 1950 - 69
NOTA: Fotomontagem elaborada pelo autor através de programa virtual
PÁGINA: 080 e 081



TÍTULO: FACHADA DO QUARTE DE INFANTARIA n16
AUTOR: David Freitas
FONTE: Arquivo Fotográfico da Camara Municipal de Évora
DFT7255 + DFT7252
DATA: 1950 - 69
NOTA: Fotomontagem elaborada pelo autor através de programa virtual
PÁGINA: 104 e 105



TÍTULO: INTERIOR DE UMA CAVALARIÇA
AUTOR: David Freitas
FONTE: Arquivo Fotográfico da Camara Municipal de Évora - DFT7254
DATA: 1950 - 69
PÁGINA: 107





Fig.1 | Fotomontagem realizada pelo autor através das peças produzidas por David Freitas em 1950-69 do arquivo fotográfico municipal de Évora (DFT7246 + DFT7247).

COMPLEMENTO

NOTA: A matéria que segue em anexo foi parte integrante da exposição itinerante, intitulada de *Fronteira Temporais - Evolução Morfológica das Fortificações*, iniciou o seu percurso na Direção de História e Cultura Militar do Exército Português, Palácio dos Marqueses do Lavradio, em Lisboa, compreendida no espaço/tempo aos anos de 2016/17/18, foi ainda realizada uma tertúlia sobre o tema e esteve exposta nos Museus Militares, de Lisboa e Elvas.

A mesma foi realizada em coautoria pelo autor desta dissertação com o Arquiteto António Gabriel e em parceria com a Direção de História e Cultura Militar com o apoio do Departamento de Arquitetura da Universidade de Évora.

Esta permite perceber a Fronteira e a importância dos Castelos na expansão do território Português e, entender o "lugar" que hoje é Portugal, necessária para um entendimento de como se ocupou, transformou e consolidou o território português. Os castelos tiveram um papel determinante neste processo, daí a importância de fazer uma análise que nos permita ter uma ideia de como estas estruturas se adaptaram e evoluíram em cada época.



FRONTEIRAS TEMPORAIS

EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA DAS FORTIFICAÇÕES

A exposição, em mostra, intitulada de *Fronteiras Temporais - Evolução Morfológica das Fortificações*, nasce fruto de uma investigação científica realizada no âmbito do Mestrado Integrado de Arquitetura na Universidade de Évora.

Sob forma de itinerante, pretende dar a conhecer um olhar arquitetónico sobre a fronteira e a importância dos castelos na expansão do território português, assim como, da metamorfose tipológica das mesmas.

Para perceber o “lugar” que hoje é Portugal, é necessário um entendimento de como se ocupou, transformou e consolidou o território português. Os castelos tiveram um papel determinante neste processo, daí a importância de fazer uma análise que nos permita ter uma ideia de como estas estruturas se adaptaram e evoluíram em cada época.

O conceito de fronteira está intrinsecamente relacionado com o fortificado, que se assume e que se consubstancia como símbolo de soberania. Para entender o processo de transformação da fronteira, ao longo das diferentes fases de desenvolvimento da divisão de propriedade comunal, tribal, feudal, em fronteira nacional, é fundamental perceber a origem e transformação dos castelos.

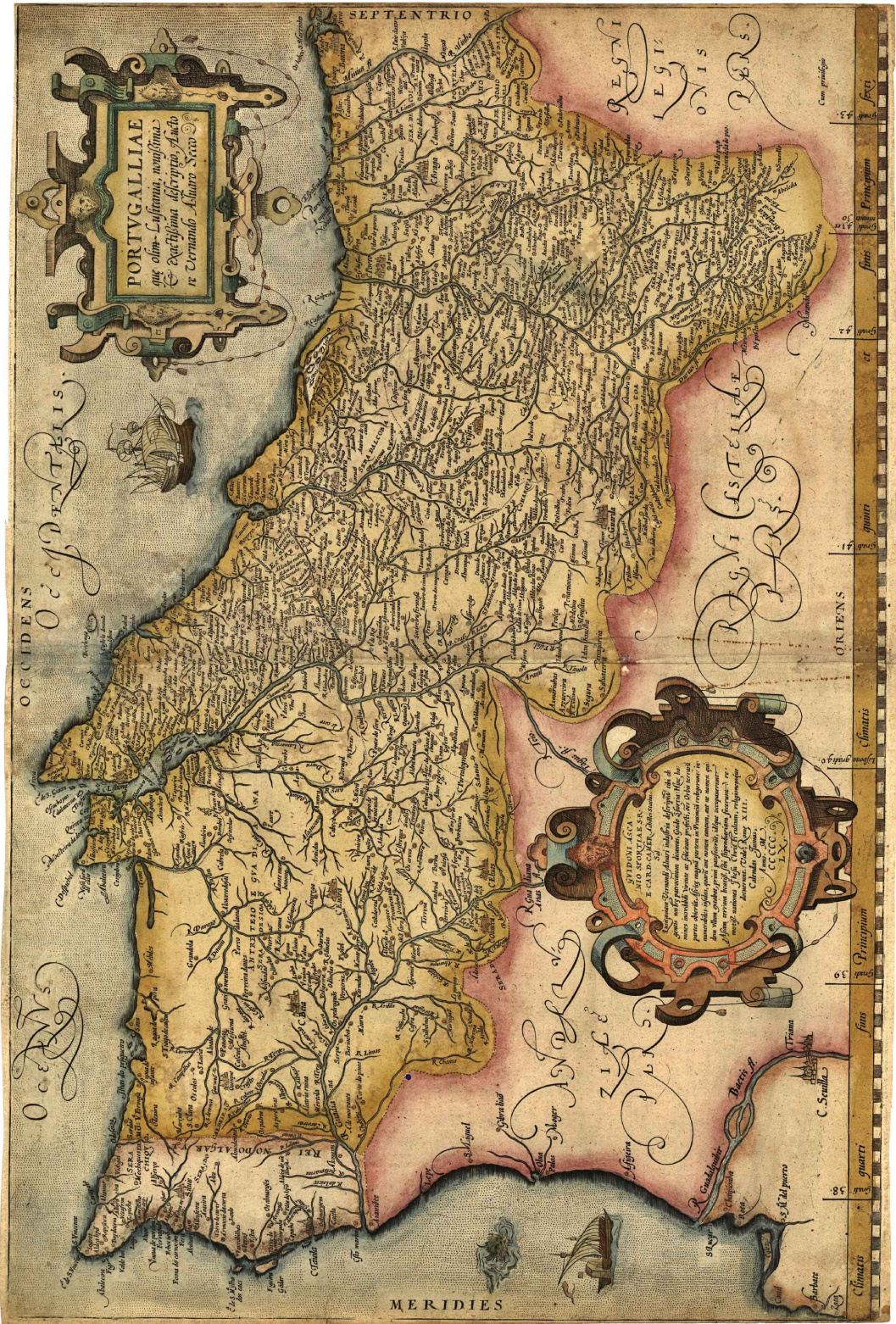


Fig.2 Carta de Portugal, Álvaro Seco, 1561

OCUPAÇÃO ÁRABE

A ocupação Árabe da Península Ibérica começa com a chegada de Tarique Ibn Zíade no ano de 711. A tomada do território foi um processo extremamente rápido, que se pode justificar face ao clima de guerra civil, desencadeado pela sucessão do rei Vítiza, por Rodrigo, que debilitou bastante os exércitos Visigóticos. O descontentamento na população era geral, e grande parte converte-se ao Islão, nomeadamente os escravos que vêem assim melhorada a sua condição de vida. Muitos cristãos também se convertem não só pela isenção dos impostos mas também seduzidos por uma nova e sofisticada cultura. (1) A islamização do território peninsular foi um processo não só de essência militar mas também cultural. "Ao implantar-se no Garb-Al-Andalus nos século VIII-IX, o quadro administrativo muçulmano aproveitou, em boa parte, o alicerce das experiências de organização territorial romana e eclesiástica-cristã". (2)

Os Visigodos são obrigados a refugiar-se nas Astúrias, a Norte da Península Ibérica. Foi a partir do reino das Astúrias que as tropas cristãs se reorganizaram e contra-atacaram os muçulmanos.

"O processo de implantação do castelo relaciona-se indubitavelmente com a Reconquista Cristã - encetada no século VIII por D. Afonso III das Astúrias, num movimento de recuperação territorial -, sendo que entre 870 e 875 se começam a multiplicar as notícias sobre tal estrutura".(7) Na segunda metade do século IX o governo de D. Afonso III das Astúrias, com as presúrias do Porto (868) e Chaves (872), consegue consolidar o Noroeste de Portugal e incrementa uma importante reorganização militar e administrativa. O Reino de Portugal surge neste processo, durante a reconquista no ano de 1168.(3)



Des. 1 Península Ibérica ano 750

(1)Cf. Pinto, M.C.O. (2009) Pp.55
(2)Cf. Conde, M.S.A. (1997) Pp. 367
(3)Cf. Correia, L. (2010) Pp.38



CASTELO ROQUEIRO

Os Castelos Roqueiros surgem nos primórdios da Reconquista e são considerados o primeiro encastelamento naquilo que seria posteriormente o território português.(4)

São castelos de pequenas dimensões, sem carácter habitacional, de uso temporário e ocasional, e funcionam como um refúgio com apoio de guarnição militar. São uma solução encontrada pelas populações para responder às investidas inimigas. Estas estruturas são formadas por muros de pedra aparelhada com argamassa e surgem implantadas em afloramentos rochosos, situados em pontos altos nos quais é possível controlar visualmente a envolvente.

Podemos encontrar este tipo de castelos por todo o Noroeste de Portugal até o rio Douro e em alguns casos a sul do mesmo. O rio Douro aparece como um espaço de fronteira determinante até meados do século XI. Entre os poucos exemplos deste tipo de estrutura que subsistiram até hoje temos o Castelo de D. Sesnando, o Castelo de Penela e as ruínas do Castelo Roqueiro de Pena de Aguiar.

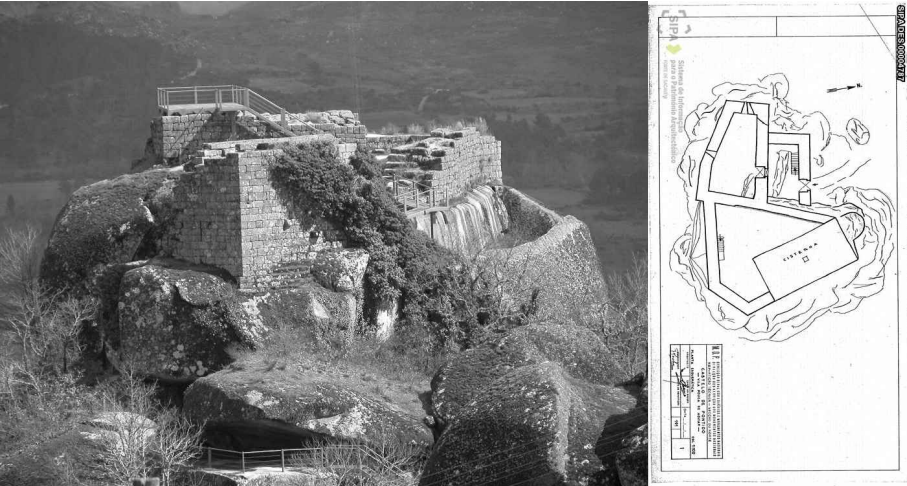


Fig.3 Castelo Roqueiro de Pena de Aguiar, sem data

Fig.4 Planta do Castelo Roqueiro de Pena de Aguiar



Des. 2 Peninsula Ibérica ano 910

(4) Barroca, M.J. (1991) Pp. 91

CASTELO CALIFAL

A pressão dos reinos cristãos faz com que o poder califal mande reforçar a linha de fronteira que o Douro estabelecia. Um dos melhores exemplos é a Fortaleza de Gormaz muito disputada entre os séculos IX e X, mandada reconstruir no ano de 965. Outros exemplos são Silimancas, Osma e Zamora e, no futuro território português, Miranda, Penedo, e Lamego. Esta linha de fronteira é também completada com atalaias, torres e pontos de vigia. (5)

O poder central de Córdoba vê-se obrigado, a reforçar as defesas do rio Douro, para prevenção contra as tropas cristãs vindas do Norte, mas também o litoral, para deter as invasões Normandas, que penetravam no território pelos estuários dos rios. Existia uma rede defensiva ancorada às vias fluviais. Os postos de defesa de maior importância localizavam-se em Mértola (Mārtula), Silves (Silb), Lisboa (Al-Usbuna) Santarém (Santarin) e Coimbra (Kulumriyya).



Fig.5 Castelo Califal de Gormaz,Soria,Espanha

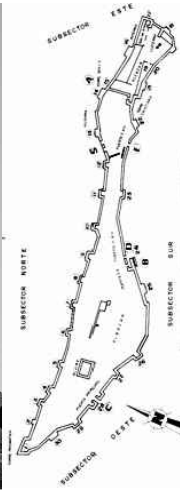


Fig.6 Planta do Castelo Califal de Gormaz,Soria,Espanha

A Fortaleza de Gormaz, em Soria, na província de Castilla y Leon é uma fortaleza que oferece uma grande amplitude visual. É composta por recinto amuralhado e alcáçova com torre de menagem, cisternas e aposentos. Com uma extensão de 446m de comprimento por 60 de largura, as suas muralhas chegam aos 4 metros de espessura, erguidas com a técnica construtiva califal conhecida como *soga y tizón*. O registo emiral denota-se também nas portas com grandes arcos em ferradura.



Des. 3 Peninsula Ibérica ano 1000

(5)Cf. Pinto, MCO. (2009) Pp.56

CASTELO DE CONDAL

O castelo de iniciativa Condal, corresponde ao que é considerado como o segundo encastelamento no futuro reino de Portugal. Apresentam soluções arquitetónicas mais elaboradas, com a introdução de outros elementos para além da muralha, como por exemplo torres.

Este modelo marca uma nova reestruturação militar e administrativa; os castelos passam a ser governados por um nobre, sem anular o papel dos castelos roqueiros e é-lhes atribuído um novo enquadramento. Originam as chamadas *civitates*, espaços territoriais controlados a partir de um espaço central, corporizado por uma estrutura militar e respondem a fins essencialmente militares. São exemplos deste modelo as *civitates* de Anegia (atual Eja) e Santa Maria (atual Santa Maria da Feira), junto às margens Norte e Sul do Douro.

As *civitates* suportavam os chamados *Territoria* que “eram grandes unidades geográficas onde se verificava uma coincidência entre as vertentes administrativa, religiosa e militar, apoiando-se em grande parte na divisão diocesana (Braga, Porto e Coimbra) e materializando cada uma na mais importante urbe do seu âmbito geográfico - as cidades episcopais”.(6)

Esta organização defensiva marca a Reconquista para o Douro e posteriormente para o Mondego.

Este sistema mantém-se ativo até ao ano de 1071, no final do 1º Condado Portucalense, e marca o fim da influência condal e o início da ascensão dos infantes. (7)

O Castelo de Trancoso é um dos poucos exemplos que mantem presente as características dos castelos Condais, não tendo sofrido alterações substanciais nas reformas posteriores.

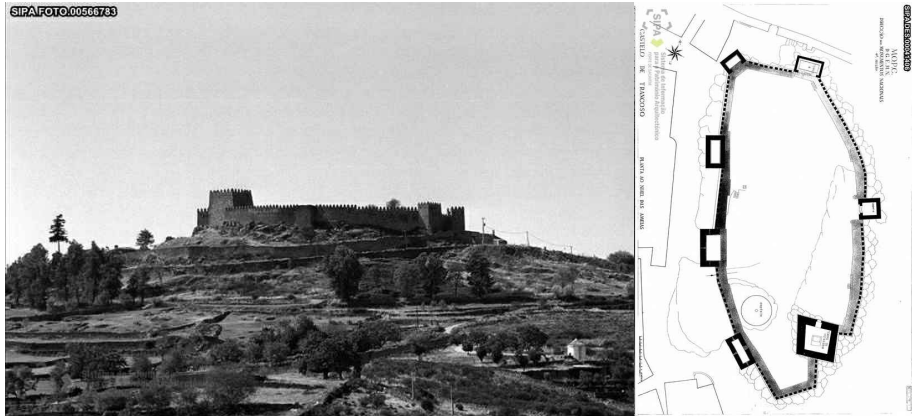
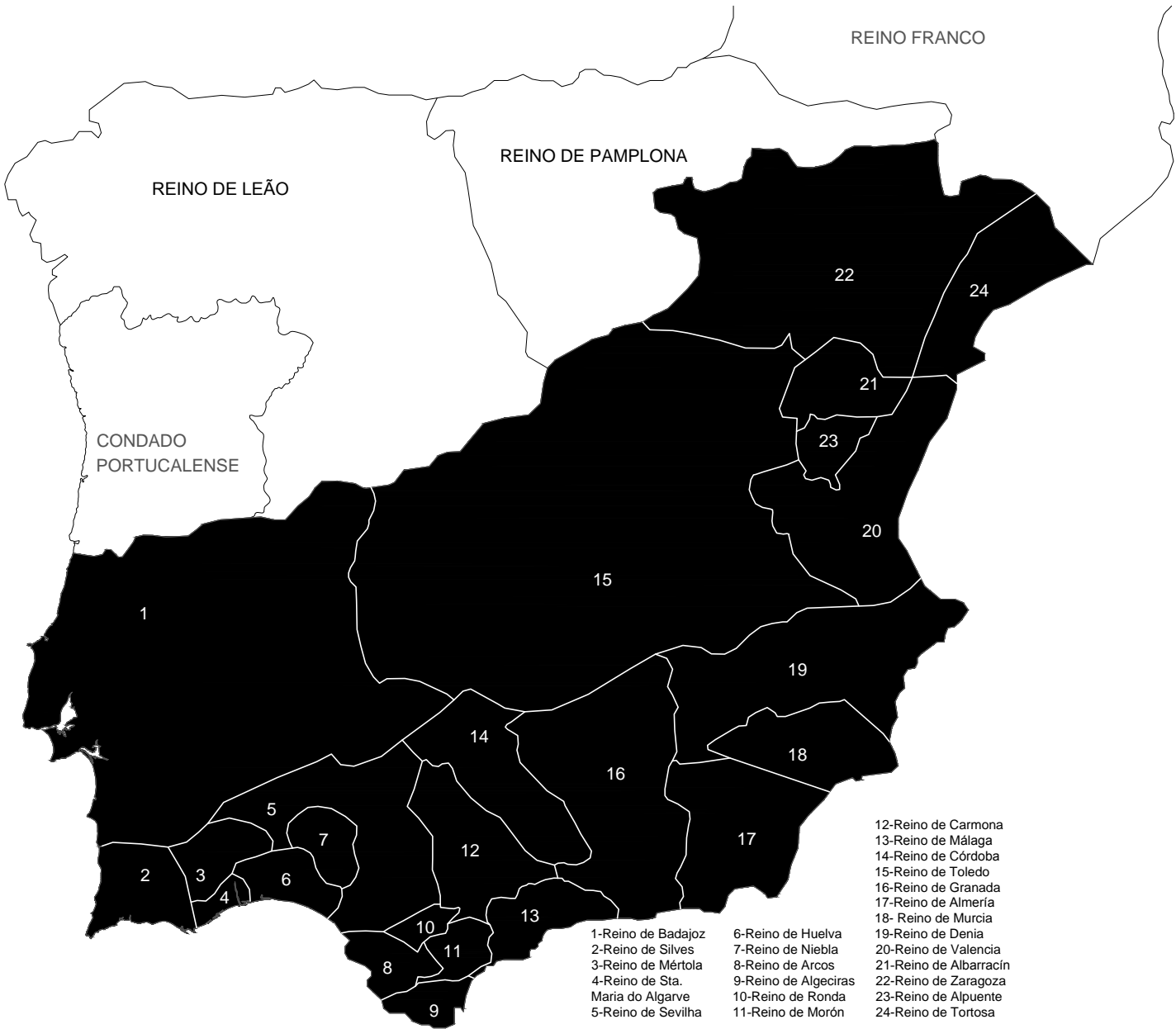


Fig.7 Castelo de Trancoso, 1994

Fig.8 Planta do Castelo de Trancoso



Des. 4 Península Ibérica ano 1031

(6) Cf. Barroca, M.J. (1991) Pp.92
(7) Cf. Barroca, M.J. (1991) Pp.118

CASTELO ROMÂNICO

Com a expansão da Reconquista para Sul, a organização do território implementada por Afonso III, baseada nas *civitates*, torna-se inapropriada, face às novas exigências ao nível do planeamento geoestratégico. As principais *civitates* deixam de estar na zona de fronteira, tornando-se necessário controlar áreas menores de uma forma mais específica.

O território passa então a ser organizado pelas chamadas terras - unidades territoriais com uma dimensão muito inferior às *civitates*. Estas são controladas por um castelo entregue a um tenente (...). Com a introdução deste novo modelo realiza-se um processo de seleção e hierarquização de estruturas pré-existentes, e alguns castelos de menor importância são abandonados e outros ascendem a cabeça de terra. Cada terra possuía uma única estrutura militar, o castelo cabeça-de-terra que corporizava o poder e a ordem nesse território. (8) Esta estruturação de território marcou o solo português desde finais do século XI até à segunda metade do século XIII, e é nela que assenta o reino Português na fase inicial de independência.

O castelo românico corporiza esta nova reforma e utiliza os princípios de uma defesa passiva cujo principal objetivo é resistir às investidas inimigas. A sua implantação tirava partido das condições orográficas do terreno com o objetivo de melhorar a sua capacidade defensiva. A sua estrutura arquitetónica é definida por muros de silhares de pedra, altos e compactos, com torreões adossados e rematados com caminho de ronda protegido por uma guarda com ameias retangulares de dimensão semelhante às abertas. "As muralhas do castelo definem um pátio com perímetro relativamente pequeno, possibilitando a permanência de uma pequena guarnição de homens".(9) Esta estrutura possuía apenas duas portas, a porta principal e a da traição, de maneira a reduzir os pontos frágeis. A Torre de Menagem é a mais importante das inovações do castelo românico, símbolo de poder, geralmente de planta quadrangular aparece isolada numa posição central, com uma cota superior à da muralha, na cota mais elevada do terreno para possibilitar o tiro direto para o exterior. Surge como último elemento de resistência, o acesso era feito por uma escada móvel de madeira que dava acesso ao primeiro andar e podia ser retirada em caso de perigo, sendo que o piso térreo não possuía entradas.

A Ordem dos Templários teve um papel determinante nas inovações da arquitetura militar desta época, estando associada às torres de menagem de Tomar (1160), Penas Roias (1166), Almourol (1171), Pombal (1171) e Longroiva (1174).



Fig.9 Castelo de Guimarães, 1995

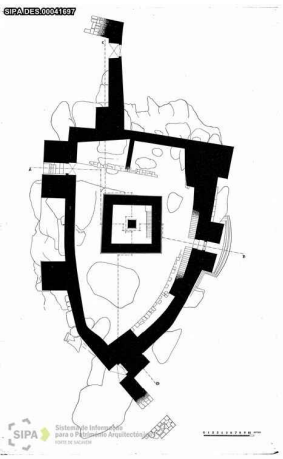


Fig.10 Planta do Castelo de Guimarães



Des. 5 Península Ibérica ano 1150

(8) Cf. Barroca, M.J. (1991) Pp.120
(9) Cf. Barroca, M.J. (1991) Pp.121

CASTELO ALMÓADA

Em meados do século XII chega ao Al-andalus um exército almóada a mando do califa Al-Mu’min. O império dos Almóadas sucede ao império dos Almorávidas e vem unificar as taifas e marcar um novo ciclo de resistência aos cristãos. Nesta época é reparada um grande número de fortalezas. Atribui-se a esta época são atribuídos elementos como torres albarrás, *corachas*, muralhas e torres de taipa militar (compostas de cal aérea, pozolanas naturais e agregados). Alguns destes exemplos estão presentes nos castelos de Alcácer do Sal e Silves.



Fig.11 Torre Albarrá do Castelo de Silves, 1986

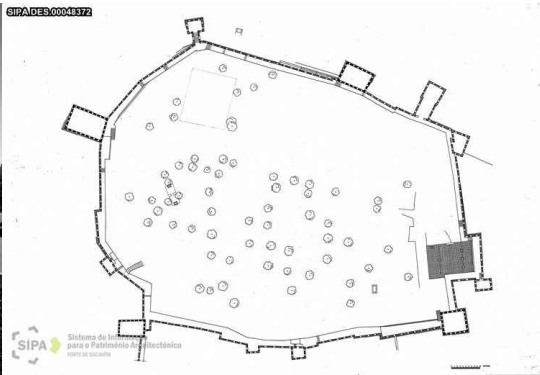
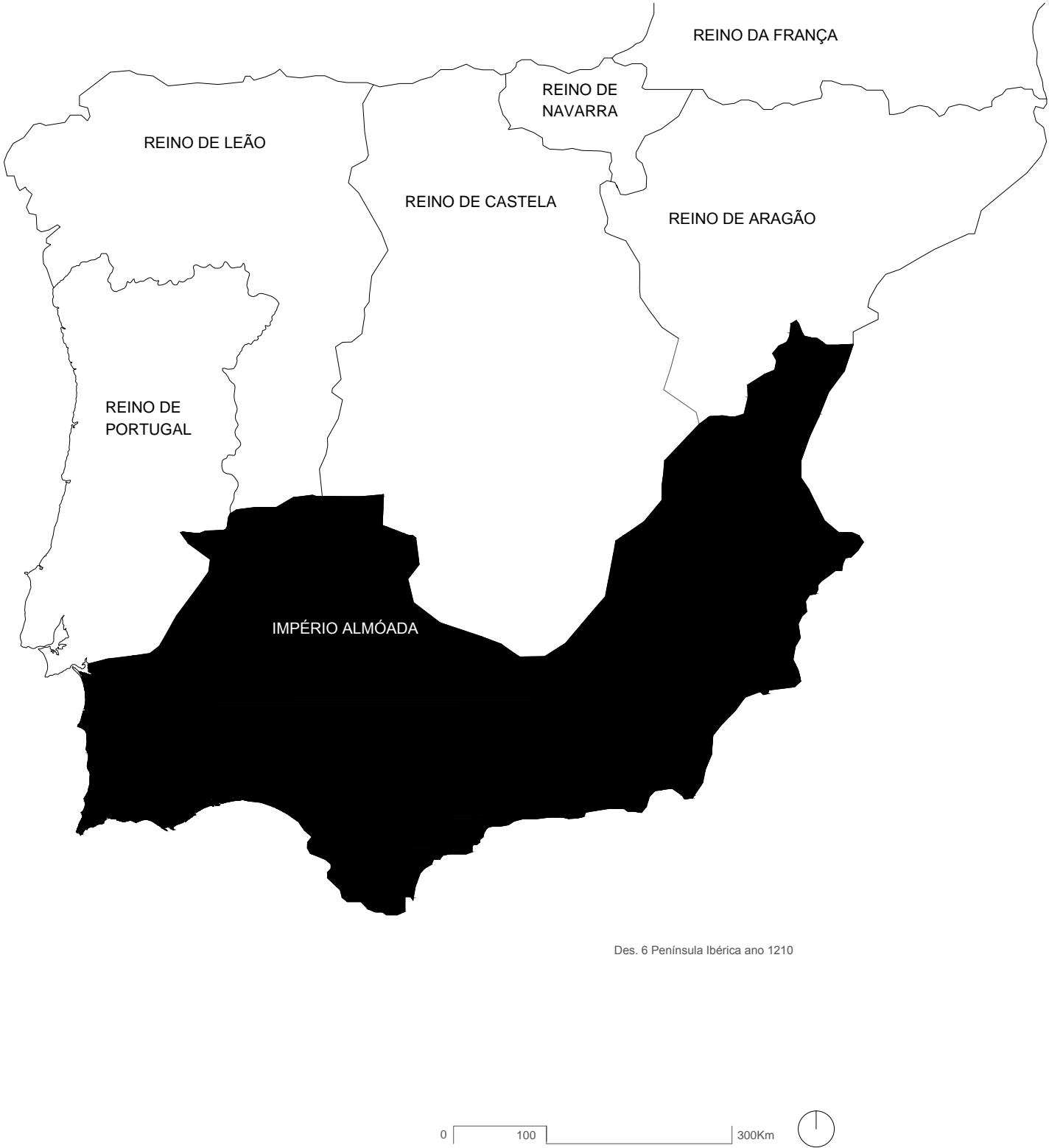


Fig.12 Planta do Castelo de Silves



CASTELO GÓTICO

Com a reconquista consumada no território português, no ano de 1249, subsequente da tomada definitiva do reino dos algarves e com o Tratado das Alcanizes no ano 1297, o modelo administrativo e militar que até então prevalecia sofre uma profunda transformação.

"No lugar das Terras passam a ser referidos os Julgados que, apesar de manterem inalterado o espaço geográfico, acentuam muito mais a dimensão civil e judicial, descurando a militar outrora tão presente. (...) Aos Tenentes, membros da Alta Nobreza em quem o monarca outrora delegava o poder de governar uma Terra, sucediam-se os Alcaides, funcionários de nomeação régia".(10)

Passa, assim, a existir uma preocupação de consolidação e reestruturação do território. O melhor exemplo desta tipologia em Portugal é o Castelo de Amieira do Tejo. Apresenta-se sob uma planta rectangular, cintada por quatro torres não maciças nos ângulos, de secção quadrada que se ligam entre si por adarves das muralhas. A torre de menagem, angular de planta quadrangular e de maiores dimensões que as restantes, eleva-se sobre a entrada principal e participa na "defesa da fortificação na área em que se afigurava mais vulnerável, possibilitando o tiro vertical sobre a porta de entrada da barbacã", (11) opção inversa à adotada na tipologia anterior, românica.



Fig.13 Castelo de Amieira do Tejo, 2010

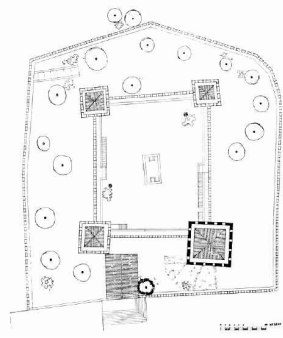


Fig.14 Planta do Castelo de Amieira do Tejo

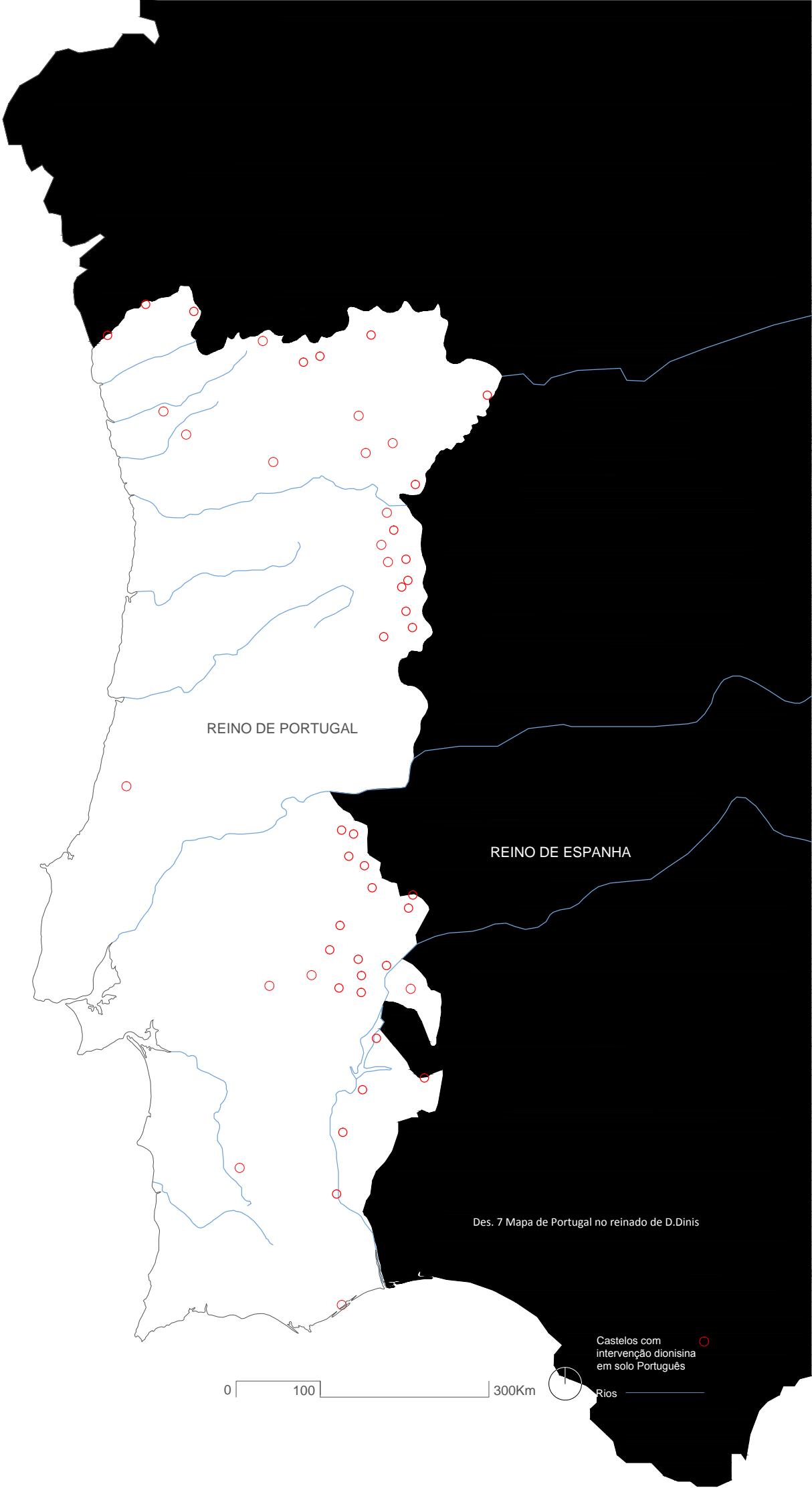
Começam a ganhar importância os castelos raianos, que passam a garantir a segurança do território português. Deste modo, muitas das estruturas românicas do interior do reino entram em decadência.

D. Dinis foi o grande responsável por este movimento, encontrando-se documentada a sua intervenção em 57 fortificações entre o final do século XIII e inícios do século XIV.

As novas soluções arquitetónicas introduzidas nos castelos portugueses permitem a passagem de um conceito de defesa passiva, típica do castelo românico, para um conceito de defesa ativa típica do castelo gótico. A defesa ativa preparava o Castelo para um possível contra-ataque, ao contrário da defesa passiva que apenas preparava o castelo para resistir às investidas inimigas com a altura e espessura das suas muralhas.

As principais inovações do castelo gótico estão relacionadas com o número de torreões ao longo da muralha. A proporção do adarve aumenta de largura facilitando a movimentação de tropas.

As ameias passam a ser tendencialmente mais baixas e largas, sendo muitas vezes munidas no centro com seteiras. As principais entradas ficam sempre protegidas por dois torreões. A torre de menagem deixa de aparecer como um elemento isolado e surge agora adoçada à muralha em pontos estratégicos e muitas vezes aparece rematada por matacães.



(10) Cf.Barroca, M.J.(2000a) Pp.805

(11) Cf.Barroca, M.J.(2000a) Pp.206

CASTELO/FORTIFICAÇÃO DE TRANSIÇÃO

Com a introdução progressiva da pólvora na arte poliorcética, transição da neurobalística para a pirobalística, em meados do século XV, as estruturas medievais tornam-se rapidamente obsoletas, necessitando assim, rapidamente, de passar por um processo de adaptação.

Não conhecendo com eficácia a potencialidade das funções patentes na pólvora, estas estruturas viriam a resultar em estruturas de carácter misto, eruditas e de grande influência nas escolas italianas.

Na transformação das estruturas medievais, para ir de encontro às necessidades apresentadas com o surgimento da pólvora na arte de combate. Mário Jorge Barroca identifica duas fases: numa primeira fase, compreendida durante todo o reinado de D. João II (1481-1495) e a primeira metade do reinado de D. Manuel (1508-1510), onde a estrutura medieval existente adquire, ainda que pontualmente, beneficiações que permitam a instalação de armas de fogo; e numa segunda fase, correspondendo à segunda metade do reinado de D. Manuel, e, prolongando-se no reinado de D. João III, repensam-se o que devem ser estas estruturas, surgindo plantas extremamente interessantes, erguendo de raiz obras que ficariam como exemplos isolados.

Segundo o mesmo, quatro experiências merecem destaque. Referindo-se à Torre de Belém, ao Castelos Novo de Évora, ao Castelo Roqueiro de Vila Viçosa e à Torre de Évora Monte. (12)

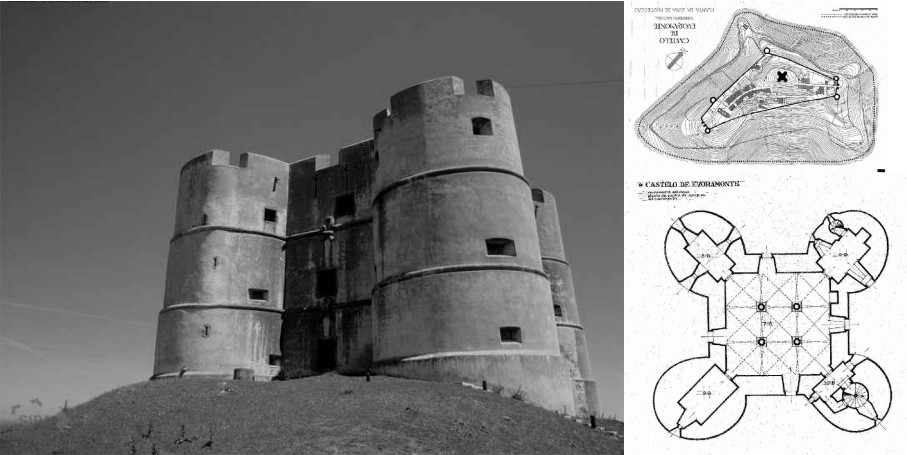
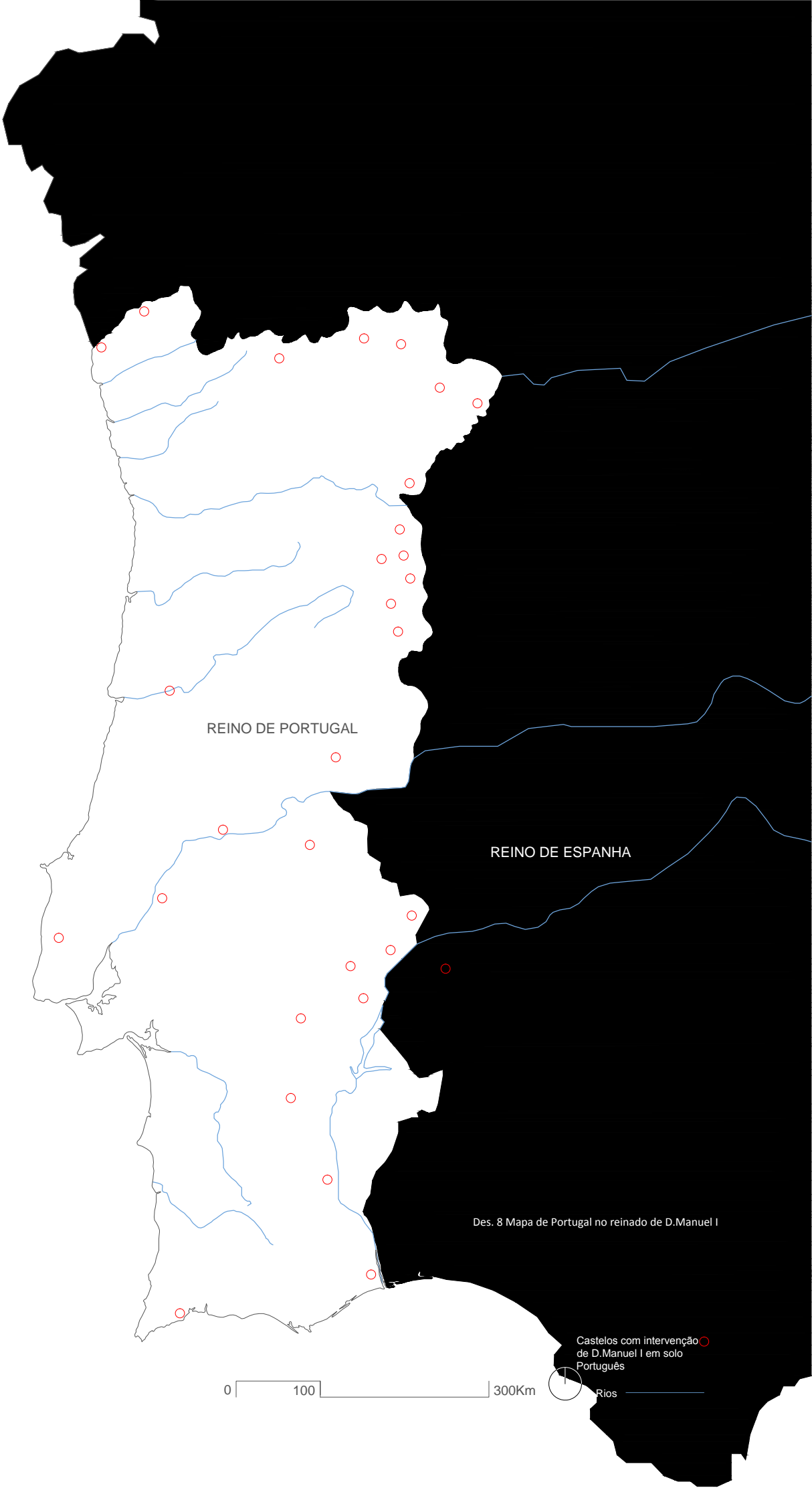


Fig.15 Paço de Evora Monte, 2012

Fig.16 Planta do Paço de Evora Monte

Por ordem cronológica, o Paço de Évora Monte é o último exemplar das quatro experiências acima citadas.

Estas obras denotam a resistência das formas tradicionais às inovações da pirobalística e, ao mesmo tempo, as várias facetas do compromisso empírico da construção castrense. O Paço de Évora Monte, que se encontra parcialmente em situação idêntica, é já do reinado de D. João III e, por isso, mais moderno nos sistemas que adoptou, prolongando aquilo que em tempos de D. Manuel fora a excepção, como sejam o Baluarte do paço da Ribeira ou a Torre de Belém. (13)



(12) Cf. Barroca, M.J. (1991) Pp.120
(13) Cf. Pereira, P. (2004) Pp.13

FORTIFICAÇÃO ABALUARTADA SEISCENTISTA/MODERNA

Se na tipologia anterior o processo passava por alguns gestos de adaptação/correção, ou, pela construção de elementos soltos, na fortificação seiscentista assistimos a uma rutura total com a tipologia na estrutura do acastelamento medieval.

A utilização progressiva e generalizada das armas de fogo e, em especial, com o aperfeiçoamento da tratadística da pólvora nas peças de artilharia, os esforços anteriormente efetuados não constituíam uma resposta eficaz ao poder bélico alcançado.

Surge, então, na primeira metade no século XVI, como resposta ao desenvolvimento e aperfeiçoamento do armamento pirobalístico e às mudanças na arte poliorcética, e prolonga-se pelo século XVII, onde atinge o seu apogeu.

A Fortificação Seiscentista/Moderna Abaluartada, independentemente de serem imponentes fortalezas urbanas, envolvendo vilas e cidades, ou pequenos fortes, apresentam várias planimetrias, consoante o seu traçado. A sua implantação dava-se em torno do existente, muitas vezes preservando as cercas medievais, levantando uma cinta de baluartes em pontos estratégicos que permitissem o tiro de fogo cruzado, ainda assim, em alguns casos, as mesmas eram derrubadas, erguendo-se estruturas puramente abaluartadas.

Cosmander, designado engenheiro militar por voz de D. João IV, construíra, em 1642, aquilo ficaria conhecido pelo cognome de coroa do reino, referimo-nos à praça de armas de Elvas, o melhor exemplo deste tipo fortificação em território nacional e, ficando também, como o maior conjunto abaluartado do mundo.



Fig.17 Elvas - vista aérea, com o Forte da Graça ao fundo, 2007

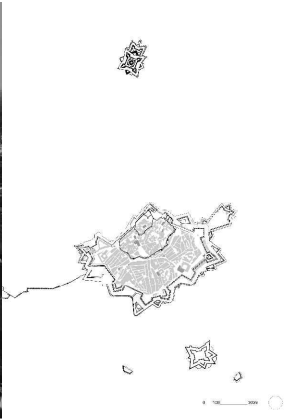
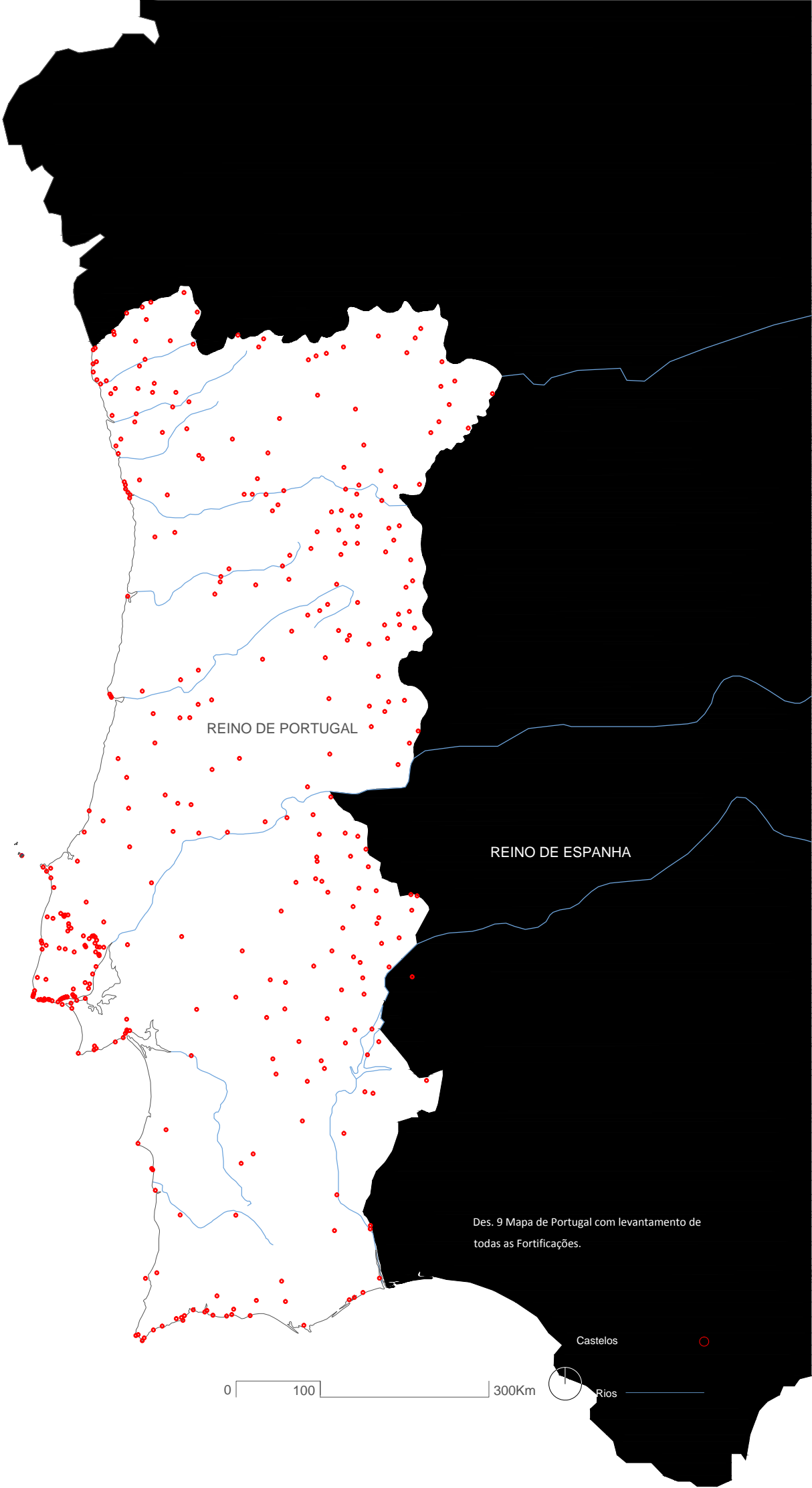


Fig.18 Planta do conjunto fortificado de Elvas



Des. 9 Mapa de Portugal com levantamento de todas as Fortificações.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, J. (1943). *O Livro das Fortalezas de Duarte de Armas*. (edição anotada). Lisboa.

Almeida, J. (1948). *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*. Lisboa.

Azevedo, P. A. (1900). *Auto d'uma posse do Castelo de Noudar e Inventario do que la existia no séc. XVI*. 1ª série. Nº 5. Pp.146 -151. Lisboa. O Archeologo Português

Barroca, M.J. (1991). *Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico*. Portugalia, Nova Série, Vol. XXIV

Barroca, M.J.(2000a). *D.Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa*. Pp.801-822 (Disponivel em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4036.pdf>> |consult. 2015.01.14|).

Barroca, M.J.(2000b) *Epigrafia Medieval Portuguesa* (862-1422). Vol. III.Lisboa

Borges, A.G.M. (1993). *Inscrições Árabes de Noudar*. *Arqueologia Medieval*. Nº 2. Pp 215-217. Porto.

Calado, H.M.P. (2007) *A raia alentejana medieval e os polos de defesa militar: o castelo de Noudar e a defesa do património nacional*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Departamento de História.

Coelho, A.M. (1986). *O Castelo de Noudar - Fortaleza Medieval*. Barrancos.

Conceição, M.T. (2011) *Os desenhos do engenheiro militar Miguel Luís Jacob e a cartografia das praças de guerra no século XVII*. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica.

Correia, L. (2010). *Castelos em Portugal - Retrato do seu perfil arquitectónico - 1509-1949*. Coimbra.

Fonseca, L.A. (2013). *Comenda das Ordens Militares: Perfil de Inserção Internacional Noudar e Vera Cruz de Marmelar*. Vol. 17. Lisboa.

Franco, N. (2000). *O Porquê de Barrancos*. Amadora.

Garcia, J.C.(1986). *O Espaço Medieval da Reconquista no Sudoeste da Península Ibérica*. Lisboa.

Gil, J. Cabrita, A. (1932). *Os mais belos castelos e fortalezas de Portugal*. Lisboa.

Jiménez, Daniel. (2013) *Plan Director de las Fortificaciones de Badajoz*

Lima, B. (1932). *Memória sobre os Forais - Noudar*, Terras Portuguesas. Vol. I. Pp. 382-384. Póvoa do Varzim.

Lobo, F.S.(2001) *Códigogenético barranquenho*, Arquitectura e Vida, Nº18. Pp 82-83

Macias, S. Torres, C. (1998). *O legado islâmico em Portugal*. Lisboa.

Páscoa, M. (1998). *Levantamento documental sobre Noudar e Barrancos existente na Torre do Tombo*. Cadernos do Museu. Nº 1. Pp. 5-38. Barrancos.

Pinto, MC. (2009). *O Douro no Gharb Al-Ándalus: A História e a arquitectura do Douro entre os séculos VIII e XII*. Ufp. Porto

Raposo, J. (2001). 300 *Sítios Arqueológicos Visitáveis em Portugal*. Al-madan. Almada.

Rego, M. (1994). *Investigações arqueológicas no Castelo de Noudar - Arqueologia en el Entorno del Bajo Guadiana*. Actas del Encuentro Internacional de Arqueologia del Suroeste. Pp. 37-53. Huelva.

Rego, M. (2003). *A Ocupação Islâmica de Noudar*. Arqueologia Medieval. N. 8. Pp 69-82. Porto.

Sequeira, G. M. (1909). *Noudar, Fortaleza Militar do século XVI* - notícia histórica. Boletim da Associação dos Architectos Cívís e Archeólogos Portuguezes. Vol. 11. Nº 10. Lisboa.

Silva, A. L. (2011). *Boas práticas. Castelo de Noudar: A reconstrução da torre sudoeste*. Pedra e Cal. Nº 51. pp 18-19. Lisboa.

Torres, C. (1985). *Noudar-1982. Informação Arqueológica*. Nº 5. Pp 39-40. Lisboa

WEB

(<<http://digitarq.dgarq.gov.pt/>>|consult. 14-01-2015|).

(<<http://www.monumentos.pt/>>|consult. 02-01-2015|).

(<<http://www.amigosdoscastelos.org.pt/>>| consult. 18-01-2015|).

(<<http://sidcarta.exercito.pt/>>| consult. 23-01-2015|).

(<<http://www.patrimoniocultural.pt>>|consult 20-02-2015>).

(< <http://www.avesdeportugal.info/>>|consult. 08-09-2015).

(<https://www.youtube.com/watch?v=D_4JD4zJ_EA>| consult. 21-08-2015).

(<<https://www.alquevadarksky.com/>>|consult. 24-02-2015|)

(<<https://www.youtube.com/watch?v=B2-ak8DjMHU/>>| consult. 23-01-2015|).

(< <https://www.youtube.com/watch?v=dXhsEgnXODE>> consult. 23-01-2016)

(<https://www.youtube.com/watch?v=D_4JD4zJ_EA>|) consult. 21-08-2015)

ÍNDICE DE IMAGENS

Fig.1 Ortofotomapa modificado pelo autor

Fonte: (<http://www.bing.com/maps/ |consult. 15-09-2014)

Fig.2 Carta de Portugal, Álvaro Seco, 1561

Fonte:(<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4d/Portugalliae_1561_%28Baseado_n o_primeiro_mapa_de_Portugal%29-JM.jpg> | consult.01-02-2015)

Fig.3 Castelo Roqueiro de Pena de Aguiar, sem data

Fonte:(<http://www.cpisantiago.pt/wp-content/uploads/2012/03/Castelo-de-Aguiar-Vila-Pouca-de-Aguiar.jpg> | consult. 08-09-2015)

Modificada pelo autor

Fig.4 Planta do Castelo Roqueiro de Pena de Aguiar

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00005795 (<http://www.monumentos.pt/|consult. 08-09-2015)

Fig.5 Castelo Califal de Gormaz,Soria, Espanha

Fonte:(< http://tramullas.com/castillo-califal-de-gormaz-soria/>

|consult. 08-09-2015)

Modificado pelo autor

Fig.6 Planta do Castelo Califal de Gormaz,Soria, Espanha

Fonte:(< http://www.soriaymas.com/ver.asp?tipo=articulo&id=2061> | consult. 08-09-2015)

Fig.7 Castelo de Trancoso, 1994

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00004056 (<http://www.monumentos.pt/|consult. 08-09-2015)

Fig.8 Planta do Castelo de Trancoso, 1994

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00004056 (<http://www.monumentos.pt/|consult. 08-09-2015)

Fig.9 Castelo de Guimarães, 1995

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00001060 (<http://www.monumentos.pt/|consult. 08-09-2015)

Modificado pelo autor

Fig.10 Planta do Castelo de Guimarães

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00001060 (<http://www.monumentos.pt/|consult. 08-09-2015)

Fig.11 Torre Albarrã do Castelo de Silves, 1986

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00001288 (<http://www.monumentos.pt/|consult. 08-09-2015)

Modificado pelo autor

Fig.12 Planta do Castelo de Silves, 1986

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00001288 (<http://www.monumentos.pt/|consult. 08-09-2015)

Fig.13 Castelo de Amieira do Tejo, 1992

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00514010 (<http://www.monumentos.pt/|consult. 08-09-2015)

Modificado pelo autor

Fig.14 Planta do Castelo de Amieira do Tejo, 1992

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00010824 (<http://www.monumentos.pt/|consult. 08-09-2015)

Fig.15 Castelo do Paço de Évora Monte, 2012

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.01013607 (<http://www.monumentos.pt/|consult. 08-09-2015)

Fig.16 Planta do Castelo Paço de Évora Monte, 2012

Fonte: Sistema de informação para o património arquitetónico (SIPA)

IPA.00000839 e IPA.00000843 (<http://www.monumentos.pt/|consult. 08-09-2015)

Fig.17 Fortificação de Elvas, 2007

Fotografia de João Setoca

Modificado pelo autor

Fig.18 Planta do Conjunto Fortificado de Elvas

Executada pelo autor

ÍNDICE DE DESENHOS

Des. 1 Península Ibérica ano 750

Realizado pelo autor com apoio no mapa disponível em:

Fonte:(<http://explorethemed.com/ReconquistaPt.asp?c=1>|consult.08-09-2015)

Des. 2 Península Ibérica ano 910

Realizado pelo autor com apoio no mapa disponível em:

Fonte:(<http://explorethemed.com/ReconquistaPt.asp?c=1>|consult.08-09-2015)

Des. 3 Península Ibérica ano 1000

Realizado pelo autor com apoio no mapa disponível em:

Fonte:(<http://explorethemed.com/ReconquistaPt.asp?c=1>|consult.08-09-2015)

Des. 4 Península Ibérica ano 1031

Realizado pelo autor com apoio no mapa disponível em:

Fonte:(<http://explorethemed.com/ReconquistaPt.asp?c=1>|consult.08-09-2015)

Des. 5 Península Ibérica ano 1150

Realizado pelo autor com apoio no mapa disponível em:

Fonte:(<http://explorethemed.com/ReconquistaPt.asp?c=1>|consult.08-09-2015)

Des. 6 Península Ibérica ano 1210

Realizado pelo autor com apoio no mapa disponível em:

Fonte:(<http://explorethemed.com/ReconquistaPt.asp?c=1>|consult.08-09-2015)

Des. 7 Mapa de Portugal no reinado de D.Dinis

Realizado pelo Autor com base no de desenho da obra de Barroca:

Fonte: Barroca, M.J.(2000a)

Des. 8 Mapa de Portugal no reinado de D.Manuel I

Realizado pelo Autor com base no desenho da obra de Barroca:

Fonte: Barroca, M.J.(2000a)

Des. 9 Mapa de Portugal com Fortificações

Realizado pelo Autor com apoio em ortofotomapa

CASTELO NOVO DE ÉVORA: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO ARQUITETÓNICA.

Direção de História e Cultura Militar, Lisboa, OUT 2016.



Museu Militar de Lisboa, Lisboa, NOV / DEZ 2016.



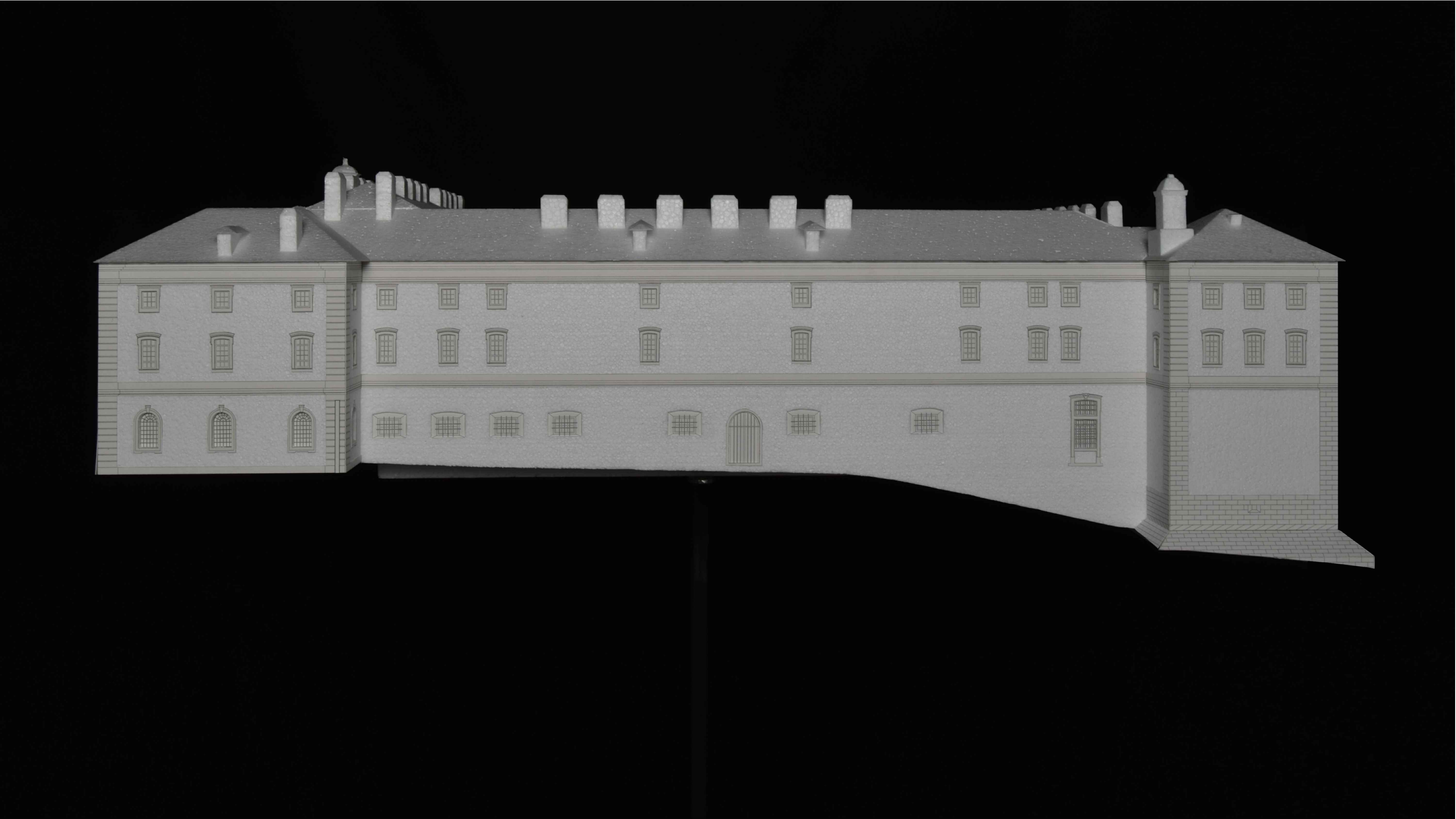
Museu Militar de Elvas, Elvas, JAN / FEV 2017.

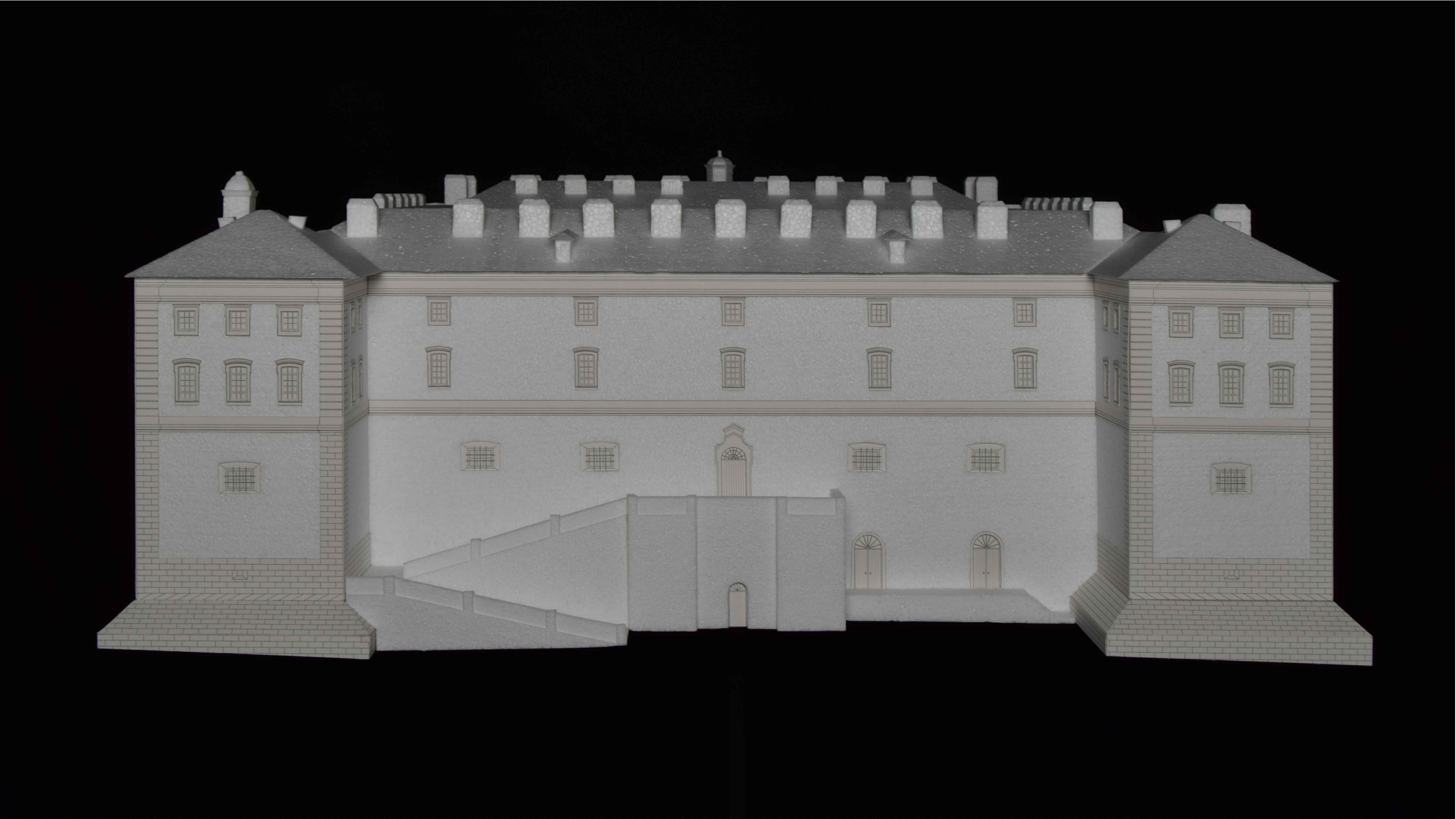


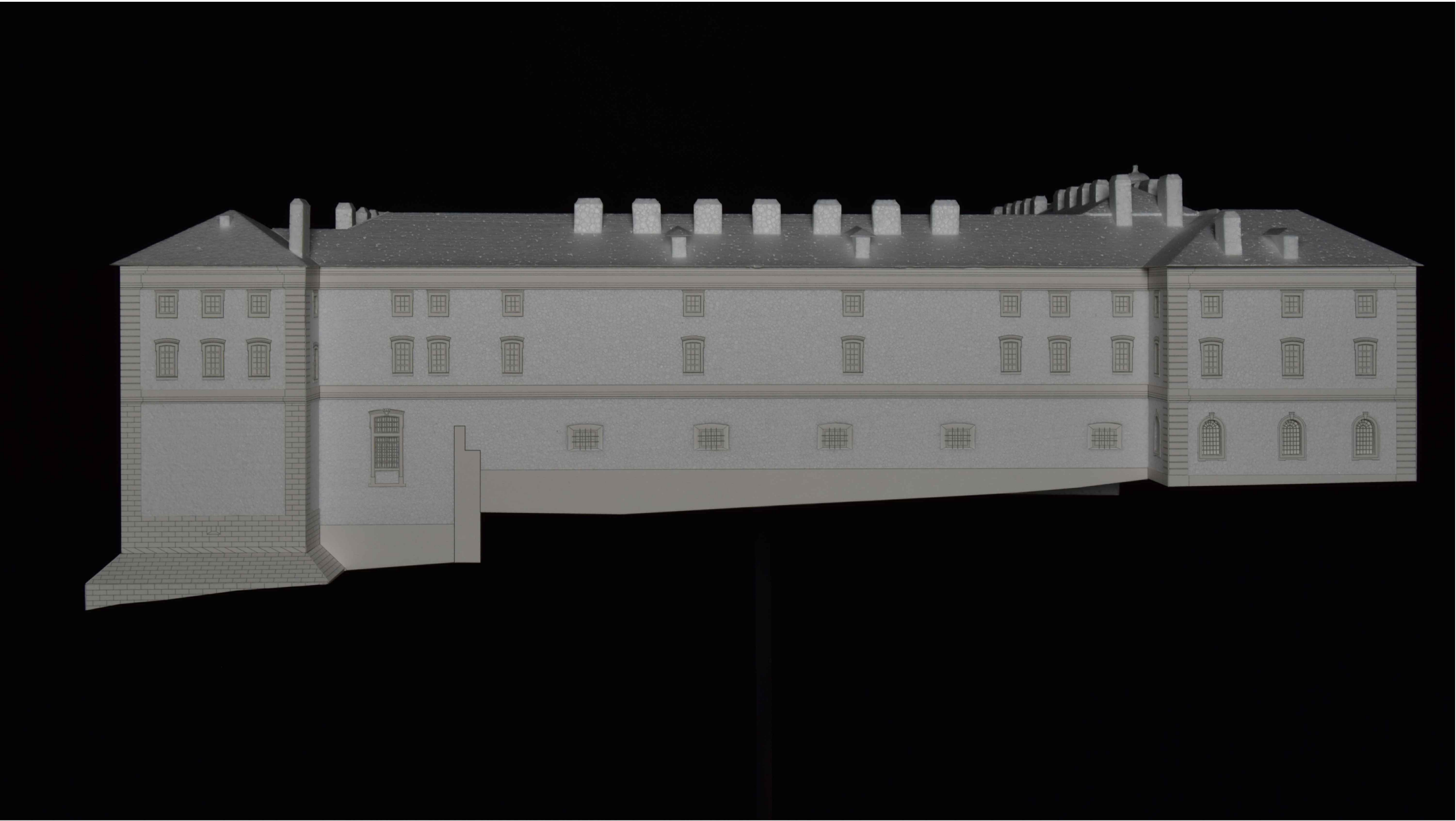
Complemento fotográfico dos elementos produzidos em apoio à investigação desenvolvida.

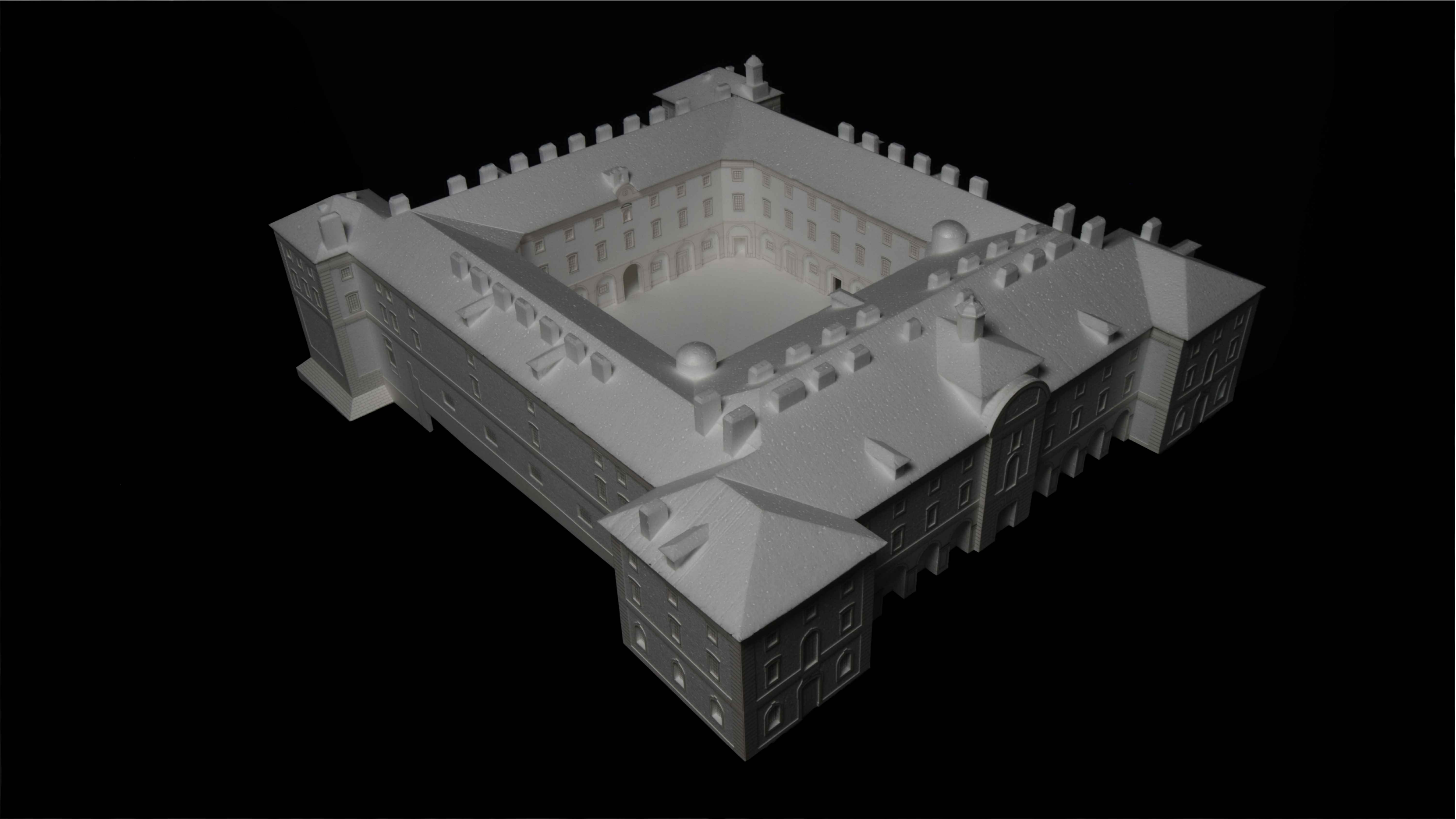


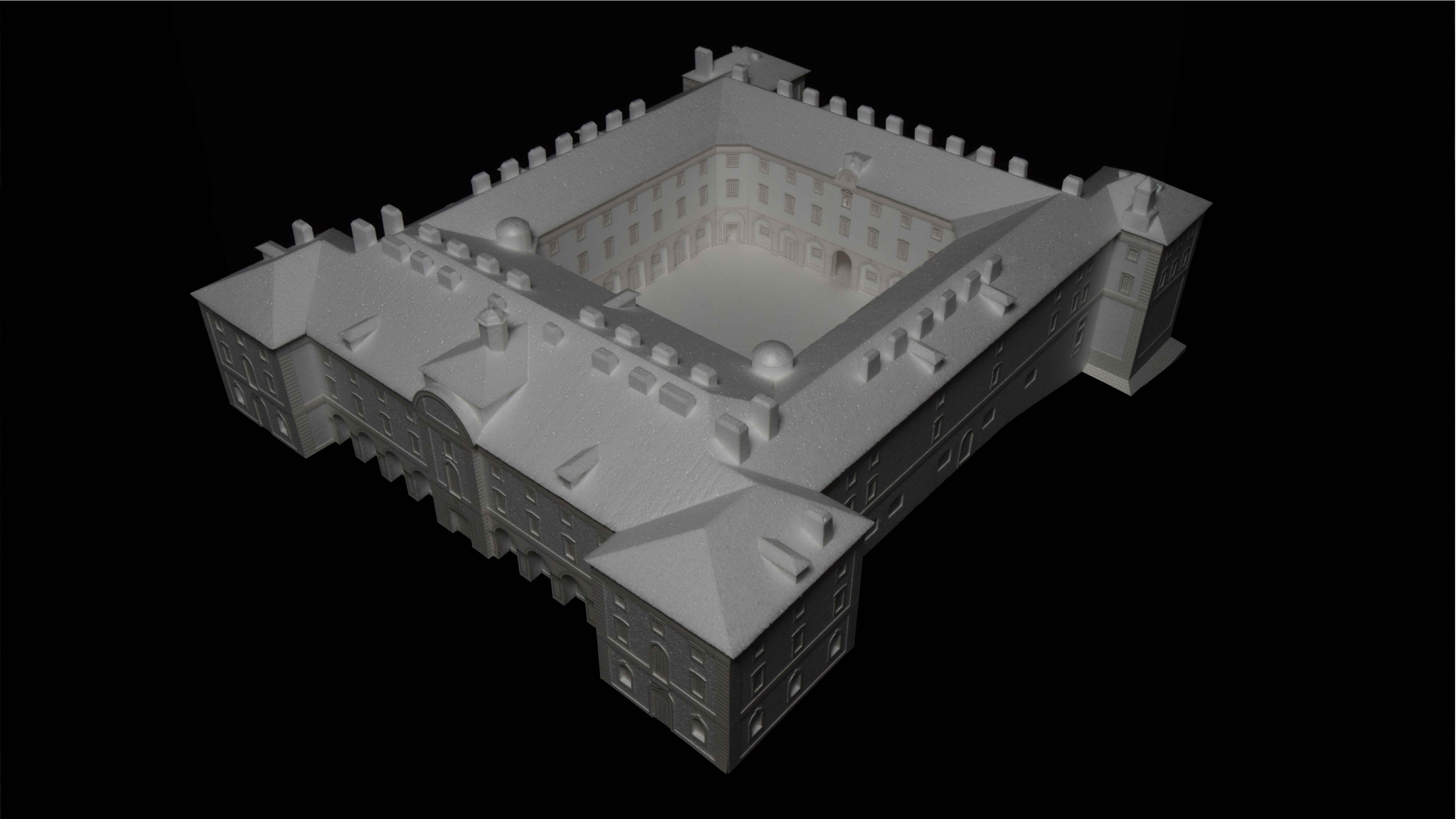


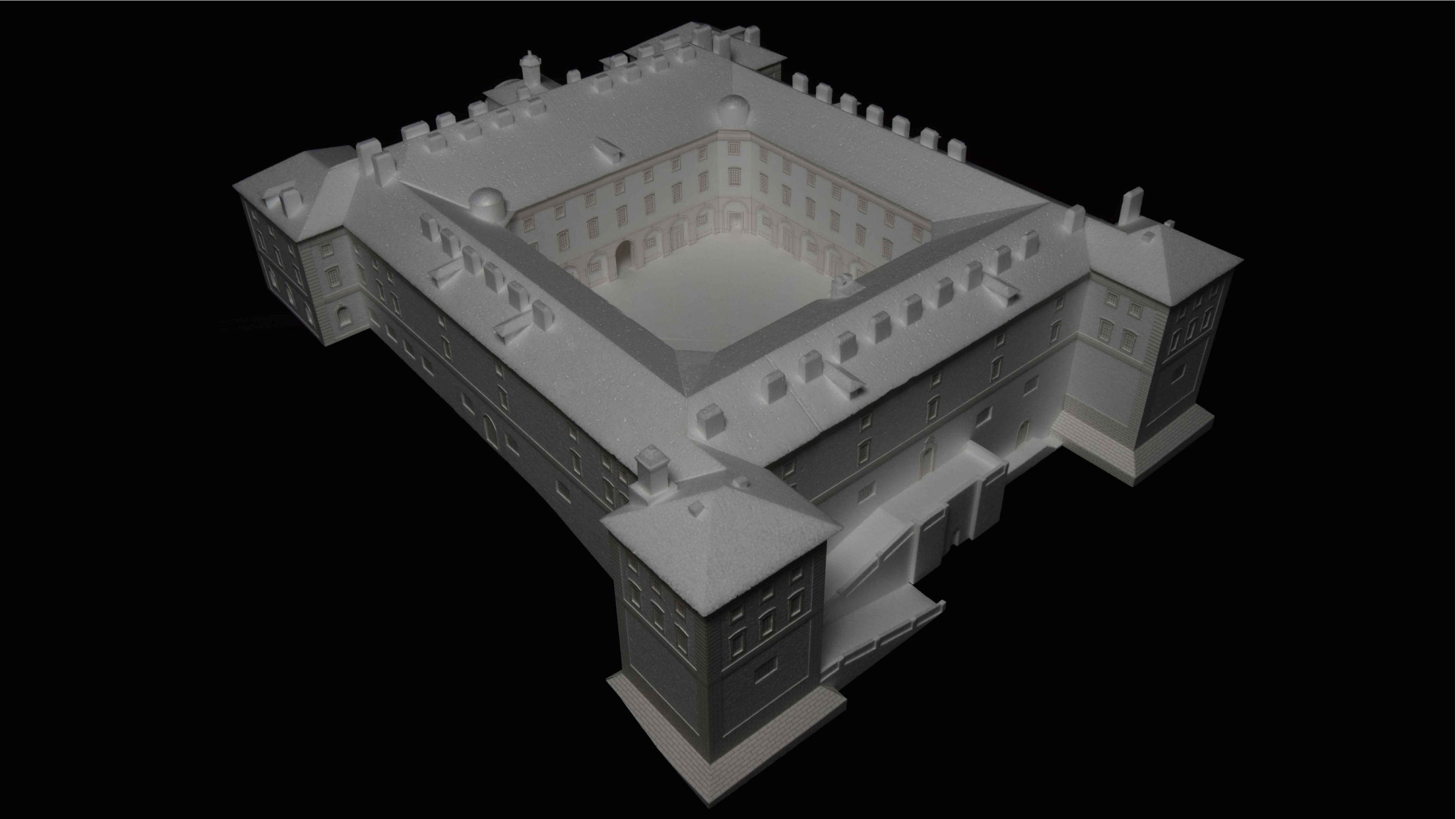


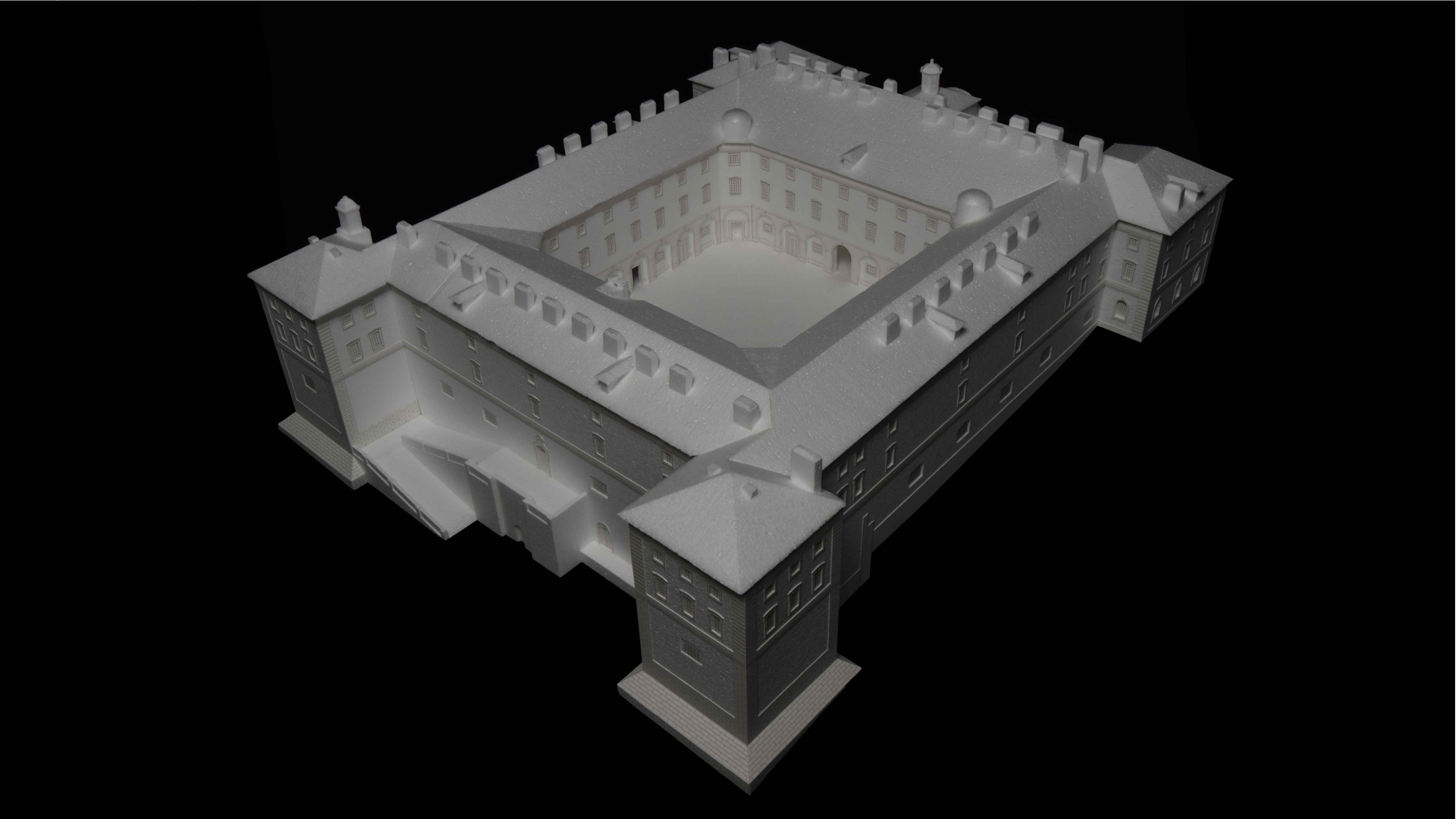














CASTELO NOVO DE ÉVORA
ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO ARQUITETÓNICA